ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 6 DE MAIO DE 1971 N.º 17 374 ANO 51.º PREÇO 1$50

TAPETES CARPETES
Carpélio
UM PRODUTO DA CARPELIO MALHAS
DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO
ELIO AMORIM & FILHO LDA

PROCESSO CONTRA O CASAL McCARTNEY

NOVA YORK, 6 — (R.) — Foi intentada ontem pela «Northern Songs», no Supremo Tribunal do Estado, uma acção por quebra de contrato contra o antigo «Beatle» Paul McCartney e sua mulher Linda, na qual pede uma indemnização de 2 030 000 dólares (59 780 contos).

A «Northern Songs» afirma ter os direitos exclusivos das canções de Paul McCartney. Na acção alega-se que o ex-«beatle» deixara de prestar serviço exclusivamente á «Northern Songs», editores musicais, e que McCartney não se esforçara por fazer a publicidade das suas obras.

Na minuta diz-se ainda que a sr.ª McCartney, como colaboradora do marido na composição da canção «Another Day», interferiu injustificadamente com os direitos da «Northern Songs» e da McLen Music Incorporated, de Nova York, que possui os direitos nos Estados Unidos da obras do antigo «Beatle».

Na acção pretende-se também que a sr.ª McCartney seja proibida de colaborar novamente com o marido.

A CRISE MONETÁRIA PODE SER A MAIS GRAVE DESDE A GUERRA

NOVA YORK, 6 — (R.) — O «New York Times» previne hoje em editorial que a crise do dólar poderá vir a ser a mais grave crise monetária do pós-guerra.

No seu editorial intitulado «A crise do dólar» o jornal americano diz que esta crise já estava em fermentação há muito tempo, mas rebentou mais cedo e com maior intensidade do que se esperava.

Salientando que os bancos europeus deixaram de comprar dólares para travar o

(Continua na 17.ª página)

Reflexo em Portugal

SUSPENSA A COMPRA DE DÓLARES

O Grémio dos Bancos e das Casas Bancárias não forneceu hoje cotação para a compra de dólares. Todas as outras moedas — incluindo a venda de dólares — foram, no entanto, cotadas normalmente.

Por outro lado, o Banco de Portugal continua sem fornecer cotações para transferências e, consequentemente, não executa qualsquer operações de compra e venda de moedas estrangeiras. A situação, tal como foi ontem comunicado, manter-se-á até novo aviso.

AQUI ONDE A VÊEM ELA TEM VENDIDO MUITOS CHARUTOS. Foi a pele sedosa e lindamente bronzeada de Nora Anne que atraiu os fabricantes de charutos. Agora, ela aparece nos «écrans» da televisão e dos cinemas anunciando os bons «havanos». Quando não colabora na venda do tabaco, a bela Nora «passa» fatos de banho como o que vemos na gravura

Aumenta dia a dia, em Portugal, o interesse por assuntos relacionados com a energia nuclear. Hoje, um simpósio sobre aspectos do problema levou á F. I. L. cerca de 150 técnicos (Ler na pág. 8)

TRAVAMOS A BATALHA DA PROMOÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

— AFIRMOU O DR. SILVA PINTO AO EMPOSSAR DELEGADOS DO I. N. T. P.

PORTO, 6 — O secretário de Estado do Trabalho rejeitou hoje, nesta cidade, rótulos de esquerda e de direita para a acção do Ministério das Corporações, que apontou como sendo uma «decisiva batalha de promoção e de desenvolvimento».

O dr. Silva Pinto, parafraseando o prof. Marcello Caetano, admitiu que os homens do I. N. T. P., elementos do Ministério das Corporações, já terão recebido, «na apressada qualificação de certos

(Continua na 19.ª página)

HOJE 32 PÁGS. VISADO PELA CENSURA

O QUE ESTÁ AO SEU ALCANCE

Que está ao alcance do leitor do «Diário de Lisboa»? Magníficos prémios e excelentes possibilidades de realizar viagens e ainda de obter artigos do maior valor e utilidade. E tudo isto, apenas pelo facto de ser leitor do nosso jornal. Nunca, em qualquer época, iniciativa semelhante foi levada a efeito. E, afinal, nesta realização, apenas pelo facto de ser leitor pode vir a conquistar prémios valiosos e, talvez — quem sabe? — realizar o sonho até agora julgado inacessível: visitar uma das grandes cidades do mundo.

(Continua na pág. seguinte)

LEITOR DO Diário de Lisboa

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

Ao alcance dos leitores do «Diário de Lisboa» estão, pois, apartamentos mobilados em Paço de Arcos, um dos quais com um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares, constitui o primeiro prémio desta segunda fase da nossa iniciativa; viagens às grandes capitais do mundo e ainda artigos do maior valor e utilidade.

A COLABORAÇÃO DA CASA AFRICANA

Registamos também nesta segunda fase da iniciativa com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso jornal, a colaboração da Casa Africana, que instituiu como prémios qualquer coisa de muito aliciante: nada menos de 12 confecções de vestuário masculino (constituídas por fato, camisa, gravata, cueca, camisola e peúgas), executadas na sua modernissima secção de pronto a vestir. Essas confecções destinam-se às duas listas de prémios instituídas: a dos leitores e a dos agentes e vendedores que, como se sabe, desde que os seus nomes venham referidos nos cupões-duplos de identificação, estão, também, habilitados a prémios magníficos.

Colaboração de grande interesse esta que registamos hoje e que traz com ela o prestígio de uma das mais antigas organizações comerciais e que continua a ser dos mais modernos e actualizados estabelecimentos da «baixa» lisboeta, com as suas eficientes secções de pronto a vestir para homem, senhora, jovens e crianças, a actualizadíssima secção de camisaria, as suas secções de malhas e artigos para criança e enorme sortido de artigos nacionais e ainda uma vasta gama de tecidos de lã, seda e algodão que a fazem considerar umas das importantes empresas no país do seu género. Também a Casa Africana, o elegante e tão conhecido estabelecimento da R. Augusta colabora na nossa iniciativa. Mais uma garantia para os prémios instituídos que estão a despertar o interesse e o entusiasmo de muitos milhares de pessoas, pois tantos são os que reconhecem valer a pena continuar a ser leitor do «Diário de Lisboa». De facto, os prémios são de tentar.

CORRESPONDÊNCIA

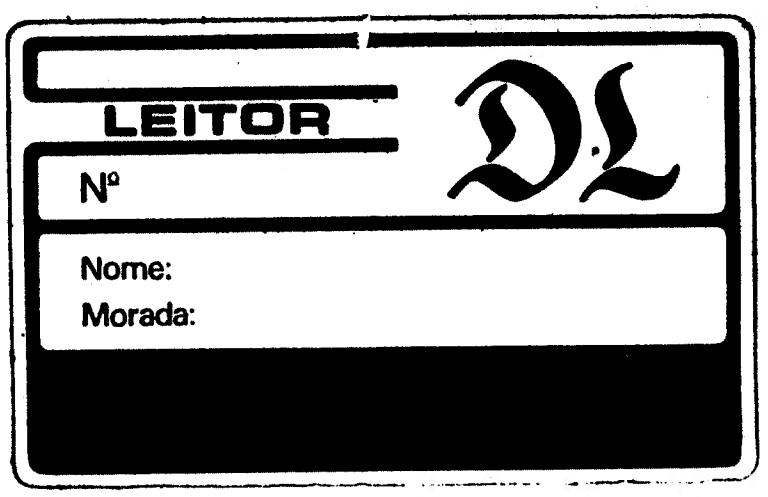
Toda a correspondência (incluindo a que se refere ao envio de cupões) deve ser dirigida a LEITOR DO «DIÁRIO DE LISBOA» Rua Castilho, 185-1.º — Lisboa-1.

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se assinaturas do «Diário de Lisboa» pelo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os exemplares pretendidos, com os preços seguintes:

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado em cheque ou selo de correio.



A gravura reproduz o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa», que será enviado a todos os participantes na iniciativa, com o número que os habilitará ao sorteio de magníficos prémios

JORNAIS ATRASADOS

Os pedidos de jornais atrasados devem ser sempre acompanhados da respectiva importância em selos, cheque ou vale de correio correspondendo 1$50 por cada jornal solicitado.

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense); e um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchnette», quarto e casa de banho, em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L., (com um seguro pelo prazo de um ano no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala comum, «kitchnette» e casa de banho, em moderno edifício construído e mobilado por J. Pimenta, S. A. R. L. (com um seguro pelo prazo de um ano, no valor de 600 contos, instituído pela Companhia de Seguros Garantia Funchalense).

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro em aviões da VARIG e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Canadá, nos aviões da CANADIAN PACIFIC com estadia em Montreal e Toronto e visita ás Cataratas do Niagara.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

11.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

12.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcain» de pulso para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Um conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela CASA AFRICANA. Um relógio «VULCAIN», de pulso, para homem.

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

ESTES SÃO OS CUPÕES QUE O LEITOR TERÁ DE ENVIAR UMA SÓ VEZ

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO—O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores, que já tomaram parte na primeira, estão automàticamente habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

A REABILITAÇÃO DE DEFICIENTES E AS SOCIEDADES ACTUAIS

I — O INVÁLIDO E AS SOCIEDADES HISTÓRICAS

Quaisquer que tenham sido as sociedades, estas sempre conheceram e até se inquietaram com os problemas postos por aquela parcela da população que por umas razões ou outras têm experimentado dificuldades em se adaptar aos padrões de vida, socialmente tidos por reconhecidos e aceites.

A uma certa estabilidade nas estruturas sociais e seus sistemas de referência poderia corresponder uma suposta constância daqueles factores que no indivíduo determinariam «à priori» a sua condição de inadaptado, tolerado ou de conformidade. Porém, a conhecida mutação destas estruturas, dos juízos e escala de valores, têm sobretudo alterado, senão alargado, o conjunto dos requisitos que, hsitòricomente, têm vindo a definir a condição social do indivíduo, sobretudo avaliado pelo seu ser, estar e/ou realizar; mas a inadaptação, como facto de marginalização social tem persistido milenàriamente para inquietação e assombro das sociedades. E as soluções ou tentativas de soluções actuais, longe de serem ainda uma forma acabada, são mais um sinal de «mea culpa» duma situação consentida pelo Homem histórico.

Por FORTUNATO CUNHA

Efectivamente, uma das razões, ao que supomos das mais importantes e que tem produzido maior quantidade de inadaptações, resulta daquela circunstância que sempre fez identificar no indivíduo a aparência e saúde físicas em geral com a aptidão e capacidade para realizar tarefas; por isso, as comunidades primitivas ao perseguirem e eliminarem do comum do seu viver os indivíduos portadores de mazelas ou malformações físicas visíveis, não faziam mais do que lhes afirmar a sua inutilidade, a sua incapacidade; a razão estava em que, quer a sobrevivência quer a riqueza de tais comunidades, se avaliavam em função do potencial físico disponível para atender às necessidades em alimentação e defesa; era assim, a par das crenças de madição e dos receios de contágio, que se desejava a morte ao nascituro malconformado. Por isso tal prática e atitudes sociais acabaram por generalizar e fazer aceitar aquela noção de que ao indivíduo portador duma qualquer malformação, sobretudo física, correspondia sempre uma incapacidade para exercitar ou produzir coisa útil; e ao indivíduo assim julgado saber-lhe-ia fatalmente o designativo de «inválido», de «incapaz», circunstância bastante para ser simplesmente rejeitado da convivência comum ou até da convivência familiar.

Eis, cremos, as razões de base dum ordenamento socio-jurírico que, durante vários séculos haveria de estabelecer e presidir àquelas relações que opuseram como que «fortes» a «fracos»; e sempre que as sociedades modernas, quiçá as actuais, experimentam dificuldades em encontrarem a melhor fórmula que sirva de reconhecimento dum novo ordenamento de substituição, é porque o «consensus» social se encontra ainda fortemente vinculado àquela concepção tradicional, e apesar dos grandes movimentos doutrinários, da constante evolução dos mecanismos que entretanto favorecem uma resposta mais justa e humana, só a animosidade social vem custando de acompanhar esta mutação.

A primeira tomada de consciência, de empreendimento doutrinário e sistemático, deve-se essencialmente ao Cristianismo; com efeito, é da espinhosa apostolicidade dos seus princípios — fraternidade e igualdade entre os Homens — que os «inválidos» ascenderiam ao convívio dos pobres de Deus; mas numa primeira fase, a alteração produzida no sistema de relação social e sobretudo nos primeiros séculos, não foi além de, mesmo assim, criar e instituir a esmola e a beneficência, como as formas legítimas do viver dos desfavorecidos. Tratava-se de edificar e dar corpo ao santuário das Obras de Misericórdia, secular acolhimento daqueles que, varados pelas guerras, pestes ou pela fome, não teriam outro refúgio senão valerem-se do acaso da esmola compassiva ou então resignarem-se á fatalidade duma sorte em todo o caso adversa.

Mas tratou-se ainda e sobretudo de estabelecer as bases sólidas duma assistência ou protecção que cuidará não só já o mal físico do indivíduo mas também dos seus problemas materiais, espirituais e até os decorrentes da vida de relação; ainda hoje se conhecem os benefícios prestados a coberto desta assistência, a despeito da transformação económico-social que entretanto se tem vindo a operar nas sociedades.

Mas olhemos o quadro da organização social para assim se formular um juízo valorativo sobre os factores que, directa ou indirectamente, consentiam no «statu quo» do indivíduo que, por razões invalidantes, se constituía membro da classe desfavorecida; a Medicina não alcançara ainda aquele estádio de desenvolvimento capaz de evitar que o doente, mormente o acidentado, alcançasse primeiro a morte que o estado de invalidez; a actividade económica não era de molde nem a proporcionar uma melhor esperança de vida, nem tão-pouco a poder absorver uma mão-de-obra eventualmente acrescida de reabilitados. Nesta conformidade ás sociedades políticas pouco mais lhes assistia que não fosse sancionarem a ordem e o costume sociais ou então participarem na mitificação dos exemplos daqueles indivíduos que apesar de tudo ultrapassavam a barreira social das limitações. Só a pressão exercida pela corrente dos pensadores e estudiosos do humanitarismo não cessará, outrora como hoje, de inquietar a consciência do Homem que parece adormecido.

O final do séc. XVIII e sobretudo o séc. XIX chegariam e com eles a perspectiva de uma organização social nova, diferente pois o Homem conheceria a proclamação dos seus direitos fundamentais. Por outro lado, ortopedia, hoje tida como processo importante na acção reabilitadora, havia já começado a sua individualização relativamente á Medicina; a conhecida revolução industrial preparava-se para, com base num novo sistema de produção em massa, indicar as vias para o bem-estar da Humanidade; a Liberdade ou melhor, as consequências do livre exercício dos direitos individuais começavam de criar situações frequentemente piores que as dos tempos absolutistas, quando afinal se supunha que aquela havia sido reclamada para aqueles que experimentavam condições sócio-económicas de nível inferior. A propósito, Lacordaire definira a filosofia política do momento: «entre o forte e o fraco é a liberdade que oprime e é a lei que liberta».

Por força de tal problemática, os actos dos poderes políticos ao deverem ser comparados com aqueles direitos, vêem-se frequentemente limitados pelos princípios da Liberdade e do individualismo, seu corolário; a cada instante se reclamava uma intervenção legal que, por arrojada, pusesse cobro á arbitrariedade acontecida na condição dos homens; e isto porque a liberdade parecia existir sòmente em proveito duma minória de privilegiados, a maioria, desfavorecida, vivia a insegurança da vida.

Aqui se radicam, quanto a nós, as razões básicas duma resposta nova ao problema social, velho de milénios; qualquer que venha a ser a solução atribuível ao indivíduo portador duma qualquer malformação (congénita ou adquirida), sê-lo-á menos por se tratar dum «inválido» ou «incapaz» ou até, conforme conceptualização actual, como DEFICIENTE; ela será o prolongamento e a efectividade da nova doutrina social, cujo santuário se pretende agora erigir sob a égide dos direitos fundamentais do Homem, tão necessitado de justiça e segurança sociais.

A seguir: II — O Inválido e a Previdência Social.

Um livro ímpar no estudo dos problemas que aborda e pela forma como os expõe. Mediante a análise do problema, o autor julga vislumbrar um tipo de socialismo que, independente nos domínios ideológico, político e económico, seria a solução para a crise do continente africano

com a garantia de
PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

NOTA do dia

O VAGO E O CONCRETO

O COMUNICADO DA REUNIÃO do Conselho de Ministros realizado esta semana é dos mais concisos que têm sido publicados desde que se instalou o actual «new style». Primeira parte: «O Conselho aprovou alguns decretos-leis sobre assuntos correntes e ocupou-se especialmente do exame da conjuntura política, económica e social». Segunda parte: «Os diversos ministros expuseram os problemas mais instantes dos seus ministérios». Conclusão: «No final o Presidente do Conselho» considerou «serem animadores os sinais quanto às perspectivas imediatas em todos os sectores». Se as duas partes meramente expositivas são tão vagas que poderiam servir para qualquer semana, da parte conclusiva se pode dizer que ela se apresenta com um sabor de verdadeira raridade.

Quem não se lembrar de cor quantos e quais são e pela ordem os departamentos ministeriais existentes pode pegar no «Diário do Governo» e, para exercício, ver quais são as pastas e, para cada uma, procurar na sua memória quais os problemas que a si próprio lhe parecem fundamentais e quais deles são aqueles para que neste momento julga legítimo que se esperem soluções. E que soluções. Exercício esse, aliás, que sugerimos ao leitor para seu próprio passatempo e ginástica e também porque, da nossa parte, preferimos ficar pelo concreto deixando a quem tiver tempo e feitio a incumbência de se arvorar saragoçano, naturalmente muito mais ao alcance de quem o for para uso próprio do que para quem, por gosto ou imperativo, tenha de estar presente na praça pública... onde em geral está o pelourinho.

Pois revertemos hoje a um dos sectores que dizem ser da nossa predilecção e é, o da Saúde. No discurso que o respectivo secretário de Estado fez no encerramento das «Jornadas da Europa Médica» foram revelados alguns princípios que, como gerais, são sabidos, mas têm a novidade do seu concatenamento e da sua localização no sector. Não se dirá, com efeito, que seja novidade falar de investigação científica, que é hoje um bordão a que se encosta o mastigar de muita banalidade. Mas é novidade entre nós introduzi-la em relação a problemas que são do nosso tempo e em relação aos quais pouco ou quase nada temos sido capazes de andar pelos nossos próprios meios. São eles, especificadamente, alguns daqueles a que os anglo-saxónicos deram nomes que podem traduzir-se por «ambiente» e «comportamento».

Ideia geral proposta: «O estado sanitário do País só evoluirá com a rapidez desejada se pudermos basear o planeamento das tarefas a empreender em estudos que nos indiquem quais as soluções mais adequadas para as dificuldades existentes, algumas delas já resolvidas noutros países. Há que atender ainda a que o progresso científico e o consequente desenvolvimento tecnológico, com os seus reflexos práticos na vida do trabalho, transportes, urbanização, etc., criar ràpidamente condições ambienciais desfavoráveis a uma boa saúde em sectores ou extractos importantes da população. Torna-se portanto urgente organizar a investigação, de forma a poderem estudar-se metòdicamente os nossos próprios problemas (...)». Muito bem. A lição alheia não é de desprezar, mas a nossa realidade também não.

Para tudo isso pensa-se na «criação de um organismo capaz de orientar e coordenar» núcleos dedicados à investigação em sectores relacionados com a saúde. E aqui apetece dizer alto, vamos a ver como é. Já temos o Instituto de Alta Cultura, na dependência do Ministério da Educação, temos a Junta de Investigação do Ultramar que investiga principalmente na metrópole, temos a Junta de Investigação Científica e Tecnológica na Presidência do Conselho que abrange todos os departamentos incluindo os militares. Tudo isto orienta e coordena. Vamos ter mais um organismo orientador e coordenador, agora na Saúde? Acabará por se tornar necessário coordenar tanta coordenação.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

FINALMENTE!
SÃO JORGE PROGRAMAÇÃO RANK
2.ª SEMANA
a comédia que faltava de
BILLY WILDER
THIS PICTURE IS FOR ADULTS ONLY
KISS ME, STUPID
BEIJA-ME, IDIOTA
DEAN MARTIN • KIM NOVAK
RAY WALSTON

United Artists
adultos
RANK FILMES

Para ela uma fuga para o futuro
Para ele uma fuga do passado
O MUNDO DOS ALUCINOGENIOS

VIDAS PROIBIDAS

EXCLUSIVOS TRIUNFO COLORIDO Maiores de 17 anos

NO SÃO LUIZ

Jean Marais foi Cyrano de Bergerac

«Cyrano de Bergerac», comédia heróica, em 5 actos, de Edmond Rostand. Encenação de Paul-Émile Reiber. Cenário de Roger Harth. Figurinos de Roger Pellerin. Intérpretes: Jean Marais, Anne-Marie Lefol, Michel Herbault, Maurice Risch, Jean-Michel Dhermay, Alain Hitier, Jean Gras, etc.

Eis um clássico, em certos aspectos (o conceito do heroi, por exemplo) envelhecido, que apresenta, no entanto, uma surpreendente modernidade. Não no que há de excessivo no protagonista, que parece mais digno de Shakespeare de que da cartesiana literatura francesa; não nas estruturas dramáticas (embora o início represente uma cena de teatro no teatro que não deixa de ter interesse) nem na linguagem, onde, aliás, se encontram invenções (?) fulgurantes (*ridicoculise, délabyrinthez*); nem nesta história de amor em que o amor tem o rosto de um *furor triste*. O que há de moderno na peça de Rostand é a força da palavra, a presença decisiva da palavra como tal.

Cyrano é um poeta: que vive das/nas palavras. Não quero dizer com isto que não ame sinceramente Roxane, mas ama-a muito nas palavras em que o seu amor habita, palavras que constroem também (principalmente?) o seu amor. Por isso se compreende que se sinta feliz (criador) comunicando apenas pela palavra (como se esta fosse de outro) com Roxane. Pelo contrário, Christian não é homem de palavras — o seu amor não se realiza porque não se comunica. A célebre cena da varanda é exemplar: Cyrano fala para Roxane como se fosse Christian. Este está presente mas não fala. É como se ambos se eliminasse mutuamente e ficassem só as palavras. Uma voz na noite — é como Cyrano se define. Palavras na noite, brilhantes como pequenas luzes, contendo uma música inefável para os espantados ouvidos de Roxane. Será ainda depois, contudo, que Roxane verificará o amor de Christian: através das cartas que dele recebe. Mas as cartas são escritas por Cyrano. Nas palavras escritas Roxane encontr- sem saber, ao mesmo tempo, Cyrano que a ama em silêncio (e, contudo, as palavras são dele) e Christian cujo amor lhe chega (e, no entanto, sem que ele tenha palavras).

«Cyrano de Bergerac» é Cyrano — contestando o teatro e a sociedade; recusando-se a executar movimentos de *souplesse* dorsal; vivendo «sem pactos — livre no seu pensamento tanto como nos seus actos; poetando e amando; esgrimindo e sonhando; vivendo e morrendo na solidão da sua incomensurável fealdade, de que faz pretexto para os mais bem achados chistes da peça. Cyrano foi Jean Marais o actor que Cocteau lançou, o aventureiro do cinema. Nem sempre Jean Marais deu ao texto o génio que este exige. No acto, contudo, o actor recompensa-nos da maneira convencional como por vezes debita o papel: Jean Marais transfigura-se, sente-se a miséria da velhice que o acomete; sente-se, sobretudo, a morte que o ataca e lhe marca a voz com uma rouquidão inconfundível.

O resto da distribuição sem nada digno de menção especial. Notou-se o cuidado do encenador na marcação do acento dos gascões e lamentou-se a falta de vivacidade nas cenas iniciais, bem como o mau gosto do cenário do penultimo acto.

«Cyrano» é talvez uma peça para ler. Difícilmente um espectáculo académico poderá responder ás exigências de uma imaginação quando a estas falaram de um nariz que precede o seu possuidor de um quarto de hora ou da beleza de uma mulher que consegue transformar o mais feio homem do mundo num príncipe encantado.

CARLOS PORTO

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
(M/ 17 anos)
IGREJAS CAEIRO
APRESENTA
A OUSADA
COMÉDIA DRAMÁTICA
DE INTENSA
VIBRAÇÃO
HOJE E TODAS AS NOITES ÀS 21,45 H.
Jogos de Sociedade
de J. J. ALONSO MILLAN
Os jovens dos 17 aos 24 anos têm 50% de desconto

CML — Estufa Fria
Hoje às 21,30 h.
O CÚMPLICE
De Joaquim Paço d'Arcos
Pela COMPANHIA DE TEATRO POPULAR
Bilhetes á venda na P. Restauradores, das 18 ás 20 e na E. Fria depois das 21 h.
(M. 17 anos)

CASA DA COMÉDIA
R. S. Francisco Borja, n.º 22
Hoje, pelas 22 h.
Sábados ás 16 e 22 h.
O FIM
de ANTÓNIO PATRICIO
Marcações — Tel. 67 72 99
Maiores 7 anos
Subsidiado Fundo Teatro

abc Adultos
Telef. 36 67 45
EMPRESA TEATRAL JOSÉ MIGUEL, LDA.
HOJE
2 ESPECTÁCULOS:
Às 20.45 E 23 HORAS
A REVISTA POPULAR
FRANGAS NA GRELHA
QUE, NO DOMINGO, DIZ ADEUS A LISBOA!
Uma produção de Humberto Cunha
Interpretada por um elenco de primeiros figuros: IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, ÓSCAR ACURSIO, Anabela, Luis Horta, Maria Tavares, Orlando Fernandes, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernanda Pinto e, em participação especial
TONY DE MATOS
DIA 12: ESTREIA NO COLISEU DO PORTO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

PAULA RIBAS NO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO, 6 — (A. N. I.) — Paula Ribas é uma das principais figuras do espectáculo musical «Show na Vila», que está em cena no Teatro Bigode do Meu Tio, do Rio de Janeiro. Outros intérpretes: Helena de Lima, Evandro e o conjunto «Os Grilos».

MARIA VITÓRIA (M. 17 ANOS)
● HOJE, 2 SESSÕES, ÀS 20,45 E 23 HORAS
● GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO, APRESENTAM
EM PLENO ÊXITO, A POPULAR REVISTA
● CALA-TE, BOCA!...
ORIGINAL DE ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
O triunfo de um óptimo elenco, com:
● JOSÉ VIANA
● BARROSO LOPES ● DORA LEAL
● ÂNGELA RIBEIRO ● JÚLIA BABO
A CANTORA LÍRICA
● SUZETE DINIZ
E, no «compère» OCTÁVIO de MATOS
UM GRANDE «BALLET» INTERNACIONAL
JOSÉ DE CARVALHO
CARLOS MIGUEL
MARIANO FRANCO
DINA MARIA
TÂNIA MOTA
LIA SENNA
CLAUDIA MARTINS

JOSÉ VIANA em «Professor de Ginástica»
● DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS

O regresso de Dámaso González toureiro de emoção e verdade

• Despique Mestre Baptista-Luís Miguel da Veiga

Está a ser aguardada com justificado interesse e a maior expectativa a corrida do próximo domingo (17 e 30), no Campo Pequeno. Na verdade, o seu cartaz foi organizado por forma a que nem o mais exigente aficionado poderá ficar-lhe indiferente. Desde a emoção á arte, competição e seriedade, tudo foi escrupulosamente observado na organização desta corrida, a que nada falta para que resulte um espectáculo de excepção.

Como matéria-prima (que por si só constitui já uma garantia de qualidade) foi seleccionado um belo curro de oito toiros de Oliveira & Irmãos, cujo prestígio se firma na bravura — aquela bravura nobre que permite aos artistas as suas melhores exibições.

Depois, para a parte á portuguesa, o sempre emocionante confronto entre dois cavaleiros que na mais elevada e fidalga competição encontram o estímulo para cada vez mais se elevarem no conceito da «afición»: José Mestre Maptista e Luís Miguel da Veiga. Tendo retomado este ano aquela efectiva rivalidade que tanto agitou, em temporadas passadas, o melo mais afecto ao tourelo equestre nacional. entregaram-se com ardor á luta nos redondéis, numa verdadeira ansia de superação que os dignifica como artista e como profissionais, e que muito contribui para a elevação do nível da Arte de Marialva. Já nesta época, no domingo de Páscoa, em Coruche, e no dia 18 do mês passado, nas Caldas da Rainha, entusiasmaram a assistência, que então, nesta ultima tarde, chegou a atingir o rubro, como igualmente o fez Baptista, no domingo, em Vila Franca. Ainda nesta parte á portuguesa estarão presentes os Forcados Amadores de Santarém, um dos grupos de maior prestígio entre nós, capitaneados por José Manuel Souto Barreiros.

Na lida á espanhola, igualmente se oferece ao público lisboeta um «mano-a-mano» de excepcional classe, entre o nosso compatriota José Júlio e o espanhol Dámaso González.

Um «mano a mano» de muita classe

Matador completo, dominando os três tércios por igual, o vila-franquense alia á suavidade com a muleta a graça com o capote e a desenvoltura e facilidade com as bandarilhas. De entre as inúmeras actuações com que tem entusiasmado as mais exigentes assistências. não passará de certo, tão cedo da memória a sua faena na Feira dos Santos, no Cartaxo, em 1970, ano em que conquistou com inigualável merecimento o «Prémio da Imprensa».

Quanto a Dámaso González, basta recordar o alvoroço, a efervescência que provocou entre a «afición» portuguesa em 1970, com o seu toureio em que um misto de serenidade e emoção é temperado com o seu quê de tremendismo consciente e imperturbável, o qual, ainda há dias em Barcelona, com toiros do ganadeiro alentejano Ernesto de Castro, o levou a alcançar um triunfo retumbante.

CONCURSO DE FOTOGRAFIA TAUROMÁQUICA

O Grupo Tauromáquico «Sector 1» organiza o 1.º Concurso Nacional de Fotografia Tauromáquica.

Na sede do Grupo, Rua 1.º de Dezembro, 85, 2.º, serão prestados todos os esclarecimentos sobre o concurso, no qual podem concorrer todos os amadores de fotografias.

EÇA É QUE É EÇA!
LISBOA EM PELO VEM AÍ!

A CAPITAL de EÇA DE QUEIROZ

adaptação de ARTUR RAMOS e ARTUR PORTELA-FILHO
direcção plástica de JOÃO ABEL MANTA

GAT GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL — TEATRO VILLARET

ADULTOS

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

«KING, O HOMEM SECRETO»

REALIZAÇÃO — Umberto Lenzi, 1966 (Itália).

PRODUÇÃO — Fortunato Misiano (Eastmancolor - Panoramico).

MUSICA — Francesco Lavagnino.

INTÉHPRETES — Roger Browne, José Greci, Carlo Hintermann, Anthony Gradwell, Erika Blanc, etc.

ESTREIA — Cinema Olympia (3.5.1971).

«Policial» inqualificável, assinado por Umberto Lenzi. Imaginação, talento, intencionalidade narrativa, correcção técnica, interpretação capaz são qualidades que «King, o Homem Secreto» ignora. A desolação mais completa perpassa por tudo isto. Lamentável... — L. A.

DOIS JOVENS LUTANDO CONTRA AS EXIGÊNCIAS DE UMA SOCIEDADE, PROCURANDO DESESPERAMENTE A FELICIDADE!

A COLUMBIA FILMES apresenta uma produção David Susskind-Robert Mulligan

Michael Sarrazin Barbara Hershey em

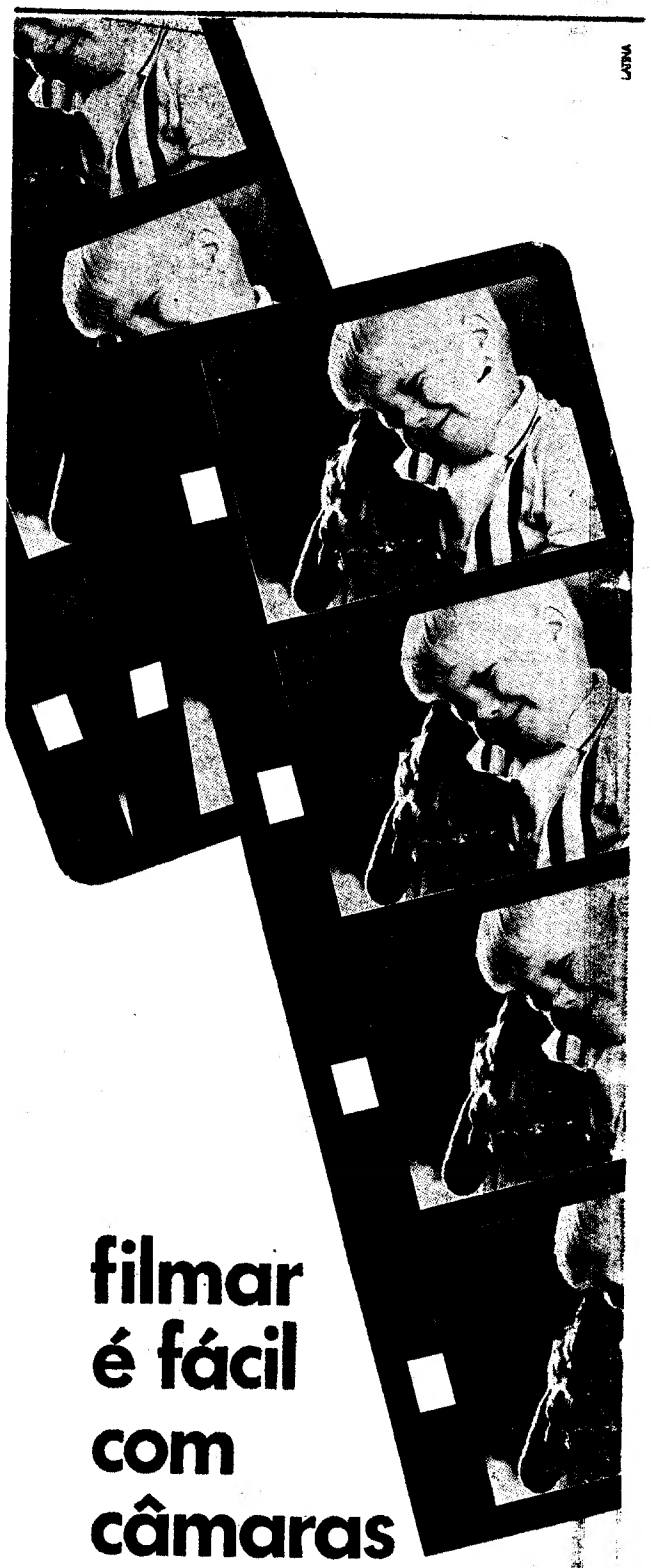
EM BUSCA DA FELICIDADE
(THE PURSUIT OF HAPPINESS)

COM Arthur Hill · Ruth White · E.G. Marshall as "Daniel Lawrence"
COM Robert Klein

Arg. de JON BOOTHE and GEORGE L. SHERMAN
Bas. na novela de THOMAS ROGERS • Mus. de DAVE GRUSIN
Prod. assoc. ALAN SHAYNE • Prod. de DAVID SUSSKIND
Real. de ROBERT MULLIGAN • COLOR

ADULTOS

AMANHÃ — ESTREIA ÀS 21,30 NO SÃO LUIZ



filmar é fácil com câmaras Kodak Instamatic®

A partir de cerca de 1.500$00 pode comprar uma boa câmara, com a certeza de que compra o melhor - Kodak Instamatic.® Veja também os projectores Kodak - alta técnica e simples manejo. E receba um écran grátis na compra de uma câmara de filmar.

Miss Kodak mostra-lhe como é fácil filmar.

De 3 a 8 de Maio, assista a uma demonstração no revendedor KODAK

AFARI

Artigos Fotográficos • Rua Augusta, 112 a 116

PIANOLA

AUTO - RÁDIO DE TÉCNICA AVANÇADA
Representantes exclusivos para Portugal:
STAND ASLA — PORTO

A Comissão do 11.º Encontro de Confraternização dos Antigos Alunos da Escola Machado de Castro foi ao Maria Vitória convidar o actor José Viana, a estar presente na qualidade de antigo aluno, na confraternização, a realizar no sábado, no restaurante da Quinta de S. Vicente, ás 20 e 30

UM BARCO RABELO
(IGUAL AOS QUE TRANSPORTAVAM «VINHO FINO»)
DESCE O RIO DOURO DO SALTINHO A GAIA

PORTO, 6 — Um barco rabelo do tipo dos que, durante mais de um século, foram utilizados no transporte de cascos de vinho — «vinho fino» — ao longo do rio Douro, até Vila Nova de Gaia, de onde saía, mais tarde, com o nome de vinho do Porto, iniciou ontem, uma viagem que pode considerar-se «histórica». Saindo do porto do Saltinho, a poucos quilómetros de Freixo-de-Espada-á-Cinta, a montante de Barca d'Alva, o barco rabelo deve chegar ao cais de Vila Nova de Gaia no sábado. Pensa-se que será a ultima embarcação deste tipo a viajar de vela enfunada em todo este percurso quase até á Foz do Douro. Acrescente-se que o barco partiu ás 8 horas debaixo de grande temporal.

O barco foi cedido pela Casa Cockburn Smiths e a iniciativa partiu do almirante Sarmento Rodrigues que é natural de Freixo de Espada-á-Cinta. Deram o seu apoio a Secretaria de Estado da Informação e Turismo e a R. T. P., que acompanha a viagem com duas equipas de reportagem, uma a bordo do rebelo e outra por terra, ao longo do rio. No barco viajam além do almirante Sarmento Rodrigues, José Manuel Tudela, da R. T. P., dr. Ismael Ribeiro da Cunha, do S. E. I. T., Rogério Reis, escritor, Armando Aguiar e o eng. Cunha Azevedo, da Companhia Portuguesa de Electricidade. A espadela segue o arrais Napoleão Loureiro.

Cerca das 9 horas, a típica embarcação navegava frente á Barca d'Alva, tendo chegado ao fim da tarde á margem direita do Douro, um pouco abaixo da estação de Freixo de Numão, á quinta de Vale Coelho, da firma Cocburn Smiths onde os tripulantes pernoitaram. Hoje, de manhã, o rabelo continuou a viagem até Bagaúste, onde foi transferido para nível inferior, na barragem da Régua, com auxílio de uma grua. Amanhã, o barco atingirá a barragem de Carrapatelo e no sábado, ao fim da tarde, a foz do rio Sousa, esperando-se que ainda nesse dia chegue ao cais de Vila Nova de Gaia.

A viagem é classificada de «histórica» porque as condições de navegabilidade do Douro serão profundamente alteradas devido á construção de várias barragens, das quais a de Carrapatelo está quase concluída, a da Régua ficará pronta dentro de um ano, e a da Baleira vai ser iniciada. Assim, o transporte dos cascos de «vinho fino» que já há muito tempo se faz por caminho-de-ferro e por estrada em camionetas, abandona definitivamente a via fluvial e os barcos rabelos ficarão como recordação de outros tempos, já assinalada, de resto, no Museu da Marinha, em Lisboa, e numa casa exportadora de vinho do Porto, em Vila Nova de Gaia.

Necrologia

SUFRÁGIOS

Teodoro dos Santos

Assinalando o 30.º dia do seu falecimento, rezam-se amanhã missas de sufrágio por alma do industrial sr. José Teodoro dos Santos. As missas estão marcadas para as 12 e 30 na igreja paroquial de S. João de Deus, e 19 horas, na igreja de Santo António do Estoril.

Funcionária da S. E. I. T. eleita «Maja de Portugal»

A jovem Maria Helena Rocha Rafael (19 anos), que é funcionária da Secretaria de Estado de Informação e Turismo, foi a vencedora do concurso «Maja de Portugal-71», organizado pelo nosso colega «Época», com o patrocínio da Ibéria.

A final efectuou-se ontem, á tarde, no Teatro Villaret, e, entre as vinte candidatas, foi escolhida, ainda, «Miss» Época — Maria Teresa Monteiro de Almeida Casqueiro, de 17 anos, estudante.

As comemorações do 60.º aniversário da G. N. R.

Em meados do século passado, nos dias santos ou festivos realizava-se, com grande aparato, a cerimónia do recolher da guarda no Terreiro do Paço, que se encontrava nesse tempo colocada junto da estátua de D. José I.

Uma força militar com a participação da Guarda Municipal, banda, charanga, tambores e tambor-mor, ia recolher a dita guarda e, para o efeito, desfilava desde o Rossio até ao Terreiro do Paço.

Esta cerimónia será repetida pela G. N. R., esta noite, na Praça do Comércio, entre as 21 e 45 e as 22 e 45, incluindo o desfile das forças pelo Rossia, Rua do Ouro e Rua Augusta, no ambito das comemorações do 60.º aniversário da corporação.

Por esse motivo, o comando da P. S. P. informa os condutores de que haverá um breve corte de transito de viaturas na Rua do Ouro, ás 21 e 45 e na Rua Augusta, após a cerimónia. O estacionamento na Praça do Comércio será interdito a partir das 18 horas.

O Estado vai pagar as obras no aeródromo que serve Coimbra

COIMBRA, 6 — Segundo um ofício do chefe de gabinete do ministro das Obras Publicas, lido ontem na sessão do Município, foi determinado á Direcção-Geral da Aeronáutica Civil que proceda sem demora á abertura do concurso para adjudicação da empreitada de obras (completamento da primeira fase da ampliação e remodelação) nas áreas operacionais do aeródromo de Cernache, que até agora tem servido precáriamente esta região e deverá mudar de aspecto antes do fim do ano. A totalidade dos encargos será suportada pelo Estado.

Entre outros assuntos tratados na sessão salienta-se a aprovação da proposta para cedência de um terreno, sito á Rua Nicolau Chanterene, onde hão-de ser instalados pavilhões destinados á secção do Ciclo Preparatório funcionando actualmente no Liceu D. João III.

Foi também abordada a grave crise que atravessa o Conservatório Regional de Música.

HOMENAGEM AO PINTOR PEDRO CRUZ

A «Tábua Rasa» promove, no dia 12, ás 20 e 30, no Restaurante Hong-Kong, um jantar de homenagem ao pintor Pedro Cruz.

ESTREMOZ

Sábado, 8 de Maio, às 17 e 30 h.
(Cinco e meia da tarde)
Por ocasião da grande Feira de Maio
A favor da Cruz Vermelha Portuguesa e Associações locais
M/ 6 ANOS

GRANDE CORRIDA DE TOIROS A PORTUGUESA

6 — Bonitos, Grandes e Bravos Toiros — 6

CAVALEIROS

VARELA CID
José Maldonado CORTES
Afonso Maldonado CORTES

e o amador

José Manuel C. Lopes (Zé Manuel)

2 — GRUPOS DE FORCADOS — 2

Amadores da Fert. Taurom. do Montijo (Cabo) Domingos Batista e Amadores de Cascais (Cabo) Mário Agostinho

Preços Populares

Visite a típica cidade de Estremoz e assista a este sensacional espectáculo

Toiros em exposição, no dia da Corrida, das 10 às 11 horas

TOIROS EM ÉVORA

M/ 6 anos

Domingo, 9 de Maio de 1971
Às 17.30 horas, grandiosa corrida formal Concurso de Ganaderias com Picadores

6 toiros de Pinto Barreiros Herdeiros, José Infante, Conde Cabral, Joaquim Grave, José Machado e João Núncio

3 MATADORES

ARMANDO SOARES
MÁRIO COELHO
JÚLIO GOMES

PICADORES ESPANHÓIS

PREÇOS: Sombra, desde 90$00 e Sol desde 50$00

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES
2 programas
51 cm . . . . 3.450$
59 cm . . . . 4.450$
Gravadores de Cassetes . . 1.200$
Rádios bolso . . 120$

FRIGORÍFICOS
140 litros. . . . . 2.100$
175 » . . . . . 2.650$
220 » . . . . . 3.450$
270 » (2 portas) 4.450$

MÁQUINAS LAVAR ROUPA
automáticas
4.350$

LOIÇA
5.950$

ESQUENTADORES
1.190$

FOGÕES A GÁS
3 lumes. . . . 1.190$

MOBÍLIAS COMPLETAS — MÓVEIS SOLTOS — ALCATIFAS — CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA — RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (junto ao Largo)

CANAL DA CRÍTICA

POR MÁRIO CASTRIM

FORSYTE: SOMA E SEGUE

Lá veio a musica de Schubert. Podia ser a «Avé Maria», que era mais breve, mas optou-se pela «Missa». A noite ficou logo hirta de sloenidade. Pois láveio a «Missa», de rompante, zás, traz, senhor, aqui está o Cristóvão!

Na Televisão importava, para além da musica, uma conversa com os telespectadores (repare-se: conversa: não palestra). Compreende-se que tal conversinha não estivesse a cargo de Pedro Moutinho, o habitual companheiro do Coro Harmonia, que ontem deu as vozes, e do prof. Werner, que ontem deu a regência. Outro, no entanto, podia vir, dizer-nos isto e aquilo, principalmente aquilo.

Depois da Missa, fomos ao teatro assistir a mais um episódio da Família Forsyte. Onde não sabemos o que mais admirar, mesmo não sendo, nem nada que se pareça, tão britanicos como os ingleses.

De maneira que, olhem. Uma pessoa lembra-se de «Convergência». Lembra-se sem nenhuma razão especial. Por força de hábito, por inércia. De subito, uma vontade subita de esquecer. De esquecer aquela menção apresentada — e cómicamente pernóstica, na secção das recensões, a «Poesia IV», de José Gomes Ferreira e ao ultimo livro de Fiama Hasse Pais Brandão, onde só valeu a qualidade interpretativa de Rosa Lobato de Faria ao dizer de cor (isto é: do coração) um poema (ena tantos!) de cada poeta.

Quanto ás novidades no capitulo do romance, aconteceram as referências ao *Arco de Sant'Ana* e á *Eugénia Grandet*, publicados nos *livros RTP*. Igualmente da mesma colecção -e tratou da *Antologia da poesia brasileira*, com repetição de parte do discurso que o distinto poeta José Valle Figueiredo pronunciou, numa sexta-feira, aos microfones do *Telejornal*.

O que apareceu foi uma longa e bem documentada notícia sobre o artigo que, a respeito de Joaquim Paço d'Arcos, publicou a «Revue des Deux Mondes».

A maior parte do programa de Eduino de Jesus ocupou-se com a entrevista de Manuela de Azevedo, a propósito do seu livro «Cartas a João de Barros». O entrevistador foi, uma vez mais, Luís Cajão. O grande herói da entrevista, herói negativo: o péssimo registo de som. A tosse de Cajão, deformada, tinha qualquer coisa de tétrico.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Ás 6: Noticiário. 6 e 05: Programa da Juventude: 7 e 30: «Faluá», Programa infantil, por Ana Maria; 8 e 05: O convidado de hoje: Louis Armstrong; 8 e 20: Espectáculo — Teatro, por Figueiredo de Barros; 8 e 40: Musica popular portuguesa; 9 e 0: Zarzuela: Intermédio de «La Leyenda del Beso» — Selecção de «Las Bravias»; 9 e 37: Melodias por orquestras; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto Procol Harum; 20 e 30: 8.º Episódio do Folhetim «Pera da Covilhã» — O Viajante Enfeitiçado»: 20 e 50: Melodias: 2 : Momento 7!; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr. Marques da Costa; 22 e 0: Guitarradas, pelo conjunto de António Luís Gomes: 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Exitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta; 24: Fecho.

2.º Programa metropolitano — Ás 6: Que quer ouvir? — Programa elaborado por Margarida Brandão. 8: Musica portuguesa — Obras de Viana da Mota; 8 e 28: Sinfonia n.º 7, op. 121, em dó sustenido menor (Prokofieff). 19: O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 20: Diário Sonoro 20 e 20: Concerto pelos Menestréis de Lisboa; 21: Árias de óperas francesas pelo meio-soprano Giulieta Simionato; 2' e 20: Tempo literário; 21 e 45: Uma abertura sinfónica; 22: Teatro dos Nossos Dias, pelo dr Leopoldo de Araujo: O Simbolismo de Maeterlinck», no Teatro de D. João da Câmara; 23: A Voz do Ocidente; e 5: Fecho.

Programa Estereofonico — MF 2 — Ás 21: Retrospectiva: Franck Sinatra; 2 e 5: Temas de sempre.. pela orquestra Maravella; 21 e 50: O conjunto de Sérgio Mendes; 21 e 45: Melodias pela orquestra Manuel, 22, Elton John; 22 e 0: Musica portuguesa; 22 e 20: Espirituais negros pelos Linden Singers; 22 e 30, O pianista Mr. Peppers; 22 e 40: Conjuntos ligeiros; 23. Ciclo Schubert; 23 e 50: Programa cedido pelo Instituto Alemão — Sinfonia n.º 5, em ré menor, op. 07 «Da Reforma» (Mendelssonh) pela Orquestra Sinfónica de Bamberg, sob a direcção de Fritz Rieger; 0 e 20: Musica sinfónica: : Fecho.

RÁDIO CLUBE — 490,3 m — 084 kc/s — Ás 6 e 04: Programa C D C.; 8: Depois do chá; 8 e 30 Lisboa á tarde; 9 e 5. Contraponto; 9 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30 Semana 7; 20 e 45: Rádio placard; 2' e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto: 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Gamde rodo: C e 02: «P. B. X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Ás 6 e 04: Programa C D C.: 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02 Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Ás 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 8 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Esquema; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Jazz; 21 e 30. Curso de língua alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45 Musica variada; 23: A 23.ª hora.

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Ás 16: Radiorama; 18: Tangos; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Esquema 13; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Eventual; 2' e 30 Curso de língua alemã; 22: Auditório, 23: A 23.ª hora.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DA AERONÁUTICA CIVIL

Repartição de Pessoal, Expediente e Contabilidade

CONCURSO PÚBLICO N.º 5/71

PARA ARREMATAÇAO DA EMPREITADA DE «AMPLIAÇAO E REMODELAÇAO DAS AREAS OPERACIONAIS DO AERÓDROMO DE COIMBRA»

Depósito provisório: 110 000$00
Prazo de apresentação das propostas: 30 dias
Alvarás exigidos aos concorrentes:
4.ª Subcategoria da IV Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.
Locais de consulta do processo:
a) — Câmara Municipal de Coimbra;
b) — Direcção-Geral da Aeronáutica Civil;
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa;
Direcção do Serviço de Obras — 2.ª Repartição: Edifício n.º 40 do Arruamento B do Aeroporto de Lisboa
Local do acto público do concurso:
Direcção-Geral da Aeronáutica Civil;
Sede: Avenida da Liberdade, n.º 193, em Lisboa.

Anuncia-se que se encontra aberto o concurso público acima identificado, sendo o prazo de apresentação das propostas contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo».

O acto público do concurso realizar-se-á pelas 10 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo de trinta dias fixado neste anúncio.

Nos locais de consulta do processo, em todos os dias úteis e nas horas de expediente, podem os concorrentes solicitar cópias dos elementos patentes a concurso.

Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, em 5 de Maio de 1971.

O ADJUNTO DO DIRECTOR-GERAL,
C. Themudo Barata

Pescada congelada de Angola para Lisboa e Porto

Procedente de Moçamedes, chegou a Lisboa, com um carregamento de cerca de mil toneladas de pescada congelada, destinada ao abastecimento publico, o navio de apoio ás frotas bacalhoeiras «Gil Eanes», o qual foi utilizado, como transportador, antes da sua próxima abalada para os mares da Terra Nova e Gronelandia.

Terminada a descarga no porto de Lisboa, o «Gil Eanes» seguirá para o Norte, onde deixará, aproximadamente, 500 toneladas de peixe.

É de realçar o aproveitamento deste navio, uma vez que, conforme já foi divulgado, se luta com falta de barcos transportadores para trazerem para a Metrópole o peixe capturado pelos arrastões da nossa frota longínqua, com base no Entreposto Frigorífico de Moçamedes.

O «Gil Eanes» deverá regressar a Lisboa no domingo, para se aprontar para a sua missão de assistência aos navios bacalhoeiros.

SECRETÁRIO DA INDÚSTRIA

O secretário de Estado da Indústria vai amanhã, ás 10 horas, á Plessey Automática-Eléctrica Portuguesa, situada na Avenida Infante Santo, 333.

Em três linhas

Atinge 1 079 490$00 o orçamento suplementar de receita e despesa para 1971 da Missão de Estudos Agronómicos do Ultramar.

///

Foram criados o Centro de Saúde de Guimarães, com os centros anexos de Vizela, Pevidem e Caldas das Taipas e o Centro de Saúde das Caldas da Rainha.

///

O sr. dr. Alexandre Alberto Sarmento foi nomeado director da «Revista do Centro de Estudos Demográficos» para o biénio de 1971-1972.

///

Foi nomeado o sr. tenente-coronel do corpo do estado-maior Carlos Fernando da Cunha Vieira de Araújo para o cargo de adjunto da 1.ª Repartição do Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

///

O sr. eng.-agrónomo Armindo Pena da Silva Cardoso foi contratado para prestar serviço, em funções equivalentes á de investigador-chefe do Instituto de Investigação Agronómica de Moçambique.

///

Foi publicada pelo Ministério das Finanças, em suplemento ao «Diário do Governo», a conta provisória do mês de Janeiro de 1971, publicada nos termos do artigo 3.º da Lei n. 1611, de 30 de Junho de 1924, e do artigo 42.º do Decreto n.º 18 381, de 24 de Maio de 1930.

///

Foi nomeado o rev. José Paixão Pereira Damásio para exercer as funções de capelão do Sanatório de D. Carlos I.

///

O sr. dr. José Manuel Pereira da Silva foi nomeado professor catedrático do 8.º grupo de disciplinas do curso de Medicina Veterinária da Universidade de Lourenço Marques.

///

Hoje, ás 22 horas, no salão dos «Amigos de Lisboa» faz uma conferência sobre a «Festa do Espírito Santo de Tomar — Tabuleiros», o sr. coronel Lacerda Machado. Serão projectados diapositivos a cores, da sr.ª dr.ª D. Ana Maria Pereira da Gama.

COOPERATIVISMO HABITACIONAL

Sob a orientação do arquitecto Silva Dias, realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Associação dos Inquilinos Lisbonenses, (Avenida Almirante Reis, 12), mais um colóquio sobre cooperativismo habitacional, que se intitulará «Papel dos Técnicos perante o problema da habitação».

O concurso para instalação da primeira central nuclear portuguesa deverá realizar-se em 1972

—afirmou o director comercial da General Electric

Uma das grandes empresas norte-americanas com larga experiência na especialidade, demonstrou hoje o seu interesse em concorrer à adjudicação da primeira central nuclear portuguesa produtora de electricidade, ao promover um simpósio sobre energia nuclear.

A reunião decorreu de manhã e de tarde, nas instalações da F. I. L., com a assistência de 150 técnicos de vários organismos oficiais (especialmente da Junta de Energia Nuclear) e de empresas particulares.

«Se a futura central nuclear portuguesa deve arrancar em 1978/79, o concurso deverá ter lugar durante 1972 e é por esse momento que aguardamos ansiosamente» — afirmou o dr. J. Montalvão Schmidt, director comercial da General Electric Portuguesa, ao abrir o Simpósio Nuclear que é de iniciativa daquela empresa.

O dr. Montalvão Schmidt começou por saudar a Junta de Energia Nuclear pelos 10 anos de actividade do seu Laboratório de Física e Energia Nucleares e a Companhia Portuguesa de Electricidade, a propósito do relatório do seu primeiro exercício. Ao referir as comemorações daquele aniversário, disse que *«cocandidatos e possíveis colaboradores, são para nós especialmente gratas e prometedoras as referências feitas então á futura primeira central nuclear do nosso País»*.

Acentuando, depois, a importância e as vantagens da energia nuclear na produção de electricidade, o dr. Montalvão Schmidt recordou que *«só na Europa, em 1980, estarão em linha 50 centrais de potência superior a 600 MW (megawatts) e de reactores de água natural»* e sobre o *projecto português, lembrou* que a *«General Electric emparceira com mais dois concorrentes no topo da lista dos fornecedores como maior expansão e experiência»*.

As comunicações do simpósio foram apresentadas pelos técnicos americanos J. Omer, A. Klose, J. Holge e J. Boyden (das fábricas General Electric, da Califórnia) que abordaram assuntos ligados aos reactores de água natural ebuliente (BWR):

«Contribuição da G. E. para o desenvolvimento de centrais nucleares», «Reactor de água natural ebuliente», «Modalidades de fornecimento de equipamento para centrais nucleares», «Combustível nuclear para reactores General Electric» e «Economia e desenvolvimento de centrais nucleares».

Entre a assistência, viam-se o director-geral do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, eng. Carlos Corrêa Gago; presidente da Junta de Energia Nuclear, comandante Soeiro de Brito; director do Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, dr. Carlos Madeira Cacho; e director-geral de Combustíveis e Reactores Nucleares Industriais, eng. Fernando Videira.

«CANAL 13» ATRASOU A ESTREIA

A nova rubrica televisiva das segundas-feiras, «Canal 13», atrasou a estreia. Por informação dos responsáveis sabe-se que «imponderáveis técnicos ligados á montagem de um estudio de Televisão no Teatro ABC provocaram sucessivos adiamentos, a situação repete-se, desta vez derivada não á parte técnica, mas á falta de energia eléctrica suficiente para alimentar as camaras de televisão instaladas naquele teatro.»

Entretanto, novas datas para o arranque: a 15 a gravação, dois dias depois o programa nos pequenos «écrans».

ESTÃO JÁ TERMINADAS AS TERRAPLANAGENS DO AUTÓDROMO DO ESTORIL E FOI DADO INÍCIO À CONSTRUÇÃO DAS BANCADAS

Sendo o Autódromo do Estoril uma iniciativa absolutamente inédita no nosso País, tem ela sido acompanhada pelo publico em geral com um interesse e curiosidade bem compreensíveis. Pois acabamos de receber novas informações acerca do progresso dos trabalhos naquele grande empreendimento turístico-desportivo, o maior do País.

Está terminada a compactação natural das pistas. Significa isto que, para além dos cilindros e outros meios mecanicos para tornar o terreno compacto, foi uma parte do trabalho deixada ao cuidado da mãe natureza que, através das chuvas, neste caso específico, realiza uma tarefa muito mais perfeita e efectiva, permitindo, assim, a imediata pavimentação das pistas. E agora, começada a Primavera, reiniciaram-se já as obras pela mão do homem, e em ritmo acelerado. De tal maneira que no próximo mês de Setembro estarão já finalizados a 1.ª fase das bancadas e todo o anel de velocidades.

Nas terraplanagens dispenderam-se já 8924 contos, tendo-se removido 73 000 m3 de terra e pedra.

Dadas as características altamente especializadas do empreendimento, foi constituído um consórcio, formado pelo conhecido construtor Carlos Eduardo Rodrigues, Lda. e a Imobiliária Construtora Grão-Pará, S. A. R. L., tendo sido ainda entregue o trabalho de coordenação, de alto grau de complexidade, nas mãos do eng.º Nelson Montes.

O eng.º Nelson Montes foi o coordenador dos trabalhos do Palácio de Justiça em Lisboa e está presentemente encarregado de tarefa similar nos dois maiores hotéis em construção em Portugal, um em Lisboa e outro na Madeira. Os ensaios de pista são de responsabilidade do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e os trabalhos de pista, já em obra, são acompanhados pelo eng.º Marques Dias.

Dado o já referido, interesse do publico em geral pelo empreendimento, resolveu a administração inaugurar no local, ao Km 6 da estrada Estoril-Sintra, no próximo dia 16 de Maio, uma exposição de gráficos, medições e documentação fotográfica, onde os visitantes serão recebidos por um recepcionista encarregado de explicar e descrever em minucia o andamento da obra.

Da exposição fará ainda parte a maqueta do empreendimento que, como se sabe, engloba também um cinema ao ar livre, para 600 veículos, um grande e modernissimo motel, restaurante, bares, piscinas, courts de ténis, clube privativo, etc.

Esta será a melhor forma de dar a conhecer aos futuros utentes do grande empreendimento que é o Autódromo do Estoril.

SAIU HOJE

motor

NESTA EDIÇÃO

- REPORTAGEM DA VOLTA AO MINHO (Nuno Coutinho)
- «PENDURAS» EM CONTESTAÇÃO (Avelãs Coelho)
- «MOTOR» EM ANGOLA (Carlos Blanco)
- CARLOS AZEVEDO — ÊXITO EM INGLATERRA
- KARTING (Herlander Garcia)
- MOTOCROSS DO ESTORIL (Maria do Céu)
- RALLYE DE MARROCOS

COMPLETO NOTICIÁRIO SOBRE A ACTUALIDADE DO MUNDO AUTOMÓVEL

E AINDA

- MOTOR-ENSAIO (OPEL MANTA SR 1900 RALLYE) por Philippe Toussaint do serviço de reportagem no estrangeiro
- SUPLEMENTO SOBRE O 1.º RALLYE DE ASPIRANTES

28 PÁGINAS PREÇO 2$50

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR» NO BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

O agente de viagens (lesado em 40 dólares) «virou» detective com proveito parcial...

A Polícia Judiciária ignora, ainda, o nome da jovem com quem Maria Celina Marques, natural da Guiné, gastou parte dos 40 dólares subtraídos a um cidadão americano encontrado num «dancing» da Avenida Duque de Loulé.

A história conta-se em poucas palavras. o agente de viagens norte-americano Owen Wanneford Evans, de 32 anos, divertiu-se com Maria Celina até altas horas da madrugada

A certa altura, Evans entregou a Celina dois cheques no valor de 20 dólares cada um, para que os trocasse por dinheiro português.

Celina afastou-se e nunca mais apareceu Evans, então, deu-se á investigação e foi encontrar a jovem num estabelecimento da Rua da Conceição da Glória.

Chamou a Polícia e Celina confessou ter o dinheiro em casa, mas só parte dele, uma vez que gastara algum divertindo-se com uma jovem cujo nome ela diz ignorar.

ora diga-nos...

— Quanto gasta por dia na alimentação?

Os preços dos géneros alimentícios causam fortes dores de cabeça ás donas de casa de orçamentos reduzidos.

● *Respondeu a sr.ª D. Maria Emília Castelo Branco, doméstica:*

— Sou sózinha com dois gatos siameses, mas gasto 50$00. Olhe, este peixe (disse mostrando postas de pargo dentro dum saco de plástico) para os meus gatos custou 25$00.

● *Afirmou a sr.ª D. Maria Natércia da Silva, doméstica:*

— Ás vezes 100$00, outras 150$00, mas nem sempre as coisas são só para um dia. Eu só vou á praça de dois em dois dias

— Quantas pessoas são?

— Somos três pessoas de família.

— E na mercearia quanto gasta?

— Não sei. Como vai ao mês, agora não sei.

● *Coube o ultimo depoimento á sr.ª D. Maria da Conceição, cabeleireira com dois filhos, que disse:*

— Só na alimentação gasto 50$00.

— E na mercearia?

— 40$00.

As reuniões da Organização Internacional de Normalização

Representantes de 16 países (Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Estados Unidos da América do Norte, França, Hungria, Israel, Itália, Japão, Noruega, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Roménia e Suíça), participaram na reunião da Comissão Técnica de Documentação da Orgaização Internacional de Normalização (I. S. O.) que decorreu em Lisboa, a convite da Repartição de Normalização da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais que centraliza toda a actividade de Normalização em Portugal.

Falaram a eng.ª Lídia Moreira, chefe da Repartição de Normalização, e o sr. Raby, chefe de uma Divisão Técnica do Secretariado Central da I. S. O.

A delegação portuguesa a esta reunião plenária, chefiada pelo sr. dr. Mário Nunes da Costa, presidente da Comissão Técnica Portuguesa de Normalização era ainda constituída por representantes das seguintes entidades portuguesas: dr.ª Alda Cabral, do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho; dr.ª Rosalina Silva Cunha, da Junta Nacional da Educação; dr.ª Manuela Cruzeiro, do Instituto Nacional de Investigação Industrial; eng.ª Maria Odette Barros Henriques, do Centro de Documentação da CUF; dr.ª Maria Graça Lopo, do Centro de Cálculo Científico da Fundação Calouste Gulbenkian; dr.ª Ana Maria Menenses, da Sacor; dr.ª Maria Manuela Nogueira, do Laboratório Nacional de Engenharia Civil; dr. Zeferino Paulo, da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica e do Centro de Documentação Científica Ultramarina da Junta de Investigações do Ultramar; eng. Magalhães Ramalho, da Shell Portuguesa; dr. Luís Silveira, inspector-superior das Bibliotecas e Arquivos, em representação da Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes; dr. Rogério Lopes de Sousa, do Centro de Documentação Científica do Instituto de Alta Cultura; eng.ª Elsa de Sales, da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais.

Aprovada a ordem do dia, foram apresentados relatos da subcomissão e dos grupos de trabalho que se reuniram na semana passada, em Lisboa onde decorreram os debates.

Foi resolvido criar grupos de trabalho «adhoc» para o estudo de aspectos específicos e que reunirão durante os dias que seguem, realizando-se na próxima sexta-feira mais uma reunião da Comissão Plenária de Documentação da ISO.

QUEM QUER SER BOMBEIRO?

Mais de 20 anos e menos de 27, serviço militar cumprido e classificação na 1.ª ou 2.ª classe de comportamento, altura mínima de 1,60 m. (e máxima de 1,82 m.) — estas são as condições de admissão para sapador bombeiro recruta inscritas no concurso agora aberto pelo B. S. B., de que dá fé o «*Diário Municipal*»

Os recrutas aprovados terão o vencimento ilíquido mensal de 2400$00 durante os oito meses de instrução. Uma vez «prontos», recebem 2400$00. Grátis o fardamento e o alojamento.

ASSOCIAÇÃO DOS CONSTRUTORES DE MATERIAL CIRCULANTE

A Association internationale des Constructeurs de Materiel Roulante (A. I. C. M. R.) promove a sua assembleia geral, de dois em dois anos, em diferentes países da Europa. A Sorefame, como membro daquela associação, recebeu a incumbencia de organizar as cerimónias da Assembleia deste ano em Lisboa, efectuando-se as sessões de trabalho no Hotel Ritz

A realização desta assembleia no nosso País tem um significado altamente prestigiante, pelo que a Sorefame tem dedicado a máxima atenção a todos os pormenores da organização. Com efeito, os delegados que fazem parte da Associação, personalidades de grande relevo na indústria europeia são, na sua maioria, proprietários ou presidentes das principais fábricas da Europa de material circulante Comparecerão á reunião em Lisboa representantes de diversos países europeus, quase todos acompanhados das respectivas esposas, num total de cerca de 100 pessoas.

No dia 19, ás 11 horas, a Sorefame receberá os delegados da A. I. C. M. R., nas suas instalações fabris da Amadora

Pianista e compositor muito popular, Carlos Vilaret voltou a tocar em «boite», exactamente o «D. Quixote» (agora em estilo de «caveaux») acompanhado pelo bateria Toni Vieira (com quem aparece na gravura) que fez parte, durante largas épocas do conjunto de Mário Simões, e realizou várias digressões internacionais. A dupla marca o ritmo alegre da madrugada em selecção de melodias internacionais

Sessões de cinema no Instituto Alemão

O Instituto Alemão de Lisboa promove este mês mais duas sessões de cinema. No dia 11 será exibido «Cenas de caça na Baixa Baviera», longa-metragem de Peter Fleischmann, e no dia 25 passa a versão para a TV da ópera «Fidélio», de Beethoven, com direcção artística de Rolf Liebermann.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA
cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Besso e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel 32 72 56**

BALEEIRA
Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra às quartas-feiras**

MIL E UM
cantam: Maria Eva Fátima do Rosário, Ana Maria, Zília Maria, Alzira Moreno, Henrique Manuel, António Ferreira e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Consumo mínimo, 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — Telef 3 54 64 ✲ Encerra às 5 da madrugada**

TAVERNA DO EMBUÇADO
Elenco: João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correa, Ana Rosmaninho Colaboração de Vicente da Câmara e João Braga Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leo ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo 90$00 ✲ Beco dos Cortumes 10 ✲ Tel. 860816.**

LAR PORTUGUÊS
cantam José Borges, Natália dos Anjos, Rossano Lima e Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Romão Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Consumo mínimo 50$00. Rua da Barroca, 133 ✲ Telefs. 36 97 60 e 3 05 32 ✲ Encerra às terças-feiras**

ADEGA MACHADO
cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ Cons. Mín. 70$00 ✲ **Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira.**

TIMPANAS
cantam: Tito Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Berwindo Cruz. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. Mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 328307 ✲ Encerra aos domingos.**

ADEGA MESQUITA
cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho, Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telefs.: 676655 e 672431**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

CASINO ESTORIL
Jogo autorizado ✲ variedades internacionais ✲ **Telefs.: 264521 - 264526-264596-264621-264946**

ADAGGIO
A presença de JOSÉ LETRIA Pop — Saul e Undergraung ✲ Sempre os últimos êxitos em discos recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 ás 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695**

TAMILA
Mardo e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CLUBE ANDALUZ
Boite com atracções espanholas ✲ Musica constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes 64-66 ✲ telefone 667264

«PORTAS DO SOL»
Restaurante-Bar Almoços e jantares e serviço de Bar permanente Rua S. Tomé, 86, A. B. C — ALFAMA—LIEBOA —Tel 861633.

D. QUIXOTE — Bar-Boite
com Carlos Vilaret e Tony Vieira ✲ Aberto até ás 5 da madrugada ✲ Rua da Trindade, 9 — Telef. 327109 ✲ Encerra aos domingos.

SANZALA
Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ **Av. Marechal Carmona ✲ Telef 367136 ✲ Encerra ás 3 horas**

MAXIME
Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 19 49

HIPOPPOTAMO
Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171

A Balança Comercial Externa

Durante o ano de 1970, Portugal manteve uma balança comercial francamente deficitária, segundo uma sucinta informação antecipada do Instituto Nacional de Estatística, pois só em Junho será publicado o primeiro volume estatístico com informações pormenorizadas sobre o nosso comércio externo naquele ano. Com efeito, importámos 9 198 544,4 toneladas, no valor de 45 495 031 contos, enquanto exportámos apenas 4 371 890,4 toneladas, no valor de 27 298 338 contos.

O valor da exportação para o estrangeiro foi de 20 610 524 contos e o da importação de 98 778 041 contos. O saldo negativo na balança do comércio externo atingiu, portanto, o maios volume de sempre — 18 167 517 contos.

Os numeros que constam desta informação antecipada são mesmo assim curiosos. Fica-se a saber, por exemplo, que (por secções da «C. M. C. E.») os produtos das industrias alimentares, bebidas, líquidos alcoólicos, vinagres e tabacos foram, com os têxteis, dos sectores mais favoráveis, pois os valores da exportação foram de 925 957,4 toneladas, correspondendo a 4 302 380 contos, enquanto importámos apenas 389 235,5 toneladas, correspondendo a 1 766 241 contos. Outros sectores em que exportámos mais do que importámos foram: matérias têxteis e respectivas obras; matérias-primas para o fabrico de papel, papel e suas obras; calçado, chapéus, guarda-chuvas, flores artificiais e obras de cabelo e leques. Nas restantes secções, práticamente, importámos mais do que exportámos.

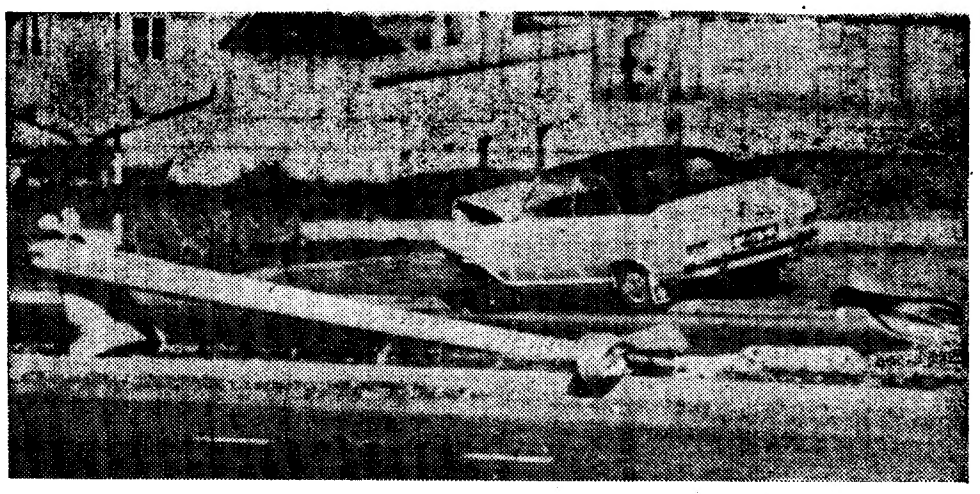
O valor mais elevado para as importações aparece na secção relativa a máquinas e aparelhos. A importação atingiu 8 751 999 contos, enquanto a exportação não ultrapassou 1 990 800 contos.

No referente a armas e munições também aparecemos como exportadores, com o valor de 7270 contos, muito embora a importação seja superior, pois atinge o valor de 35 868 contos.

Por zonas geográficas, o comércio com as províncias ultramarinas foi importante: o valor da importação foi de 6 716 990 contos, com valor semelhante (6 687 814 contos) para a exportação. Angola figura á cabeça deste comércio, com mais de metade destes valores.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.



De madrugada, o automóvel que a imagem mostra cortou cerce um dos candeeiros do passeio central da Avenida Gulbenkian, a meio da descida para o aqueduto das Águas Livres. O carro (de uma série muito recente) não tinha registado o nome do respectivo proprietário e ficou amolgado na parte da frente. No interior não apresentava vestígios de sangue, pelo que se presume que o respectivo condutor não tivesse ficado ferido

A COSTA DO SOL EM ARTIGOS PREMIADOS

Reuniu-se o júri do concurso «O melhor artigo sobre a Costa do Sol», o qual foi presidido pelo sr. Serra e Moura, pela Junta de Turismo, e constituído pelos srs. dr. Francisco Matá, Simão Aranha, dr. João Bigotte Chorão, Nuno Rossini Rosado e dr. Duarte Ivo Cruz.

O prémio para a Imprensa diária portuguesa foi atribuído ao artigo «Costa do Sol, — ponto de escala», da autoria de Nuno de Miranda, publicado no nosso prezado colega «Diário de Notícias». O prémio para a Imprensa não diária portuguesa foi atribuído ao artigo «A Costa do Sol e o Turismo de Outono e Primavera», da autoria do arq. Mário de Oliveira, publicado na revista «Cartaz».

Por sua vez, o prémio para a Imprensa diária estrangeira foi atribuído ao artigo «Descubra Cascais, antes da praia e do Casino», de Horácio Neves, publicado na «Folha de São Paulo» (Brasil).

Foi atribuída uma menção honrosa ao artigo «Cascais 1970», de Maria de Lourdes de Almeida, publicado no jornal «A voz de Portugal», do Rio de Janeiro.

Finalmente, o prémio para revista estrangeira coube ao artigo «Céu azul em fundo verde», de Richard Joseph, publicado na revista «Esquire», de Nova Iorque.

Foi atribuída também uma menção honrosa ao artigo «Médico em viagem», de Iain Crawford, publicado na revista «World Medicine», de Londres.

A distribuição dos prémios far-se-á em datas a anunciar oportunamente.

DUAS PROFESSORAS HOMENAGEADAS

COIMBRA, 6 — Foram recentemente aposentadas as professoras sras. D. Maria Alice da Silva Mascarenhas e D. Maria José de Paiva Boléo, que durante muitos anos exerceram o professorado nas Escolas de Aplicação anexas á Escola de Magistério Primário de Coimbra, acumulando a primeira as funções de secretária.

Por tal motivo, as suas colegas homenagearam-nas com um almoço, presidido pelo director da Escola de Magistério, dr. Sousa Loureiro.

Uma exposição sobre Redol percorre a margem Sul

Depois de passar por Almada e Barreiro, a segunda Exposição Itinerante Alves Redol continua a sua digressão pela margem Sul, estando agora, até amanhã, na Baixa da Banheira.

A sua presença deve-se á iniciativa do Ginásio da Baixa da Banheira, que deste modo procura levar a obra do autor de «Gaibéus» a um publico em que predominam os trabalhadores fabris. Se de facto Redol se debruçou especialmente sobre os problemas das zonas rurais, em algumas obras aparecem os artífices (em especial na «Forja») e referências á primeira fase da industrialização da economia portuguesa (recorde-se o «Barranco de Cegos»). De qualquer modo, apenas em «Os Reinegros», romance inédito, e no conto «O Comboio das Seis», os trabalhadores fabris e da construção civil e os descarregadores portuários surgem como personagens centrais.

Da Baixa da Banheira a exposição segue para Alhos Vedros, onde se realiza um colóquio no sábado, e daqui para o clube Primeiro Acto, de Algés, onde, no dia 15, se efectua uma sessão de teatro sobre o escritor.

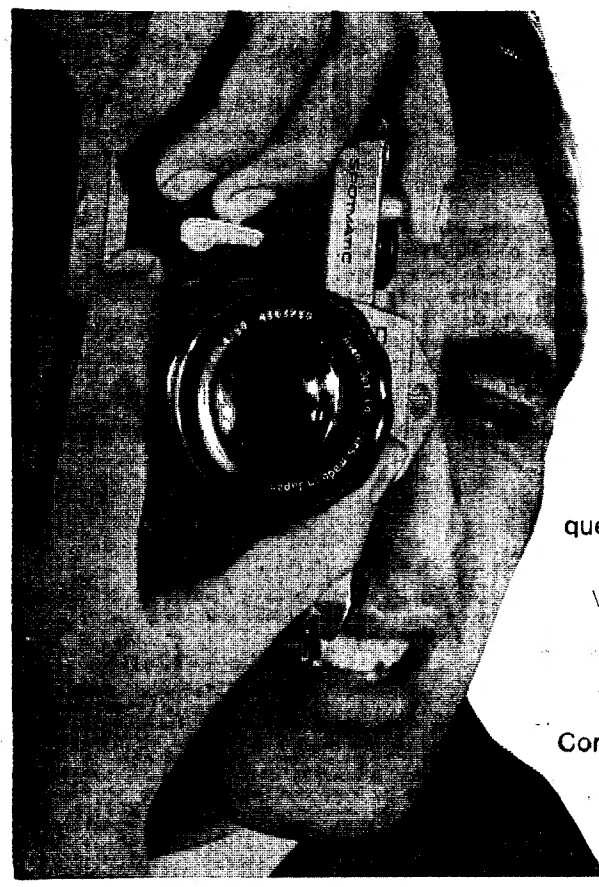
AUTOMÓVEIS ABANDONADOS

VILA FRANCA DE XIRA, 6 — Dadas as multiplas queixas dos munícipes quanto aos numerosos carros estacionados na via publica há longos meses, alguns até do tempo das enxurradas de 1967 e que se encontram portanto no mais completo estado de abandono, a Camara Municpal, deliberou mandar proceder á limpeza de todas as artérias, retirando dos respectivos lugares estas viaturas, levando-as para recinto camarário onde o seu aspecto não possa repugnar os transeuntes. A falta de comparência do respectivo proprietário implica que as viaturas sejam postas a leilão.

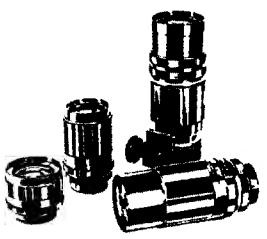
Esta operação de limpeza de viaturas da via publica começou já em Alhandra e vai estender-se a todas as localidades do concelho.

Ainda dentro de um plano de maior higienização e num convite á população para manter as ruas limpas, o Município deliberou mandar colocar por toda a vila, recipientes para papéis, os quais ficarão situados em locais bem visíveis.

O seu amigo que tem uma Asahi Pentax é o nosso melhor anúncio.



Pergunte ao seu amigo porque é que ele prefere a Asahi Pentax. E prepare-se para ouvir um discurso sobre a leveza da câmara. O manejo fácil. O visor prismático com espêlho de retôrno instantâneo. O sistema de medição de luz através da objectiva. A completa linha de equipamentos: lentes Takumar e acessórios. Depois veja a nitidez e a perfeição das fotos que o seu amigo consegue com a Asahi Pentax. É a prova final! Você também vai preferir uma Asahi Pentax. Conforme já acontece com mais de um milhão e meio de pessoas, em todo o mundo. Converse com o seu amigo. Ele é o nosso melhor vendedor.



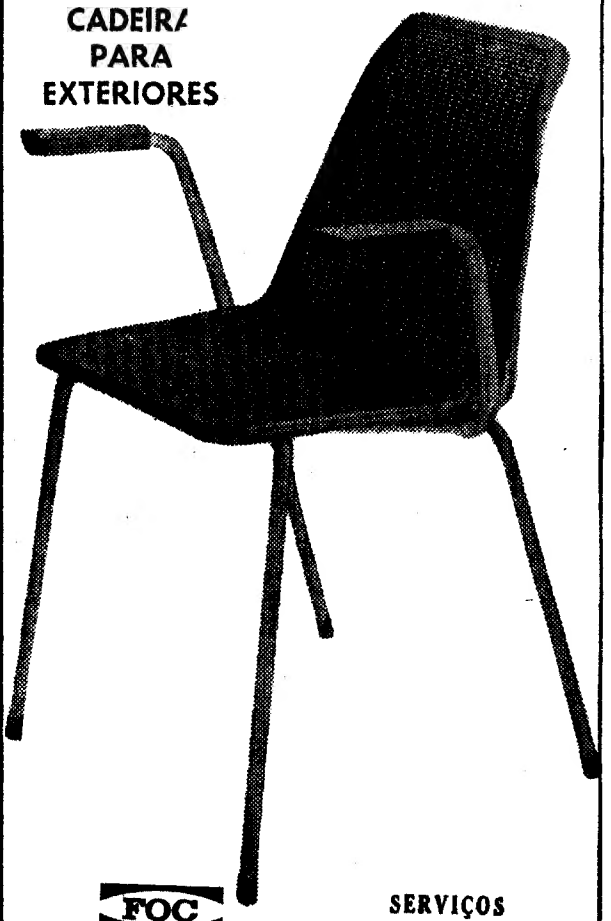
ASAHI PENTAX
a máquina fotográfica de alta qualidade mais vendida em todo o mundo

adapt. APF

CORTE ÊSTE TALÃO E ENVIE A:
BELTRÃO COELHO, LDA.
RUA CASTILHO, 1 A, E - LISBOA 1

QUEIRAM ENVIAR-ME, GRÁTIS, UM CATÁLOGO DOS PRODUTOS ASAHI PENTAX
NOME _____
ENDEREÇO _____

san remo
CADEIRA PARA EXTERIORES



FOC
SERVIÇOS COMERCIAIS
Rua D. Estefânia, 177-A e C — LISBOA
Telefones: 53 88 81/6 — Aparlado 1412
Rua do Bonjardim, 806 — PÓRTO
Telefones: 3 34 64/3 40 31

ARROZ
gulha
«MOÇAMBIQUE»
ARROZ
«TREVO»
Especiarias
«TREVO»
produtos procurados de alto renome
Distribuidores:
A. D. Oliveira Magalhães
EXPORT — PORTO

BALANÇO DE DOIS ANOS

O INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA AOS INVÁLIDOS ENCONTROU GRANDES DIFICULDADES PARA CUMPRIR O SEU PROGRAMA

Após dois anos de existência do Serviço Técnico de Reabilitação, o Instituto de Assistência aos Inválidos publicou o balanço das suas actividades

Os anos de 1969 e 1970 a que se reporta aquele balanço foram de grande actividade, pois remodelaram-se estabelecimentos e criaram-se outros; aplicaram-se princípios de que se colheram lições práticas extremamente válidas; renovaram-se técnicas que mereceram o apoio de elementos conhecidos como das maiores autoridades no assunto.

Do balanço transcreve-se que se refere ao Centro de Reabilitação de Cegos:

«*Destina-se ao ajustamento físico e psicológico do deficiente á cegueira, bem como á sua integração familiar e social.*

Por meio de aulas e treinos intensivos, o indivíduo aprende a ser independente nas actividades da vida diária, a orientar-se e deslocar-se sózinho, a escrever braille e negro, se possível. Simultaneamente, procura-se explorar e desenvolver ao máximo as capacidades que o indivíduo possui.

No Centro faz-se ainda avaliação pré-vocacional que servirá de informação quando o cego, terminando o estágio, ingressa nas Oficinas de Reabilitação para aprender convenientemente a execução de uma ou mais tarefas, conforme as suas possibilidades.

A admissão é precedida duma avaliação cuidada das possibilidades do candidato á reabilitação. Para o efeito, procede-se a exames médicos de clínica geral, exames oftalmológicos, exames psicotécnicos e entrevistas de serviço social e de psicologia.

Durante os dois anos referenciados foram avaliados no Centro 73 indivíduos de ambos os sexos.

Destes, foram reprovados, por não oferecerem condições para beneficiarem duma reabilitação, 14 indivíduos.»

Um quadro inclui os tipos de deficiências atendidas que são as seguintes: cegueira, 77; paraplegia, 29; deficiências e deformações dos membros inferiores, 26; amputação e ausência de membros, 15; deficiências ou deformações dos membros superiores, 7; paralisia de um lado, 6; ambliopia, 2; acidentes ou doença da espinha, 2. E mais um de cada uma das seguintes deficiências: doenças do coração, defeitos da vista, deficiências auditivas, epilepsia, atraso mental, artrite reuma oide e deficiência pulmonar. Isto tudo somando 172 casos.

Nas considerações finais, o balanço indica o seguinte:

«*Grandes dificuldades se encontraram na efectivação do programa estabelecido, pondo-se em evidência as seguintes: baixo nível de educação das pessoas que recorreram ao Serviço — a grande maioria dos deficientes não tinha qualquer escolaridade e muitos deles nunca haviam exercido uma profissão; criar hábitos de trabalho, mentalizar para uma vida normal dentro da sociedade, convencer de que não há apenas direitos mas existem também obrigações, tudo tem sido tarefa árdua e morosa; o nível social da maioria dos estagiários é extremamente baixo, impedindo-os de compreender a finalidade do Serviço e de aceitar regulamentos, normas de higiene e de convivência, levando-os, muitas vezes, a atitudes graves de indisciplina e rebeldia.*

Por outro lado ainda, alguns indivíduos têm vícios alcoólicos e hábitos de mendicidade que, como é óbvio, há que vencer: O baixo nível económico de muitos dos deficientes irresponsabiliza-os, levando-os a convencer-se que a sociedade tem a obrigação da sua manutenção, sem dever ser lhes exigido o mínimo esforço para viver como qualquer homem. Esta mentalidade, em alguns casos, é de tal modo vincada que preferem subsídios ou asilamento a qualquer serviço de reabilitação.»

PEDRO NUNES —MATEMÁTICO ESPANHOL?

Sem qualquer espécie de «chauvinismo» — e até porque a realidade Espanha e o seu povo nos inspiram desde sempre admiração —, não podemos deixar de aqui denunciar a ignorância vaidosa que levou o autor de um compêndio de Física, com curso nos colégios do ensino secundário do país vizinho, a dedicar á figura de Pedro Nunes (a quem chama ainda por cima Nuñez) estas linhas de peregrino rigor: «Cosmógrafo e matemático espanhol (1492-1577). Inventou o nónio». O livro, assinado por F. T. D. e em sexta edição, intitula-se «Elementos de Física» e foi publicado em Saragoça pela Editorial Luis Vives S. A.

dinheiro em casa não rende nada

...Mas o seu dinheiro no Banco de Fomento dá rendimento e fica seguro.

Ao fim de 1 ano rende

5,75%

Os juros são pagos semestralmente e não há quaisquer impostos a deduzir.

No entanto, se tiver uma necessidade imprevista, o Banco de Fomento resolve o problema facultando-lhe a possibilidade de dispor do seu dinheiro.

...ntacte a delegação mais próxima

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS

Fernando Peixoto, Renato Borghi e Dina Sfat em «O Rei da Vela», de Oswald de Andrade, encenada pela primeira vez em Setembro de 1967, no Teatro Oficina de São Paulo

BRASIL, IDA E VOLTA—2

TEATRO-JORNAL TEATRO DESCOBERTA

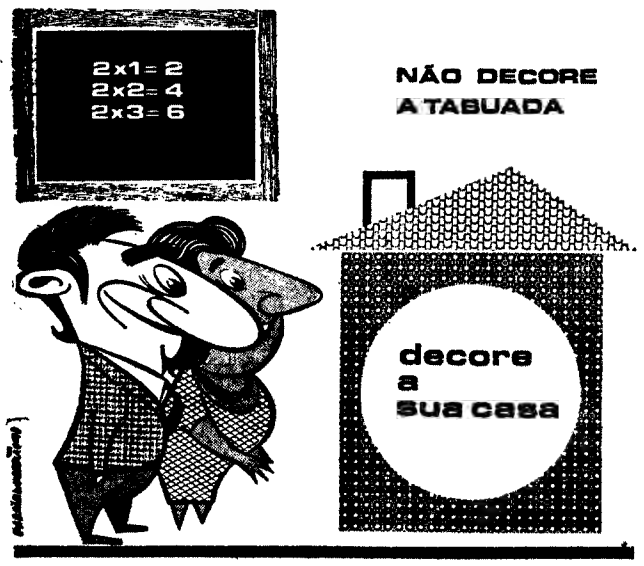
Foi Peter Brook quem disse que o drama deve tornar-se um imenso jogo, uma autêntica festa.

Numa das mais originais moradias de São Paulo, a do meu amigo Mendes André, construída por Artigas, arquitecto genial (rampa da idade sideral, jardim interior, paredes móveis, quadros de Portinari) almocei com alguns dos rapazes do «Arena». E entre os esclarecimentos que, de um lado, o Artigas, êmulo de Niemeyer, me ia dando sobre a moderna arquitectura brasileira e as conversas em cruz, bem ou mal escutadas, acerca do Boal e do Nelson Xavier, das relações económicas entre o Brasil e a China, do duelo no «Pasquim» entre a Rose Marie Muraro e o Jece Valadão (homem muito homem que bate em mulher e tudo o mais e bota asneira sobre cinema que até faz impressão...), aconteceu-me ouvir o António Pedro, meu vizinho de mesa, actor do «Arena», jovem cheio de ideias acerca do teatro entre o público proletário e como laboratório de interpretação, etc., etc. Falámos do Teatro Experimental do Negro e do «Imperador Jones», de Aguinaldo de Oliveira Camargo, e, lógicamente do Arena, desde «Black-Tie» do Guarnieri ao «Tiradentes, em que, há dois anos, «participei».

Por URBANO TAVARES RODRIGUES

António Pedro já passou pela experiência das vaias em assembleias populares, que exigem simultâneamente a diversão (até ao ponto de poder rir, gritar, comunicar) e a consciencialização, a explicação da peça. Não, fazer teatro para o povo não é coisa fácil. Daí que António Pedro e os seus companheiros tenham aprendido a substituir o «acto variado» dos «shows» circenses pelo debate inicial, clarificador, e pensem agora no teatro-jornal como meio (menor?) de comunicação, informação, expressão artística. Trata-se apenas, á primeira vista, de uma montagem de textos de diversa índole publicados em órgãos da imprensa e recitados pelos comediantes, textos esses que poderão ir da enumeração estatística dos mortos no Vietname, por exemplo, ao considerando ético, ao poema lírico, ao discurso retórico (a preparação dos efeitos exige marcações òbviamente voluntaristas, ou didácticas). Teatro complementar da purgação do povo?, instrumento de cultura e de alarme, compromisso com a totalidade do mundo?

E ainda o que o povo diz Uma segunda leitura, rosário de queixas e sofrimentos ou explosão de intensa alegria. À maneira anti-ilusionista? Com o apoio do anedotário picaresco? Mau grado todas as barreiras, alguma coisa nova, desde o realismo mágico do cinema à música de Gilberto Gil e Caetano Veloso, de Geraldo Vandré e Chico Buarque, está nascendo no Brasil. Difícil, dolorosamente e alegremente também, como todas as descobertas



COM TECIDOS PAPÉIS E ALCATIFAS
DA
CASA DA FLOR AZUL
COMPANHIA DE TORRES NOVAS
RUA BRAMCAMP-11-A TELEF. 536277

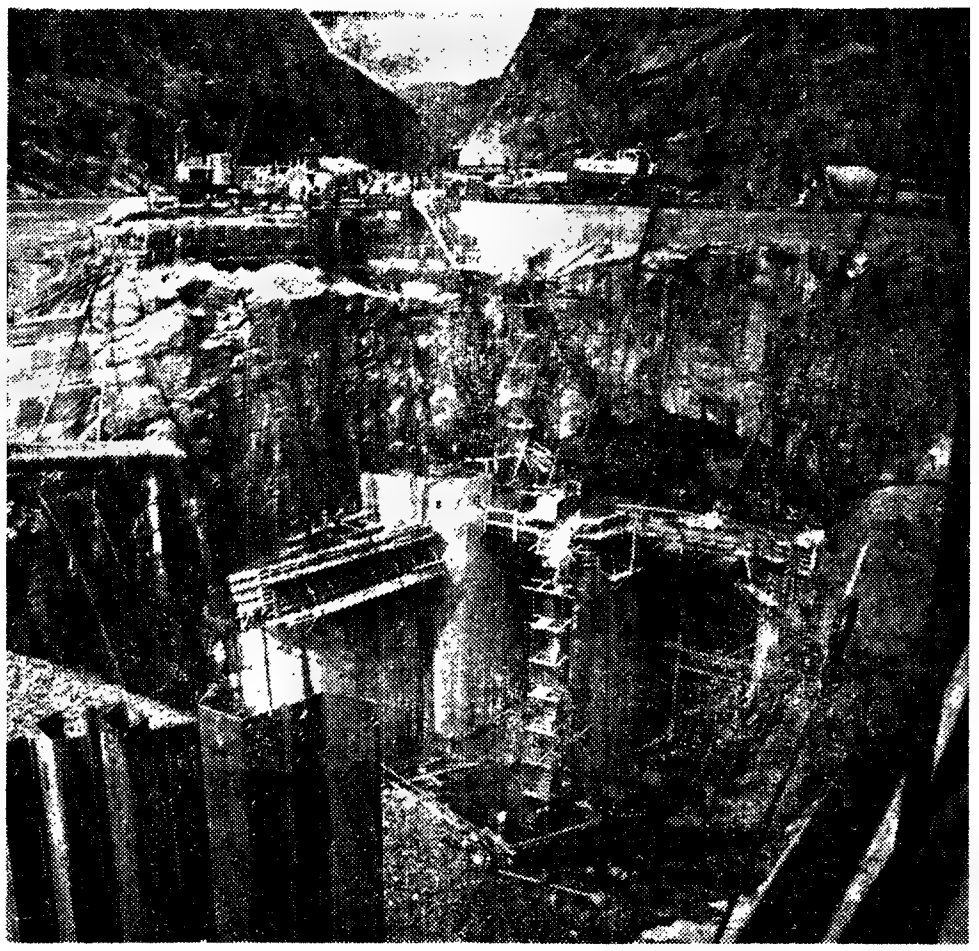
A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
Fundada em 1875
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

O EMPREENDIMENTO DE CABORA-BASSA — 1

OS TRABALHOS JÁ EXECUTA IMPLICAM UM INVESTIMEN DA ORDEM DOS 750 MIL CON

Quinze anos depois dos primeiros estudos, o empreendimento de Cabora-Bassa deixa adivinhar já a grande barragem que vai ser, a maior ao sul do Sahara. Com efeito, os estudos do empreendimento tiveram início em 1956, com o reconhecimento dos rápidos de Cabora-Bassa, visando o seu aproveitamento hidroeléctrico. O Plano Geral do Vale do Zambeze, no entanto, só começou a ser estudado no ano seguinte, tendo o Governo já investido nos estudos realizados mais de 300 mil contos.

Actualmente, as obras continuam a processar-se em bom ritmo, tendo-se já concluído o desvio da margem sul do Zambeze. Para facilitar a execução das obras no leito do rio, foi decidido, após conversações recentes com as autoridades rodesianas, fechar as comportas da barragem de Kariba, situada na Rodésia e a jusante de Cabora-Bassa. Deste modo, o abaixamento sensível do nível das águas facilitará os trabalhos, a partir de agora. A galeria da margem esquerda do rio será provàvelmente iniciada ainda este ano. Entretanto, as obras para a instalação da central, com os trabalhos de escavação feitos na rocha, encontram-se pràticamente concluídas. Além disso, acrescenta-se ainda que estão numa fase adiantada os trabalhos de montagem das linhas de transporte de energia de Cabora-Bassa para a África do Sul, numa distância de cerca de 1400 quilómetros de extensão.



Boca de montante da galeria do desvio provisório do Zambeze (margem direita). Pormenor da execução do pilar central

Todos os trabalhos feitos até ao presente implicaram um investimento de 750 mil contos e estão a processar-se dentro dos prazos previstos da empreitada.

Bacia hidrográfica do Zambeze: 1 200 000 km quadrados

A bacia hidrográfica do rio Zambeze situa-se na região central de África, nas latitudes correspondentes a Angola e a Moçambique, e abrange territórios da Zâmbia, Congo, Sudoeste Africano, Botswhana, Rodésia, Tanzânia e Malawi. Tem uma área total superior a 1 200 000 quilómetros quadrados e a extensão, ao longo do rio, desde as nascentes a cerca de 1600 metros de altitude até ao Oceano Índico, é de cerca de 2700 quilómetros, dos quais 830 em território moçambicano.

A parte moçambicana do rio Zambeze, que abrange totalmente o distrito de Tete e parte dos distritos da Zambézia e de Manica e Sofala, adicionada das áreas vizinhas incluídas no estudo, por nelas estarem interessadas, económica e administrativamente, atinge cerca de 220 mil quilómetros quadrados. Esta área estudada corresponde a quase um quarto da superfície de Moçambique e a duas vezes e meia a da metrópole. No entanto, a sua população anda á volta de um milhão e meio de habitantes.

O primeiro escalão deverá funcionar até Março de 1975

A execução do empreendimento de Cabora-Bassa (1.ª fase) foi adjudicada ao consórcio internacional «Zamco — Zambeze Consórcio Hidro-Eléctrico» de que fazem parte firmas alemãs, francesas, italianas, sul-africanas e portuguesas.

Na presente fase de execução que constitui o objectivo da adjudicação, o empreendimento compreende a construção da barra-

NOIVOS
As alianças e prendas da
OURIVESARIA
DA MODA
dão felicidade
RUA DA PRATA, 257

...ITADOS ...ENTO ...CONTOS

...m e da central na margem direita do Zambeze, incluindo o desvio provisório do rio e também da linha de transporte entre Cabora-Bassa e Apollo, na África do Sul. Compreende ainda a construção dos acessos rodoviários á zona da barragem, e também do conjunto urbano destinado á instalação do pessoal de exploração do aproveitamento.

A central terá uma potência instalada de 2000 MW, distribuída por cinco grupos geradores de 400 MW.

Segundo informações oficiais, o 1.º escalão do conjunto do empreendimento deverá entrar em serviço regular até 31 de Março de 1975, com três grupos de 400 MW instalados na central. O quarto e o quinto grupos (2.º e 3.º escalões) deverão entrar em funcionamento até 1 de Janeiro de 1977 e 1 de Janeiro de 1979, respectivamente. A instalação do equipamento das estações conversoras subordinar-se-á ao mesmo escalonamento.

Para a parte do empreendimento situada em território sul-africano foi celebrado contrato separado entre a «Escon» — Electricity Supply Comission» e a ZAMCO.

O custo dos trabalhos a executar em território nacional, compreendendo a linha de transporte até á fronteira entre Moçambique e a África do Sil, elevar-se-á a um montante de cerca de 3.800 mil contos. Este total, além do custo técnico (cerca de 7 milhões de contos) inclui uma provisão segura para revisão de preços, por variação do custo dos factores, na construção civil e os encargos de prefinanciamento referentes a equipamento.

Aspecto da galeria do desvio provisório da margem direita do rio Zambeze

AINDA CASAS PARA OS DESALOJADOS DO SISMO

VILA DO BISPO, 6 — Vão finalmente ter uma casa condigna 32 famílias desta vila desalojadas quando do cismo de 28 de Fevereiro de 1969. A iniciativa fica a dever-se ao Fundo de Fomento da Habitação, que aqui mandou construir oito blocos residenciais.

FERNANDO NAMORA

8.ª edição/24.º milhar

CASA DA MALTA

"Revelação de uma experiência decisiva na vida e na obra de Fernando Namora"

(Le Monde)

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

EA

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

CP

EMISSÃO DE 130.000 OBRIGAÇÕES

Preço de subscrição	Esc. 1 000$00
Vida máxima	11,5 anos
Vida média	Cerca de 8 anos
Vantagens fiscais	Isenção total do imposto de capitais e do imposto complementar
Vencimento de juros	1 de Janeiro e 1 de Julho
Pagamento do 1.º cupão	1 de Julho de 1971 **(por inteiro)**
Import.ª líquida de cada cupão	32$06,25
Amortizações	20 semestralidades com início em 1 de Julho de 1973

A admissão destas obrigações à cotação nas Bolsas de Lisboa e Porto será requerida com toda a brevidade.

A subscrição, sujeita a rateio, está aberta, de **3 a 8 de Maio próximo**, nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

Almeida, Bastos & Piombino
Augustine Reis & C.ª
Banco do Alentejo
Banco de Angola
Banco Agrícola e Industrial Viseense
Banco da Agricultura
Banco Borges & Irmão
Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fernandes Magalhães
Banco de Fomento Nacional
Banco Fonsecas & Burnay
Banco Nacional Ultramarino
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores
Bank of London & South America
Caixa Geral de Depósitos
Crédit Franco Portugais
Crédito Predial Portugue
Montepio Geral
Pancada Moraes & C.ª
Pinto de Magalhães, Banqueiros

Emissão de Obrigações COM O AVAL DO ESTADO

DA TAXA NOMINAL

6 3/4 %

RENDIMENTO LÍQUIDO REAL

6,55%

Sessão de autógrafos com Mário Braga

Leitores de Mário Braga acorreram à Parceria A. M. Pereira para recolher autógrafos do escritor, «Prémio Ricardo Malheiros» da Academia das Ciências e agora um dos nomes exclusivos daquela editora, que tem em curso a publicação das suas obras completas.

A sessão coincidiu com o lançamento da reedição de «O reino circular», fábula de Mário Braga sobre a sorte do cronista Akalino no reino da Katalónia.

Assim, isto é com este medonho gigante, se controem auto-estradas na Alemanha. Esta máquina, de funcionamento automático, tem capacidade para pavimentar três quilómetros e meio de estrada, em dez horas de trabalho, desde que a largura não seja superior aos 15,23 metros das três faixas de rodagem.

Dizem os leitores...

AS DIFERENÇAS DE PREÇOS DOS MEDICAMENTOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Recebemos do sr. Salviano Zagalo de Lima a carta que, a seguir, se reproduz, para conhecimento das entidades interessadas, sobre o debatido problema das consideráveis diferenças de preços dos medicamentos nacionais e estrangeiros:

«Publicou recentemente o «Diário de Lisboa» uma carta do sr. José Rodrigues, de Coimbra, que justamente se queixava de lhe custar em Portugal 180$00 um medicamento — *Persantin* — cujo preço em Espanha não vai além de 109$70.

«Desejando dar mais uma achega a este magno problema do custo dos medicamentos em Portugal, por me parecer que nunca a doença deveria ser campo de exploração, junto a embalagem espanhola de outro medicamento — *Peritrate 80* —, pela qual se pode verificar que 20 drageas custam, aproximadamente, 1$00 por dragea, ao passo que o mesmo medicamento em Portugal — 25 drageas — custa 130$00, ou seja um pouco mais de 5$00 por dragea. (Em Portugal, o referido produto acima é vendido sob a designação de *Peritrate 80 de acção duradoura*).

«Seriam desnecessários mais comentários, se eu não tivesse tido a atenção de telefonar, primeiramente, ao representante do produto, pedindo-lhe explicações acerca de tão grande diferença de preços. Foi-me respondido que os preços dos medicamentos eram aprovados pela Comissão Reguladora dos Produtos Químicos e Farmacêuticos e pela Direcção-Geral de Saúde e que, além disso, eu ignorava o valor dos direitos de importação. Devo acrescentar que sei que este produto, embora fabricado no estrangeiro, é embalado em Portugal. Concluindo: de quem estamos nós, os doentes, a ser vítimas? Porque será, pelo que sei, que só em Portugal é cara a medicina e os medicamentos"»

OU DAGA OU NADA!

MUNICÍPIO DE TORRES VEDRAS

Portarias do ministro do Interior, a publicar na folha oficial, nomeiam presidente e vice-presidente da Camara Municipal de Torres Vedras os srs Joaquim Pedro Belchior Fernandes e capitão de Artilharia, na situação de reserva, Vítor Manuel de Oliveira [illegible]

Caixa Nacional de Pensões

Vai ser empossado no lugar de vice-presidente da Caixa Nacional de Pensões, exercendo essas funções na delegação daquela instituição no Porto, o dr. José Rebelo Cota, actual delegado do I. N. T. P. na capital nortenha.

O dr. Rebelo Cota iniciou a sua carreira nos quadros do I. N. T. P. em 1950, como subdelegado em Setúbal, tendo sido nomeado três anos depois delegado em Vila Real. Desempenhou idêntico cargo em Braga e há sete anos que ocupava a delegação do Porto.

A delegação da Caixa Nacional de Pensões, agora criada naquela cidade, representará a instituição nos distritos do Porto, Aveiro, Braga, Guarda Viana do Castelo, Vila Real e Viseu competindo-lhe a resolução das questões que forem indicadas pela direcção.

OS PEATNUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS

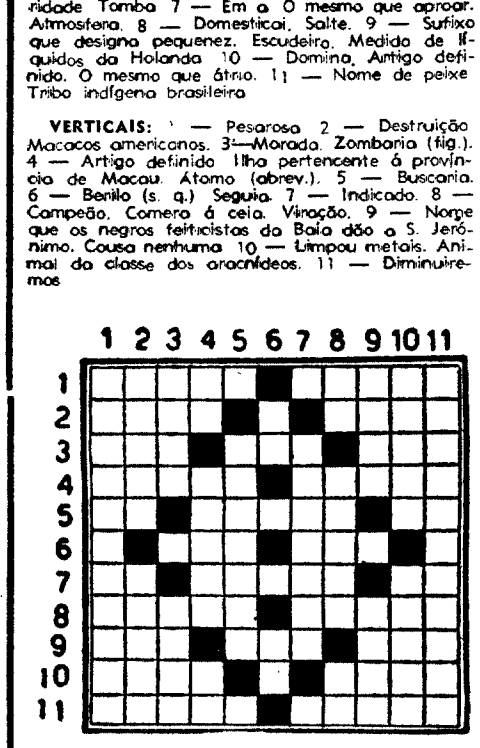
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5884

HORIZONTAIS: 1 — Cofres. Molhar com baba 2 — Artérias. Cure 3 — Troças. Um cento Rente. 4 — Cobre de nata. Recuou. 5 — Utensílio doméstico. Sofra. Artigo indefinido. 6 — Claridade. Tomba 7 — Em a. O mesmo que aproar. Atmosfera. 8 — Domesticai. Salte. 9 — Sufixo que designa pequenez. Escudeiro. Medida de líquidos da Holanda 10 — Domina. Artigo definido. O mesmo que átrio. 11 — Nome de peixe. Tribo indígena brasileira

VERTICAIS: 1 — Pesarosa 2 — Destruição. Macacos americanos. 3 — Morada. Zombaria (fig.). 4 — Artigo definido. Ilha pertencente á província de Macau. Átomo (abrev.). 5 — Buscania. 6 — Benilo (s. q.) Seguia. 7 — Indicado. 8 — Campeão. Comera á ceia. Viração. 9 — Norte que os negros feiticistas do Baía dão a S. Jerónimo. Cousa nenhuma 10 — Limpou metais. Animal da classe dos aracnídeos. 11 — Diminuiremos



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5883

HORIZONTAIS: 1 — Calma. Anoto 2 — Ruais. Colar. 3 — Inias. Avara. 4 — Sá. Santo. Or 5 — Mão. 6 — Aira. QUEM. 7 — Maçã. Puas 8 — Curtias. 9 — Mó. Ameai Me. 10 — Ida Ami. TEM. 11 — VELHO. Saúda

VERTICAIS: 1 — Cinista. MMIV 2 — Aura Im. Ode 3 — Lai. Cara. Al. 4 — Mias. Acua 5 — Assam. Armão. 6 — NÃO. TEM 7 — Acato Piais 8 — NOVO. Qual. 9 — Ola. Suas. Tu 10 — Taro. Ês. Med 11 — Oraram. Lema.

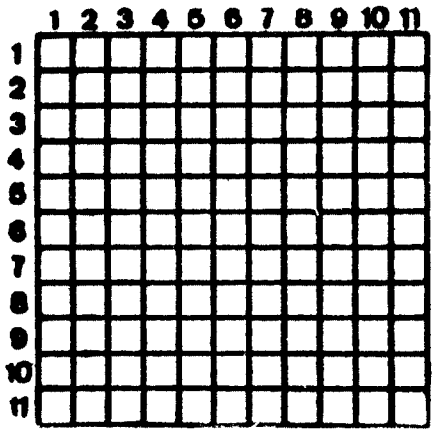
Provérbio: QUEM TEM VELHO NÃO TEM NOVO.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9727

HORIZONTAIS: 1 — Vila e sede do concelho (Coimbra). Ilha pertencente á província de Macau 2 — Prende. Pronome possessivo. Pedras de moinho. 3 — Solitério. Moeda italiana. 4 — Equipa. Extremidade de âncora. 5 — Apronta 6 — Átomo (abrev.). Grama (s. q.) 7 — Ratara. Respeita muito (fig.). 8 — Cercaduras. Assassinem 9 — Unificar. Carimbo 10 — Filtra. Saudável. Pátria. 11 — Do mesmo modo. Lábia. (pop.)

VERTICAIS: 1 — Bigorna de ourives. Vila e sede de concelho (Viseu). 2 — Moeda portuguesa. Dio. Chave de torneira (pl.) 3 — Aparelho de ginástico. Rio do Brasil. 4 — Segurar 5 — Artigo definido. Viração. Campeão. Samário (s. q.) 6 — Preposição. Pronome pessoal. Deus dos pastores. 7 — Pronome pessoal. Post scriptum. Amónio (s. q.). Abreviatura que se usa em música. 8 — Parreiras. 9 — Falsifica. Tragédia de Shakespeare. 10 — Colocará. Espigas 11 — Pego. Tecera



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9726

HORIZONTAIS: 1 — Praga. Tapam 2 — Aura. Rela. 3 — Lie. Cem. Rir. 4 — Anafa. Atrai. 5 — Sares. Siara. 6 — Sara. Casa. 7 — Ri. Ag 8 — Rama. Osso. 9 — Ira. Goa. Ais 10 — Sacar. Marat. 11 — Elara. Asara

VERTICAIS: 1 — Palas. Crise 2 — Ruinas. Aral 3 — Anaara. Maçã. 4 — Ga. Ferra. Ar. 5 — Casai. Grã. 6 — Ge. Mó. 7 — Masca. Ama. 8 — Or. Tiago. As. 9 — Perras. Sara. 10 — Aliara. Siar. 11 — Maria. Costa

UMA COOPERATIVA EM RIO TINTO

PORTO 6 — Um grupo de moradores em Rio Tinto (Gondomar), freguesia com uma população superior a 40 mil habitantes, está a trabalhar esforçadamente para a criação de uma cooperativa de consumo.

A par dos trabalhos da efectivação legal da iniciativa, e para fazer vingar os seus interesses, resolveu aquele grupo organizar colóquios e passagens de filmes. Assim, esta manhã, no salão nobre da Junta de Freguesia houve um desses colóquios, com projecção de diapositivos, sobre «O Cooperativismo na Dinamarca»

SOCIEDADE DE LEILÕES AFRAFILMS LDA
LEILÕES
LISBOA

Av. Duque de Loulé, n.º 1

6 DE MAIO DE 1971 — 1.º DIA DO

16.º ANO DE ACTIVIDADE

Nesta data os seus gerentes Álvaro Afra e Jaime Afra agradecem a todos os seus clientes e amigos que através da sua preferência e amizade tornaram possível a sua projecção.

BROTHER

Máquinas de escrever eléctricas, de somar e portáteis, japonesas — garantidas.

Pedidos a

A PRESTAMISTA MERCANTIL, LDA.

Av.ª Almirante Reis, 10-C — Telef. 562314 — Lisboa 1

INVESTIGADOR PORTUGUÊS DISTINGUIDO

Acaba de ser eleito «fellow» da Royal Society of Medicine britânica o sr. dr. Manuel Moreira-Jacob, investigador da Direcção-Geral dos Serviços Pecuários pelos seus longos períodos de estágio em diversas instituições científicas da Grã-Bretanha e pelos seus trabalhos de investigação sobre Microbiologia.

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate, na província da Guiné, o 2.º grumete n.º 2474/69, Mário da Silva Carvalho; o 1. cabo fuzileiro especial n.º 1030/64, Francisco da Silva Góis Ribeiro e, na província de Angola o soldado n.º 067590/69, Ângelo Ribeiro de Sousa, natural de Gove, concelho de Baião, filho de Albertino de Sousa e de Maria Adelina, e que, evacuado da província de Moçambique, por motivo de ferimentos em acidente de viação faleceu o 1.º cabo n.º 095219/69, Olímpio Rodrigues de Oliveira, natural de Torres, Vilarinho do Bairro, concelho de Anadia, filho de Antero de Oliveira Serra e de Ludovina Rodrigues Bento.

PELOS MUNICÍPIOS

Foram enviadas para a folha oficial portarias do ministro do Interior pelas quais se nomeiam presidentes das Câmaras Municipais dos concelhos de Felgueiras e de Móra, respectivamente os srs. Francisco José de Assis e Freitas e dr. José Lopes Faustino. O primeiro considerar-se-á exonerado de vice-presidente logo que seja investido nas novas funções, sucedendo-lhe no lugar actual o sr. Horácio Lopes dos Reis. O segundo sucede a dr. António Marques Fernandes, exonerado a seu pedido e a quem o titular da pasta do Interior confere louvor pela competência, zelo e dedicação com que desempenhou o cargo.

Por outro lado, foram nomeados com louvor idêntico, mas no exonerado de presidente da Municipalidade do Concelho de Murça o sr. Emídio Artur Gouveia concedendo-se-lhe ainda a exoneração ao dr. António Tavares de Pina de vice-presidente da Câmara do seu cargo em que lhe sucede o eng. António José Pinto de Araújo.

LUSTRES

Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica Av. 5 de Outubro, 203, r/c esq. (Ao Campo Pequeno) Telefone 77 16 39

VENDA AO PÚBLICO

MATERIAL ELÉCTRICO PARA CARROS FRANCESES

SEV MARCHAL

REPRESENTANTE
GARAGEM CENTRAL, L.DA
L. Anunciada, 17 — LISBOA
AGENTES NO PORTO
Auto Porto, Lda. — Europa Acessórios

Sem encargos
Sem dificuldades
Sem cuidados

pague:

água
gás
electricidade
telefone
taxas de rádio
taxas de televisão
prémios de seguros
rendas de casa
quotas do Automóvel Club
quotas de colectividades
assinaturas de jornais
assinaturas de revistas
contribuições da previdência
outros encargos periódicos

realize:

transferências para todo o país
transferências entre contas
operações de cobrança

através de uma conta de
SERVIÇO DE TRANSFERÊNCIAS

peça informações nas filiais, agências ou delegações, existentes em todos os concelhos do país, ou directamente na sede do serviço, Rua Áurea 49-Lisboa

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
INSTITUTO DE CRÉDITO DO ESTADO

Actualidade internacional

BASEIA-SE EM ILUSÕES A ACTUAL CONFIANÇA DOS CONSUMIDORES AMERICANOS

NOVA YORK — Os consumidores mostram-se confiados numa retomada dos negócios. Esta confiança, um dos indicad ores mais certos da conjuntura nos Estados Unidos, baseia-se, actualmente, em certo número de ilusões, mas não impede que seja ela a determinar, ao fim de contas, o ritmo da produção e dos investimentos.

Por TRISTAN DOELNITZ

(Exclusivo «Le Monde»-«D. L.»)

O último inquérito trimestral do «Survey Research Center» da Universidade de Michigan sobre a confiança dos consumidores avalia esta, em Fevereiro, com um índice de 78,2 em comparação com 75,4 em Novembro (a General Motors encontrava-se, então, em greve) 77,1 em Agosto e 78,1 em Fevereiro de 1970. Este índice determinado pelas intenções de compra das pessoas interrogadas, assim como pelas suas razões de serem optimistas ou pessimistas, regressou, deste modo, ao nível do ano anterior Todavia, o único componente negativo do índice em Fevereiro último, refere-se ao passado, isto é, a situação financeira dos participantes no inquérito no decurso do ano passado. Entre os factores positivos, nota-se, em contrapartida, a convicção de que a depressão já não deveria durar muito tempo que o Governo de Washington intervirá a fim de estimular a retomada económica e que as taxas de juro vão continuar a descer.

A MAIS LONGA E A MAIS FRACA DEPRESSÃO DESDE 1930

A primeira destas considerações é devida, sem duvida, ao facto de a actual depressão, estimulada durante o terceiro trimestre de 1969, ser a mais longa experimentada pelos Estados Unidos, desde os anos 30. Trata-se, também, de uma daquelas cuja amplitude foi mais fraca: o índice da produção industrial na base 100, em 1957-1959, desceu de 174,3 no terceiro trimestre de 1969 para 162,7 no quarto trimestre de 1970. Deste modo é lícito pensar-se que a retomada será tão progressiva como a contracção, logo necessitando de mais tempo para se manifestar.

A confiança na capacidade dos poderes publicos para acelerar a retomada é, em larga medida, ilusória, dado que o aumento previsto das despesas do Governo federal, no ambito do orçamento de 1971-1972 é, apenas, de 5,5% (12 biliões de dólares). O conselho económico da Casa Branca avaliou o produto nacional bruto, em 1971, em 1065 biliões; 66% do crescimento em relação ao produto nacional bruto de 1970, isto é, 58 biliões, foram atribuídos pelo conselho e pelo seu presidente, Paul McCracken, á progressão das despesas dos consumidores. Seria, por conseguinte, mais justo dizer-se, contràriamente ao que estes últimos parecem crer, que é o Governo que conta com uma atitude mais positiva por parte dos consumidores para assegurar uma retomada da economia.

O terceiro motivo de confiança registado pelos inquiridores do «Survey Research Center» é a antecipação de uma descida das taxas de juro que constitui facto que vale a pena ser acentuado, um factor mais importante do que a subida das cotações na Bolsa em Wall Street. Também aqui, o optimismo se alimenta de ilusões, pelo menos a dar crédito aos melhores especialistas do mercado de capitais, entre os quais se conta o Dr. Henri Kaufman, um dos sócios da grande firma financeira Salomon Brothers. Segundo estes observadores, o movimento de baixa das taxas de juro nos Estados Unidos encontra-se perto do seu termo, pois fora principalmente devido a um desendividamento das empresas acompanhado por um afrouxamento dos investimentos.

Dado que a máquina económica continuou a funcionar, era inevitável um aumento da procura de capitais provocando novas subidas do aluguer de dinheiro. O curso dos empréstimos bancários ás empresas industriais e comerciais em Nova York aumentou ligeiramente em Fevereiro, pela primeira vez, após seis meses de sucessivas contracções.

A esta evolução vem juntar-se um fator de carácter técnico, a «operação twist», levada actualmente a efeito pelo Federal Reserve System que consiste em consolidar as taxas de juro a curto prazo e baixar as taxas a longo prazo, limitando as suas compras de obrigações do Tesouro a curto vencimento e aumentando, em contrapartida, as suas aquisições de papéis de crédito publicos a longo prazo. Estas intervenções no «open market» tem a finalidade de travar o êxodo dos capitais flutuantes para a Europa, onde encontram uma remuneração mais elevada, a despeito das recentes descidas de taxas de desconto, contribuindo, deste modo, para o «deficit» da balança de pagamentos dos Estados Unidos.

UMA MASSA IMPRESSIONANTE DE CAPITAIS DISPONÍVEIS

Mesmo que se baseie em ilusões, uma melhoria do clima psicológico entre os consumidores americanos é susceptível de exercer uma influência irresistível sobre a conjuntura, na medida em que a liquidez dos consumidores aumentou consideràvelmente: em 1970, a taxa da poupança privada quase duplicou em relação á normal, fixando-se em 7,3% dos rendimentos pessoais, enquanto que estes ultimos continuavam a aumentar de acordo com o que se tinha passado após cada depressão do pós-guerra. Existe portanto, uma massa impressionante de capitais disponíveis que os particulares se encontram prontos a investir ou a despender com a condição de que a confiança seja restabelecida e produza resultados positivos. Parece que a construção será um sector privilegiado a este respeito, dado o «déficit» acumulado da construção de habitações desde há vários anos.

A segurança do emprego é, sem duvida, um dos factores de confiança mais determinantes. A este respeito, é interessante notar que não só o desemprego parece atingir o seu máximo (elevou-se a 6% do efectivo total da mão-de-obra em Março, em comparação com 5,8 % em Fevereiro, 6 % em Janeiro e 6,2 % em Dezembro), mas também resulta menos, a partir de agora, de suspensões do que da dificuldade experimentada pelos jovens que se apresentam pela primeira vez ao mercado do trabalho em encontrarem um emprego. As repercussões desta variante de desemprego sobre a atitude dos consumidores não se comparam com as provocadas pelo encerramento das fábricas.

O comportamento dos consumidores é assim determinado, sob mais de um aspecto, por antecipações. O ritmo da produção industrial pelo qual se medirá a retomada económica, vai ser determinado por este comportamento. Será, por outro lado, afectado de um coeficiente correspondente á reconstituição dos «stoks», desempenhando, neste caso, o papel de um multiplicador las antecipações. Entre o terceiro trimestre de 1969 (começo da depressão) e o segundo trimestre de 1970 as empresas americanas passaram, efectivamente, de uma acumulação de «stocks» ao ritmo anual de 8 biliões de dólares para uma desmunição representando uma diminuição líquida, em cadência anual, de 10 biliões de dólares. Este facto constituiu a principal causa da diminuição de actividade industrial durante este período. O ajustamento dos inventários terminou no decurso do Verão de 1970, e foi então que o afrouxamento da produção dos bens de equipamento — outro importante factor das depressões — começou a desempenhar o seu papel no ciclo económico, o qual atingiu o seu ponto baixo no quarto trimestre com a greve da General Motors.

Assim como a fase ascendente do ciclo se esgotara no decurso do Verão de 1969 na falta de elementos novos susceptíveis de a manter — bastou então um engodo de contracção do crédito e uma diminuição do orçamento da defesa para inverter a tendência, — também a fase descendente parece actualmente no fim da sua carreira, na medida em que todos os factores negativos se esgotaram por si próprios.

Restringir os investimentos «libertar» o marco ou revalorizá-lo são as medidas possíveis

BONN, 6 — (R.) — Os mercados de divisas estrangeiras da Alemanha Ocidental continuam encerrados no meio de intensas discussões tanto políticas como de carácter económico acerca do futuro do poderoso «Deutschmark».

Ontem desenrolou-se com extraordinária rapidez um drama internacional monetário logo que o Banco Federal em Frankfurt suspendeu as operações com dólares americanos e o Governo encerrou os mercados de cambios para vedar uma inundação do dólar que começava a assumir proporções graves porque os especuladores procuravam trocá-los por marcos na previsão de uma provável e próxima revalorização do marco alemão.

O chanceler Willy Brandt, que partiu ontem para uma visita particular a Londres, anunciou que o encerramento do mercado de cambios e a suspensão das operações com o dólar dariam ao seu Governo o tempo necessário para pensar até amanhã quais as medidas de estabilização a pôr em prática.

Estão também previstas consultas urgentes entre a Alemanha Ocidental e os seus cinco parceiros do Mercado Comum, incluindo uma reunião especial da Comissão Monetária da C.E.E., a qual já foi marcada para hoje em Bruxelas. Fala-se também numa reunião de emergência dos ministros das Finanças e da Economia dos países membros do Mercado, que se realizará dentro de dias.

O principal problema que se põe perante o Governo de Bonn é o de parar o vasto afluxo de dólares á Alemanha Ocidental que, ao serem cambiados, colocaram um excesso de marcos em circulação, facilitando os movimentos inflacionistas.

O Banco Federal, obrigado por compromisso a manter a paridade do dólar no mercado de cambios, foi por esse motivo forçado a comprar centenas de milhões no decorrer da semana. Durante os poucos minutos que o mercado esteve aberto ontem, antes da ordem de encerramento, foram transaccionados 1000 milhões de dólares por especuladores alemães que procuravam comprar marcos.

A estabilidade e força de «Deutschmark» é uma herança do surto económico da Alemanha Ocidental no pós guerra e o que preocupa o Governo é o receio que o marco lhe possa fugir do controle.

Os especialistas em Economia e Finanças afirmam que o Governo do chanceler Willy Brandt tem três possibilidades de resolver a situação.

— «Libertar» o marco, ou seja não o obrigar a uma paridade fixa em relação ao dólar e deixá-lo atingir o seu valor intrínseco de acordo com a lei de oferta e da procura

— Revalorizá-lo, como em Outubro de 1969.

— Tomar medidas para restringir os investimentos industriais no estrangeiro, por meio de uma cláusula na legislação sobre comércio externo, de forma a desencorajar a entrada de dólares provenientes de empréstimos ou investimentos.

Contudo, os círculos governamentais estão pouco inclinados a libertar a moeda, sendo mais provável que tomem medidas para restringir os investimentos no estrangeiro.

Willy Brandt deve avistar-se hoje com os ministros da Economia e das Finanças, respectivamente Karl Schiller e Alex Moeller, quando vier de Londres, a fim de preparar o ambiente para uma reunião do Conselho de Ministros. Espera-se que sejam também tomadas medidas para parar o afluxo de dólares.

A crise mais grave desde a guerra

(Cantinuação da 1.ª página)

afluxo especulativo, o jornal acrescenta: «Esta é a crise monetária mais grave desde que o marco foi revalorizado em 1969 e poderá vir a ser a mais grave de todo o pós-guerra.

«O que torna a actual situação tão delicada é o facto de ser o próprio dólar — a moeda chave do sistema monetário internacional — que está a ser atacado e não uma outra moeda qualquer menos importante.

REVALORIZAÇÃO DO YEN?

TÓQUIO, 6 — (R.) — A especulação em relação a uma possível revalorização do yen provocou hoje rápida subida na bolsa de Tóquio, ao mesmo tempo que na primeira hora após a abertura do mercado 250 milhões de dólares foram vendidos.

Os bancos japoneses anunciaram que não haverá hoje cotação fixada para as moedas dos seis países que suspenderam as transacções de divisas: a Alemanha, a Bélgica, a Suíça, a Holanda, a Áustria e Portugal.

REUNIÃO DOS «SEIS» EM BRUXELAS

BONN, 6 — (F. P.) — O gabinete federal alemão não tomará qualquer decisão relacionada com a crise monetária na sua reunião de amanhã — indicou um informador do Ministério da Economia.

Bonn, acrescentou, adiou qualquer decisão por causa da reunião de sábado, em Bruxelas, dos ministros da Economia e das Finanças dos «seis».

O informador disse esperar que esta conferência permita encontrar uma solução «liberal e comunitária».

«DIA DA EUROPA»

ESTRASBURGO, 6 — (F. P.) — O «Dia da Europa», instituído em 1964 pelos Governos dos países membros do Conselho da Europa para associar os povos á sua acção, foi celebrado ontem em Estrasburgo com uma sessão solene na Casa da Europa.

A data de 5 de Maio, escolhida para a celebração, é a data do aniversário da fundação, em 1949, do Conselho da Europa, com sede em Estrasburgo.

DICIONÁRIO DA CRISE

As informações e comentários sobre a crise monetária internacional levam os seus autores a utilizar termos cujo significado escapa por vezes aos não especialistas. Parece pois util recordar sucintamente o significado dos termos mais utilizados.

— Acordos de Bretton Woods — Acordos concluídos em Julho de 1944, perto de Washington pelos representantes dos 44 países aliados ou associados, inimigos do Eixo, para definir as bases das relações financeiras no mundo ocidental.

— F. M. I. ou Fundo Monetário Internacional — Organismo reunindo actualmente 106 países e encarregado de facilitar as regularizações internacionais concedendo nomeadamente «direitos de saque» em divisas a cada um dos seus membros, em contrapartida da sua contribuição ou «quota-parte» no fundo, paga em ouro e em dinheiro nacional.

— B. R. I. ou Banco das Regularizações Internacionais com sede em Basileia — Criado em 1930 para facilitar o pagamento das reparações da guerra 1914-1918 e que agora centraliza as contabilidades dos países membros da O. C. D. E.

— Balança de pagamentos — É o conjunto de operações de todas as naturezas, comerciais ou financeiras, efectuadas entre um dado país e os outros países. O saldo desta balança fica em «deficit» se as despesas externas são inferiores ás receitas e apresenta excedente no caso contrário.

— Balança comercial — É a relação das operações comerciais (exportações e importações de mercadorias) efectuadas entre um país e o resto do mundo.

— Balança do esterlino e balança do dólar — O total de libras esterlinas ou dólares em posse dos bancos centrais e particulares dos diversos países e que constituem créditos a curto prazo sobre a Grã-Bretanha ou sobre os Estados Unidos.

— «Clearing» — Processo de regularização entre bancos de um mesmo país ou de vários países, que se efectua sem transferência de dinheiro, por um jogo de escrituras colocando em compensação dos débitos e os créditos.

— Convertibilidade — Possibilidade de transformar automáticamente uma moeda noutras ou em ouro. Exemplo: as moedas dos principais países do mundo ocidental são convertíveis entre si, desde 1958. O dólar não é convertível em ouro senão para certos bancos centrais de outros países, em certas condições, desde 17 de Março de 1968.

— Créditos «stand by» — Facilidades postas á disposição de um país pelo Fundo Monetário Internacional e aos quais o beneficiário pode recorrer para fazer face a eventuais dificuldades de facto, e mais uma promessa de assistência.

— «Créditos swap» — São os créditos obtidos pelos acordos de troca de moedas entre dois bancos centrais. Em princípio os acordos são válidos por três meses e renováveis.

— Direitos de saque especiais — Possibilidade para diversos países de obterem créditos ou meios de pagamento por saque sobre o Fundo Monetário Internacional, em certas condições. Estes direitos foram previstos pela Conferência Mundial do Rio de Janeiro, e as suas modalidades de atribuição têm de ser concluídas.

— Gold Exchange Standard ou nível de cambio ouro — Denominação do sistema monetário instituído em Génova em 1922 e que admite certas divisas — a libra e, depois, sobretudo o dólar — como dinheiro de reserva ou meio de pagamento internacional, ao mesmo título que o ouro. O sistema supõe que estas divisas sejam consideradas «valendo como o ouro».

— Eurodólares (ou eurodivisas) — Este termo designa as divisas, nomeadamente os dólares, utilizados fora dos seus países de origem, e sobretudo na Europa, para operações de crédito a curto ou médio prazo, num mercado quase «paralelo» aos mercados oficiais.

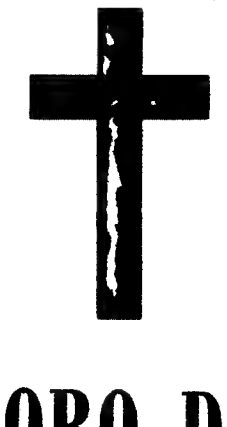
— Grupo dos Dez — São os 10 países do mundo não comunista com as principais responsabilidades financeiras — Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Suécia, Japão, Alemanha Federal, França, Itália, Bélgica e Holanda. A Suíça é uma associada do grupo.

— Liquidezes internacionais — É o conjunto dos meios — ouro, moedas de reserva ou créditos — de que dispõem os países para efectuar os seus pagamentos externos.

— Taxa de desconto — É a taxa de lucro oficial exigida pelos bancos centrais para os adiantamentos a curto prazo sobre os títulos e obrigações apresentados pelos estabelecimentos bancários. Esta taxa determina as outras taxas de juro praticadas num dado país.

— Taxa de cambio — Valor de uma moeda em relação ao dólar. Os acordos de Bretton Woods previam que a taxa de cambio das moedas deviam ser fixas. Cada país intervinha no mercado para manter a sua moeda na taxa de cambio escolhida.

— Taxa de cambio flutuante — A taxa de cambio em vez de ser fixada de uma vez para sempre, segue no dia a dia o jogo da oferta e da procura.



JOSÉ TEODORO DOS SANTOS

SUFRAGANDO A ALMA DE JOSÉ TEODORO DOS SANTOS E MANDADAS REZAR POR SUA MULHER, FILHOS E NETOS, CELEBRAM-SE AMANHÃ, DIA 7, MISSAS DE 30.º DIA NA IGREJA DE S. JOÃO DE DEUS ÀS 12 E 30 HORAS E NA IGREJA DE SANTO ANTÓNIO DO ESTORIL ÀS 19 HORAS.

VIAGENS DE TURISMO OU NEGÓCIOS
NO SISTEMA «I T»
A MANEIRA MAIS ECONÓMICA DE REALIZAR A SUA VIAGEM DE TURISMO OU NEGÓCIOS
Os preços incluem:
VIAGEM DE AVIÃO-LISBOA-CIDADE DE DESTINO E REGRESSO
(No cidade de destino terá lugar uma visita com guia local em autocarro)
HOTÉIS SELECCIONADOS (quarto e pequeno almoço)
Algumas sugestões:

Amesterdão	7 dias	4 750$00	Milão	7 dias	4 900$00
Atenas	7 »	6.750$00	Munique	7 »	5.450$00
Bruxelas	7 »	4.850$00	Paris	7 »	4.350$00
Copenhague	7 »	7.900$00	Roma	7 »	4.950$00
Francfort	7 »	5.250$00	Zurique	7 »	5.250$00
Genève	7 »	4.450$00	Viena	7 »	6.300$00
Londres	7 »	4.050$00			

PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO
Informações e reservas em:
BELOS Turismo
SETÚBAL — Avenida 5 de Outubro — Telef. 23291
ÉVORA — Rua da República — Telef. 24254

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE
CONSELHO ADMINISTRATIVO

AQUISIÇÃO DE UTENSÍLIOS HOSPITALARES

CONCURSO PÚBLICO N.º 6/71-0

Faz-se público que neste C. A. situado na Estrada de Calhariz de Benfica n.º 9, proceder-se-á ao concurso em epígrafe no dia 27 de Maio pelas 16 horas.

O caderno de encargos respeitante ao concurso em referência encontra-se patente neste C. A. todos os dias úteis das 13 às 18 horas.

Lisboa, 30 de Abril de 1971

O CHEFE DA CONTABILIDADE
Rui Manuel Gomes Cabral Telo
Cap. do S. A. M.

Actualidade internacional

«Máquina» de tratamento do cancro

PARIS, 6 — (F. P.) — A invenção de um antigo oficial italiano, António Priore, que desde 1964 levanta nos centros científicos e médicos franceses grande polémica, é tomada em consideração pela Direcção da Investigação Científica, que decidiu ontem aprovar os créditos necessários para verificação dos resultados biológicos obtidos com esta «maquina» de tratamento do cancro.

António Priore, que mora perto de Bordéus, inventou esse aparelho que tem interessado individualidades científicas como o prof. André Lwoff (Prémio Nobel de Medicina) e o prof Pautrizel (decano da Faculdade das Ciências de Bordéus), isto sem contar várias comunicações dirigidas á Academia das Ciências, que levantam, de cada vez, polémicas apaixonadas. Estas comunicações dizem que «a «máquina» pôde curar certos tumores enxertados em ratos, graças a emissão de uma onda electromagnética em pulsação num campo magnético e modulado por uma onda de alta frequência.

Certos cancerosos precipitaram-se para Bordéus, a fim de receberem tratamento através da «maquina» que, porem, até agora só «trata» ratos O delegado-geral da Investigação Científica e Tecnica, Aigrain, declarou ontem em Paris que «falar das aplicações terapêuticas da «maquina» é romance e romance assassino».

Os resultados com os tumores dos ratos — acrescentou — são «incertos». Os únicos resultados considerados pela delegação da investigação científica são os obtidos com ratos infectados pelo agente da doença do sono.

Após o tratamento, foram observadas reacções de imunidade nesses ratos, com casos de desaparecimentos totais da doença do sono.

As experiências com a «maquina» a respeito do cancro não poderão começar antes de Novembro e, «dentro de um ano» concluiu o delegado-geral da Investigação Científica, «esperamos receber um relatório da comissão e saber, assim, se merece a pena prosseguir as investigações».

«AL AHRAM» AFIRMA:

Rogers propôs o estacionamento de forças americanas na península do Sinai

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O secretário de Estado William Rogers propôs o estacionamento de forças americanas, juntamente com outras forças internacionais, no Sinai na fase inicial para o estabelecimento de um acordo — afirma hoje o oficioso «Al Ahram».

O jornal faz notar que a principal divergência entre Washington e o Cairo é a condição posta pelo Egipto de que as suas forças atravessem o canal quando os israelitas se retirarem.

«O lado americano ofereceu alternativas», escreve «Al Ahram» referindo-se ás «fases da retirada ás zonas desmilitarizadas e á possibilidade de forças internacionais substituirem as forças retiradas durante as fases iniciais».

«O lado americano acrescentou que a retirada parcial seria só uma primeira fase para a concretização da resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967 e que os Estados Unidos estão preparados para enviar forças americanas, juntamente com outras tropas para separarem as forças egípcias e israelitas no Sinai».

Em círculos políticos chama-se a atenção para a referência á separação dos dois lados no Sinai, o que sugere a presença de egípcios na margem leste do canal.

PLANO DE PAZ EGÍPCIO EM DUAS FASES

CAIRO, 6 — (A. N. I.) — O ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Mahmoud Riad, apresentou ao secretário de Estado americano, William Rogers, um plano de paz para o Médio Oriente, em duas fases, ao abrigo do qual se pediria inicialmente a Israel para retirar as suas tropas de cerca de dois terços do caminho que atravessa a península do Sinai — revelaram hoje círculos diplomáticos.

Nos mesmos círculos, acrescenta-se que Riad sugeriu que as tropas israelitas se retirassem para uma linha que vai desde El Arish, ao Norte da península, até Ras Mohammed, ao Sul da mesma.

A segunda fase da retirada israelita seria o abandono de Sharm E. Sheik, o estratégico ponto sito no extremo da península do Sinai.

Israel tem exigido a conservação do seu domínio sobre este ponto para garantir a sua navegação através do Golfo de Akaba.

Esta retirada parcial — segundo o plano egípcio — permitiria a reabertura do Canal de Suez e ás tropas egípcias tomar posições na margem oriental do Canal.

A primeira fase do novo plano egípcio, revelado imediatamente antes de Rogers ter chegado ao Cairo, seria seguida de uma segunda fase compreendendo os seguintes pontos:

— Israel retirar-se-ia completamente do território egípcio ocupado, para as fronteiras que existiam antes da guerra de 1967.

— Então o Egipto declararia o fim do estado de guerra com Israel.

— Finalmente, quando estas condições fossem cumpridas, o Egipto estaria pronto a assinar um tratado de paz com Israel.

Nos círculos diplomáticos afirmam-se que o secretário de Estado não apresentou quaisquer novas propostas importantes e que pareceu não prestar grande interesse a esta posição egípcia.

Yevtushenko no Peru

LIMA, 6 — (R.) — O poeta soviético Yevgeny Yevtushenko chegou ao Peru para passar um mês a escrever poemas na região noroeste do país, devastada em Maio passado por um sismo que matou 70 000 pessoas.

Yevtushenko, de 37 anos, declarou ao chegar, anteontem, ao aeroporto desta capital, que dará, também, um recital das suas obras na praça de toiros de Lima.

AUMENTA A CRATERA EM QUE SE AFUNDARAM TRINTA HABITAÇÕES

ST. JEAN VIANNEY (Canadá), 6 (R.) — Um enorme buraco com cerca de 500 metros de diâmetro é tudo o que resta de um bairro operário onde se erguiam três dezenas de habitações, que ontem foram engolidas pela terra devido a um abatimento subterrâneo.

O numero oficial de vítimas é de 30, mas apenas 5 corpos foram recolhidos. As outras 25 pessoas desaparecidas encontram-se sepultadas nos escombros das suas próprias casas, que se afundaram num mar de lama e areia movediça, quando o terreno começou subitamente a abrir fendas e a ceder, devido á acção das chuvas e de uma corrente de água subterrânea que há dois anos minava o subsolo.

Cerca de 70 sobreviventes foram recolhidos, muitos deles feridos e em estado de choque, e levados para o hospital. O resto da população da aldeia foi evacuada pois o terreno continua a mover-se e a cratera aumenta de dimensões, engolindo as casas que se encontram á sua beira.

O capitão Maurice Roy, da Força Aérea canadiana, conta como salvou uma mulher que passou a noite refugiada no telhadilho do seu automóvel.

«Quando sobrevoámos a cratera, de helicóptero, ela foi a única pessoa viva que avistamos naquele mar de lama e terra. Encontrava-se em estado de choque, mas ainda conseguiu passar as correias debaixo dos braços e foi içada para o helicóptero.

1.ª EXPOSIÇÃO PARTICULAR DO MÓVEL

MOVILAR PORTUGUESA
ZEMARKS

Para lançamento de novas linhas de seu fabrico (Lar e Escritório) com o novo aglomerado JOMARPAN

Com interesse para
- ARQUITECTOS
- ENGENHEIROS
- DECORADORES
- CONSTRUTORES
- PÚBLICO EM GERAL

Edifício do Fomento Imobiliário
R. MARQUÊS DE FRONTEIRA, 4 - (LOJA) — LISBOA
(Metropolitano de S. Sebastião)

Até 29 de Maio de 1971
ABERTO: das 9 às 13 - das 15 às 19 - das 20 às 23 horas

O que se passou com o «Angoche»

segundo um comunicado do Comando Naval de Moçambique

A propósito do sucedido com o navio-motor «Angoche», que ontem fundeou à entrada da barra de Lourenço Marques, o Comando Naval de Moçambique distribuiu, a noite passada, o seguinte comunicado, transmitido pela agência A. N. I.:

«Na tarde de 26 de Abril, após ter tido conhecimento de que o navio-motor «Angoche», saído de Nacala em 23 daquele mês, ás 17 horas, não chegara a Porto Amélia, aonde se destinava, o Comando Naval accionou os seus meios e comandos subordinados e pediu a colaboração da Força Aérea Portuguesa para investigar da ocorrência, tentando localizar o navio desaparecido.

«A partir das primeiras horas de 27 de Abril, foram efectuadas buscas aturadas, quer na orla marítima, quer no mar, desde Porto Amélia até á altura da ilha de Moçambique. Nestas buscas, empenharam-se, além da fragata «Hermenegildo Capelo», os meios de defesa marítima de Porto Amélia, de Nacala e de António Enes.

«Na tarde do mesmo dia, obteve-se a informação de que o navio-motor «Angoche» havia sido encontrado abandonado, pelo petroleiro «Esso Port Dickson», com fogo a bordo e com falta de uma baleeira, seguindo a reboque desse mesmo navio. Verificando-se, assim, que a tripulação do navio-motor «Angoche» não se encontrava a bordo, tornava-se imperioso fazer convergir todos os esforços para a sua localização.

«Em consequência, intensificaram-se, assim, as buscas navais para a detecção dos náufragos, passando a participar nelas, além dos meios já referidos, a corveta «Gago Coutinho». Essas buscas foram alargadas para sul da ilha de Moçambique, tendo em conta a existência de correntes que ali, normalmente, se orientam para sul e atingem, por vezes, valores elevados.

«A F. A. P. continuou a fornecer a sua colaboração através de buscas aéreas numa vasta área do canal de Moçambique. Durante o dia seguinte, continuaram as buscas navais, agora em grandes áreas localizadas ao largo da costa entre António Enes e o paralelo da Beira.

«Simultaneamente, prosseguiram as buscas junto da costa por diversas entidades, salientando-se a colaboração prestada por navios mercantes e aviões civis.

«Em 2 de Maio, teve-se a informação de que o navio-motor «Angoche» tinha as duas baleeiras a bordo, embora uma delas queimada, o que teria provocado a incorrecta informação inicial.

«Entretanto, o navio-motor «Angoche» continuava a ser rebocado pelo referido petroleiro em direcção a Durban, não tendo demandado o porto da Beira, como inicialmente fora sua intenção.

«Impunha-se obter informações concludentes sobre a sorte dos náufragos, nomeadamente os possíveis meios de salvação por estes usados.

«Com esse fim, foi dada ordem, na tarde desse dia, aos referidos navios de guerra, para interceptarem o navio-motor «Angoche», o que veio a ocorrer na madrugada do dia 3, na posição de 22 graus e 53 minutos sul, e 35 graus e 47 minutos leste, entre Vilanculos e Inhambane.

Verificou-se que faltavam, a bordo do navio sinistrado, duas jangadas pneumáticas, e vários cintos de salvação, confirmando-se a informação anteriormente fornecida de não terem as baleeiras sido utilizadas pelos tripulantes.

«A fragata «Hermenegildo Capelo», após a intercepção, permaneceu junto do «Angoche».

«Em 4 de Maio, este passou a ser rebocado pelo salvádego alemão «Baltic», que, entretanto, atingia a área e informava que se dirigia para o porto de Lourenço Marques. A referida fragata passou a efectuar o seguimento deste navio.

«Foram até agora percorridas, pelos dois navios de guerra, mais de 3000 milhas marítimas.

«Embora as possibilidades de êxito se afigurem duvidosas, dado o lapso de tempo decorrido, prosseguem as buscas com a corveta «Gago Coutinho» e aviões da F. A. P., numa área ao largo de Quelimane.

«Tratando-se de uma área muito frequentada pela navegação, há possibilidade de os náufragos terem sido recolhidos por algum navio, sendo, contudo, estranho que, nesta hipótese, não tivesse sido recebida comunicação alguma sobre o caso.»

Um funcionário dos C. F. M. entre os desaparecidos

LOURENÇO MARQUES, 6 — (A. N. I.) — Aos desaparecidos do «Angoche» há a juntar um passageiro, embarcado em Nacala, e com destino a Porto Amélia: José António, de 60 anos, funcionário dos Caminhos-de-Ferro de Moçambique, que acompanhava o automóvel, visto no tombadilho do «Angoche», com toda a sua outra bagagem.

ATRASOS POR FALTA DE TÉCNICOS QUE NÃO POR FALTA DE DINHEIRO

— explicação do Governador Civil de Aveiro referindo-se a obras de melhoramentos naquele Distrito

«...É precisamente no tocante a estudos e projectos que o Governo enfrenta as maiores e mais sérias dificuldades, dada a clamorosa falta de técnicos com que se luta. Não sei mesmo como será possível vencer esta crise — um técnico demora anos a preparar — sem se recorrer, em larga escala, a gabinetes estrangeiros da especialidade.» — Salientou o dr. Vale Guimarães, Governador Civil de Aveiro, no decurso da reunião que teve hoje, ao fim da manhã, com os representantes dos órgãos de Informação. E acrescentou:

«Estas dificuldades atrasaram muito a resolução daqueles problemas, apesar do dinamismo e da boa vontade do ministro Rui Sanches, vivamente interessado em fazer andar as coisas rápidamente e em grande.

«Assim, tais atrasos não se devem à falta de dinheiro, como alguns pensam, (há até, em dois campos políticos diametralmente opostos, quem almeje a esperança de que as coisas se não façam, o que permitiria poderem dizer uns, que só houve promessas com fins eleitorais e outros, que alguém abusou da confiança do Governo, aludindo a realizações impossíveis).

«Dinheiro, vai aparecendo em volume que, por elevado, já é motivo de surpresa, apesar de a defesa do Ultramar ser cada vez mais cara e Marcello Caetano se encontrar na firme determinação de a manter sem olhar a preço.»

O dr. Vale Guimarães começou a sua exposição salientando que há muito não tinha o prazer de se reunir com os órgãos de informação, o que fez hoje por poder prestar esclarecimentos «em relação aos mais importantes problemas que interessam à cidade e às zonas portuárias, do litoral oceânico e da Ria».

Informou depois que, amanhã e no sábado, o ministro das Obras Públicas efectua a sua terceira visita de trabalho ao Distrito, deslocando-se agora aos concelhos de Sever do Vouga, Vale de Cambra, Arouca, Castelo de Paiva, Vila da Feira e S. João da Madeira.

«Destas visitas, sem dúvida estafantes, têm resultado inestimáveis benefícios, pois, através delas, o ministro Rui Sanches, merecê do seu raro poder de apreciar e de resolver sem perda de tempo, tem podido dar satisfação a parte considerável das mais prementes necessidades.

«Quanto a Aveiro, há que distinguir entre cidade e freguesias. Nestas, o volume de melhoramentos, dependentes de comparticipação do Estado, é excepcional, sobretudo no tocante a estradas, arruamentos e caminhos, escolas, novos cemitérios, etc. Este ritmo de trabalho deverá manter-se ainda por mais dois ou três anos, dado serem muitas as carências a remediar.

«Na cidade, as obras que se encontravam estudadas e lotadas de projecto, em condições de ser aprovado, têm sido lançadas a cadência que, não sendo excepcional, é mais que satisfatória. Aliás, seria difícil andar mais depressa, por falta de empreiteiros.

«No que respeita aos grandes problemas, tanto citadinos como portuários, a situação é diferente. Entre eles contam-se: a definição dos novos acessos rodoviários à cidade; a supressão da passagem de nível de Esgueira; a nova ponte da Barra; a ligação por ferry-boats entre o Forte de S. Jacinto; o dique — estrada entre Aveiro e a Murtosa; a defesa da Praia da Costa Nova e a valorização do seu canal da Ria; a Doca Seca; o prolongamento do cais de Porto Comercial; a Ponte de Pau.

«De uma maneira geral, nenhum destes momentosos problemas estava estudado, e muito menos projectado, exceptuando a doca seca, ou, se o estavam, a desactualização era tão evidente que tudo havia a fazer de novo.»

Passando a fornecer indicações sobre as diversas obras em curso ou planeadas, o dr. Vale Guimarães informou que já foram abertos concursos para as obras da doca seca («custará cerca de 50 mil contos sem contar com oficinas, instalações administrativas e outros acessórios») e para a defesa da praia da Costa Nova e valorização do canal da Ria. Quanto à Ponte da Barra (obra que importará em cerca de 55 mil contos) disse que ainda no ano corrente será posta a concurso.

Prosseguindo, o Governador Civil de Aveiro informou que a obra para a ligação, por «ferry-boats», entre o Forte da Barra e S. Jacinto importará em oito mil contos, compreendendo: desembarcadouros e acessórios; arruamentos, parques e acessos; instalações de apoio aos terminais. Espera-se, que a apreciação e aprovação final dos projectos se faça por forma a que, ainda este ano, seja a obra posta a concurso. A Câmara Municipal de Aveiro, por si ou em colaboração com empresa concessionária, compete a construção do dois ferry-boats, já estudados.

O dr. Vale Guimarães deu ainda informações acerca dos novos acessos rodoviários à cidade (estudo confiado a um gabinete de engenheiros consultores); sobre a supressão da passagem de nível de Esgueira (importará em cerca de 18 mil contos e espera-se que o concurso para adjudicação seja aberto no próximo ano); sobre o importante melhoramento que será o dique-estrada entre Aveiro e Murtosa (obra estimada em 60 mil contos, tudo levando a crer que será posta a concurso em 1972).

Outros pontos de interesse focados pelo Governador Civil de Aveiro:

Ponte de Pau — Dentro de alguns meses a Câmara poderá abrir o respectivo concurso.

Escola do Ciclo Preparatório — Começarão em breve os trabalhos, adjudicados por cerca de 15 500 contos.

Hospital Regional — Vão iniciar-se os trabalhos correspondentes às fases de acabamento. O custo final ultrapassará os 90 mil contos. Entretanto, procura-se que o velho hospital seja aproveitado e ampliado.

Aproveitamento da Mata de S. Jacinto — Para fins turísticos e de recreio e para zona residencial de Verão — projecto geral adjudicado por 300 contos.

Infantários — Decidida superiormente a criação de dois infantários na cidade — já a funcionar, em casas arrendadas, até à construção de edifícios próprios.

Casa de renda acessível — Previstas para breve a construção de algumas dezenas de casas, pela Fundação Salazar em colaboração com o Município. Também prevista a construção de centenas de habitações, pela Federação das Habitações Económicas.

Prolongamento do cais comercial — Estão em curso os estudos para esta obra, que o aumento do movimento no porto torna necessária.

O dr. Vale Guimarães concluiu a sua exposição, dizendo:

«Do exposto fácil é concluir que, tendo em atenção as realizações já em curso, as que ainda terão início no ano corrente e as que o deverão ter no próximo ano, Aveiro atravessa um momento de arranque verdadeiramente histórico, que já pode classificar-se como «andar depressa e em força».

«Este conjunto de obras a que se faz referência, incluindo a da defesa da Praia do Furadouro, já em curso, e sem contar com as comparticipações do Estado atribuídas a obras camarárias, representa, para o Estado, e só no que se refere à cidade, porto de mar e de defesa das praias do Furadouro e da Costa Nova, a cifra, também histórica, de 335 mil contos.

«Não se teve em conta, nesta cifra, o encargo com a construção do novo cais comercial, dado ser impossível, neste momento, prever o seu custo.

«Recorda-se, porém, que o actual cais custou mais de 30 mil contos, já há uns três anos ou mais.

«Se entrarmos em linha de conta com esta obra, aliás já contemplada com alguns milhares de contos no orçamento do ano corrente, bem pode dizer-se que o esforço do Estado só nesta pequena parcela do Distrito, ascende a 400 mil contos.»

A POSSE DE NOVOS DELEGADOS DO I. N. T. P.

(Cantinuação da 1.ª página)

observadores, um e outro rótulo» e disse:

«Refiro-me não só aos que formamos a equipa de hoje, mas a quantos, desde o lançamento das bases do sistema corporativo português, venceram corajosamente, sob o epíteto de homens da esquerda, obstáculos e incompreensões, suportaram o embate de interesses e de extremismos, lutaram pela valorização do trabalho nacional e pelo bem estar dos económicamente menos favorecidos, impondo uma política de horário de trabalho, de promoção salarial, de habitação económica, de previdência, de emprego.

E todos nós temos sido sistemáticamente rotulados de conservadores quando nos opomos á concretização de pretensões exageradas, á insidiosa infiltração de quantos pretendem aproveitar a vitalidade das instituições profissionais para lançar a perturbação, para confundir a ordem social, para distrair o investimento, para desorientar a segura marcha do progresso».

O secretário de Estado do Trabalho falava no acto de posse dos novos delegados do I. N. T. P. em oito distritos, entre os quais o do Porto.

«Está em curso um vasto programa, no domínio da Previdência, visando a protecção da população activa pelo progressivo alargamento dos esquemas de benefícios» — disse o dr. Silva Pinto, frisando que esse programa deverá ganhar *«uma força e uma iniciativa que as aproximarão de esquemas empresariais».*

«A experiência dos ultimos meses veio tirar — sei poder afirmá-lo — as dúvidas a certos velhos do Restelo sobre a exequibilidade desse plano, designadamente na parte relativa ao papel dos delegados do I. N. T. P. que interessava fazer processar num contexto mais vasto do que o da regulamentação do trabalho, associando-os á problemática do emprego, da formação profissional, da previdência, da economia laboral, da estatística do trabalho, do planeamento» — disse o secretário do trabalho.

Segundo afirmou aquele membro do Governo, dirigindo-se aos presentes na cerimónia, *«teremos de possuir simultâneamente a coragem suficiente para actuarmos com determinação e o equilíbrio indispensável para entendermos as limitações que nos rodeiam, preferindo á ousadia perigosa dos grandes saltos, a persistência de uma caminhada permanente».*

Durante a cerimónia, efectuada na Caixa de Previdência da Industria Têxtil, foram empossados os delegados do I. N. T. P. no Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Faro, Guarda, Vila Real, Bragança e Horta, respectivamente, drs. Guilhermino Teixeira Coelho, Manuel de Carvalho Parente, Francisco Leite Dourado, Fernando Maia dos Santos, Carlos da Ponte, António Mendes Liberal, António Pascoal de Carvalho e Elísio Belo Carmona; os vice-presidentes da Caixa Nacional de Pensões e da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família drs. José Rebelo Cota e Mário Ferraz de Oliveira; os presidentes das Caixas de Viana do Castelo, Évora, Vila Real e dos Ferroviários, drs. António Ferreira Brochado, Amílcar Pereira Mesquita, António Ascensão e Castro e José Soares da Graça; e os vice-presidentes do Instituto de Obras Sociais das Caixas do Porto e Têxtil do Porto, drs. Justino Vítor Falcão, Nuno Martins Botelho, Mário Esteves Gonçalves e Eurico Vaz Osório.

Após a sessão, realizou-se um almoço no Hotel Infante de Sagres.

De tarde, o secretário de Estado do Trabalho presidiu á inauguração da nova sede do Grémio Nacional dos Armazenistas de Materiais de Construção, na Praça Velazquez, tendo em seguida uma reunião de trabalho para apreciar a alteração dos estatutos daquele grémio.

Seguiram-se outras reuniões de trabalho, na delegação do I. N. T. P., na Caixa dos Serviços Médico-Sociais e na Caixa de Previdência do Distrito do Porto.

A noite, o dr. Silva Pinto, presidirá, na F. N. A. T., a um jantar oferecido pelos organismos corporativos, em homenagem ao dr. José Rebelo Cotta, delegado cessante do I. N. T. P. no Porto e que servirá também para apresentação do novo delegado daquele organismo, dr. Guilhermino Teixeira Ribeiro.

Amanhã de manhã o secretário de Estado do Trabalho continuará as suas reuniões em vários organismos e outras visitas.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

A equipa de juniores está concentrada em Vale de Lobos, efectuando diversos treinos sob as ordens do técnico e seleccionador nacional Peres Bandeira.

Os elementos convocados são:

Fidalgo, Franque Casquinha, Shcu, Alves, Eurico e Jordão (Benfica); Quim Rodolfo e Costa Almeida (F. C. do Porto); Alhinho e Gregório Freire (Académica); Alexandre e Nando (Sporting); Acácio e Coelho (Atlético); Pereira e Teles (Belenenses); Marraia (Vitória de Setúbal); Jaime (Varzim); Ibraim (Vitória de Guimarães); Vítor Pereira (C. U. F.); José Augusto (Barreirense) e Carlos Manuel (Sesimbra).

*

Djalma novamente castigado. Agora, o Belenenses puniu o dianteiro brasileiro com suspensão por 30 dias. Outros futebolistas castigados: Arlindo (2000 escudos) e Cardoso (1500 escudos).

*

A nova sede dos «azuis» será no Restelo.

*

Acordo perfeito entre o jogador e o clube para Rui Rodrigues passar a representar o Benfica. O moçambicano receberá 90 contos de «luvas» (por três temporadas) e ordenado mensal de 25 contos.

A Académica, por seu lado, pretende a cedência de três futebolistas do Benfica, um dos quais seria Raul Águas.

O Sporting, porém, pretende encaminhar o assunto para os tribunais comuns, uma vez que Rui Rodrigues se comprometera, por escrito, a representar o Sporting após deixar a Académica de Coimbra.

Fase da partida Técnico-Moscavide

VOLEIBOL

Vitória do Técnico sobre o Ext. Moscavide

Concluiu-se ontem a 1.ª volta do Campeonato Nacional da I Divisão, tendo o Técnico vencido o Externato de Moscavide, por 3-0 (15/7; 15/4; 15/12).

Sob a direcção de Fernando Dias e José Saraiva, as equipas alinharam:

TÉCNICO — Luís Briz, Raul Carregoso, Cunha Pereira, Jorge Filipe, Élio Franco, Corte Real e João Fernandes.

EXT. MOSCAVIDE — José Sales, Carlos Brilhante, Ramon Cota, Fernando Riça, Helder Silva, Vítor Melo e Jaime Mortágua.

Vitória sem discussão da melhor equipa apenas contrariada na última partida em que a turma vencida ofereceu excelente réplica e poderia até ter ido mais além se não fosse a falta de calma nos momentos derradeiros.

Campeonato de juniores

Principiou a 2.ª volta do Campeonato Nacional de Juniores tendo o Lisboa Ginásio vencido o Costa do Sol por 3-0 (16/14; 15/4; 15/6) e o F. C. Porto derrotado a turma do Leixões, também por 3-0.

O F. C. Porto comanda a prova sem qualquer derrota seguido do L. Ginásio que apenas perdeu um encontro frente aos portistas.

1 X 2 TOTOBOLA

SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA

MATRIZ

TAÇA «RIBEIRO DOS REIS»

1 Vizela - Famalicão
2 Braga - Varzim
3 Riopele - Guimarães
4 Penafiel - Espinho
5 Boavista - Tirsense
6 Sanjoanense - Lamas
7 Tramagal - U. Tomar
8 T. Novos-Marinhense
9 Oriental-Atlético
10 Sintrense - Torriense
11 Barreirense-CUF
12 Portimonen.-Setúbal
13 Sesimbra-Olhanense

2 APOSTAS - 4$00			4 APOSTAS - 8$00			6 APOSTAS - 12$00			8 APOSTAS - 16$00			10 APOSTAS - 20$00		
1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2	1	X	2
1		2	3		4	5		6	7		8	9		10

TAÇA "RIBEIRO DOS REIS"

NOME
MORADA
LOCALIDADE

35
9 DE MAIO DE 1971

(A não indicação do nome torna o bilhete nulo)

QUER APOSTAR?...

BASQUETEBOL

O americano Kit Jones dado como certo no Sporting

Ainda a época basquetebolística não findou e já a dança das transferências se começa a verificar.

Desta feita e com o seu «quê» de sensacional chegou-nos a informação de que o gigante americano (2,04 m) Kit Jones, que esteve este ano novamente ao serviço do Ginásio Figueirense onde sobressaiu como o melhor marcador do campeonato nacional metropolitano, havia ingressado no Sporting.

Do interesse existente pelo categorizado jogador por parte dos principais clubes portugueses (tais como o Benfica, Sporting, B. P. M. e F. C. Porto) já nós sabíamos: simplesmente este desfecho tão rápido e que surpreenderá muita gente.

Em contacto com os dirigentes Armando Fazenda e José Duro (do Sporting), foi-nos dito que Jones havia formado verbalmente um acordo com o Sporting para ser treinador da equipa principal e supervisor das restantes categorias dos «leões».

Foi-nos dito ainda de que Kit Jones seguiu na passada 2.ª feira para os Estados Unidos a fim de rever os familiares, tendo ficado combinado de que regressará a Portugal em Setembro para desempenhar as suas novas funções.

★

Prosseguiu o Grande Torneio, prova dotada com a taça «Dr. Madeira da Silva».

Resultados:

SÉRIE A

Belenenses, 86-Técnico A. 54
C. Quebrad. 78-A. Amad., 43

SÉRIE B

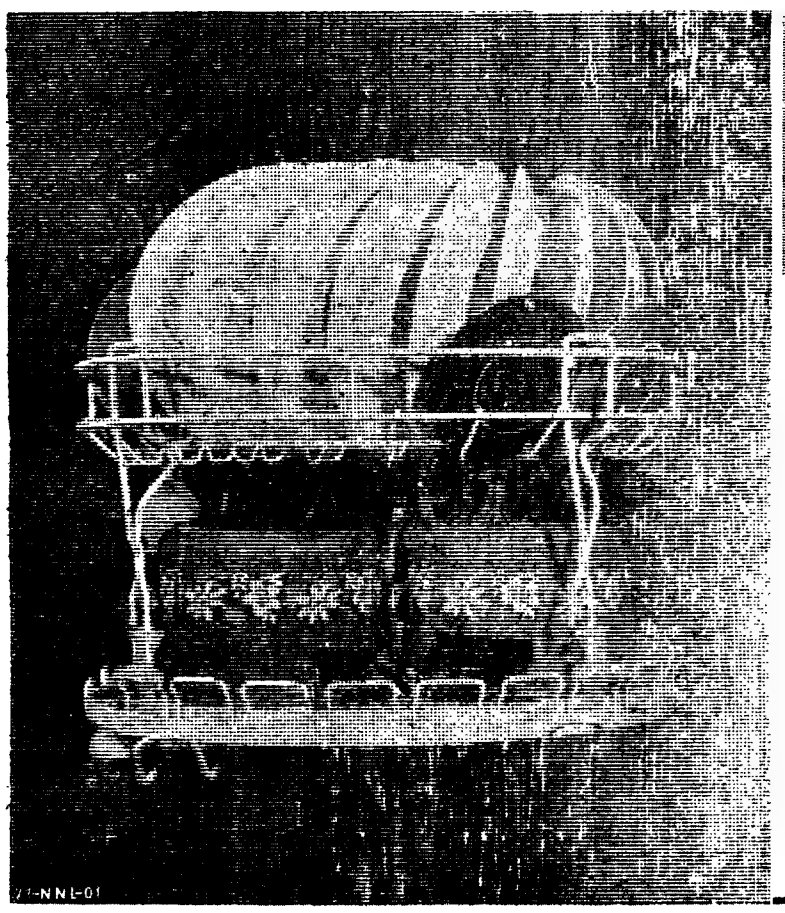
C. D. U. L., 93-Técnico B, 21
Ateneu, 61-C. I. F., 46

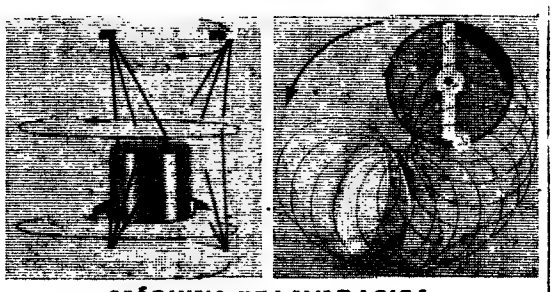
— Ficou isento desta jornada o Benfica. Belenenses e C. D. U. L. comandam sem derrotas.

*

No pavilhão do Estádio Universitário de Lisboa, teve lugar o início a taça «Lavínia Pais» que forneceu os resultados seguintes:

C. D. U. L., 40-Física, 18
Encarnação, 38-Nacional, 26
C. I. F., 52-Algés, 15





MÁQUINA DE LAVAR LOIÇA

NAONIS

Resolve completamente o problema da lavagem da sua loiça e trem de cosinha deixando os limpos e polidos.

No interior da máquina há dois braços rotativos um inferior e outro superior dos quais partem jactos de água em todas as direcções o que combinado com o movimento giratório dos suportes de loiça permitem a lavagem e polimento de todo o vazilhame incluindo o de alumínio.

DIST. GERAIS J.J. GONÇALVES SUCRS S.A.R.L.
LISBOA-PORTO - AGENTES EM TODO O PAIS

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

CASTIGOS DA FEDERAÇÃO

A Federação Portuguesa de Futebol aplicou os seguintes castigos:

CLUBES — Multa de 250 escudos e interdição do campo por 2 jogos ao Barcelos; idem de 100 escudos ao Sp. Farense; repreensão por escrito ao Sesimbra.

JOGADORES — Manuel Marques (Sacavenense), 8 jogos; Sequeira Lopes (Portalegrense), 7 jogos; Álvaro Freitas (Gil Vicente), 5 jogos; Santos Ferrão (Guarda), Américo Romeiras e Primitivo Salgueiro (União Montemos), Vítor Duarte (Paio Pires), Domingos Marujo (Moura), António Magina (Gouveia) e Vítor Santos (União Coimbra), 3 jogos; Herculano Martins (Paio Pires), Domingos Almeida (F. C. Porto), Vítor Oliveira (União Coimbra) e Fernando Matos (Anadia), 2 jogos; Joaquim Rui (União Almeirim), Júlio Madeira (Tirsense) e Alfaia Gorgulho e Filipe Inácio (Sacavenense), 1 jogo; Lanita Romeiro (Sp. Covilhã), repreensão por escrito; Raul Alberto (Sesimbra), suspensão preventiva.

As futebolistas do Crystal Palace treinam para a sua «tournée» pelo Continente português

FUTEBOL E MERCKX ESTA NOITE EM ALVALADE

A partir das 19 e 30, Lisboa pode assistir a um curioso espectáculo de futebol e ciclismo, que o Sporting organiza em Alvalade.

Nome maior do cartaz, por si só valendo um espectáculo, o do campeoníssimo Eddy Merckx, a estrela mais rutilante do ciclismo mundial.

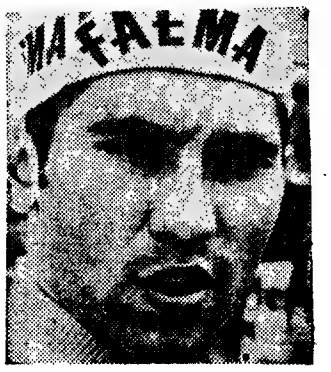
Na parte futebolística do programa, a curiosidade de ver como se comporta o Atlético já com esporas de 1.ª Divisão contra os ingleses do Norwick; e em fecho do programa, com sabor de desforra, um Sporting-Dundee: há nove anos (recordam-se?) os escoceses eliminaram os «leões» da Taça dos Campeões...

Refira-se ainda, como propaganda de um espectáculo que não precisa de propaganda, a presença na equipa do Sporting dos «emprestados» de Rui Paulino e Bastos (dois bons filhos que a casa tornam?) e do setubalense Jacinto João, que bem poderá. Bem... veremos logo e talvez para o ano...

Outros acontecimentos

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 47/2, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21 horas.

TÉNIS DE MESA — Torneio Popular de Seniores: Série A — Lisbonense «A»-Económicos «B» e Armadorense-Pena. Série B — Económicos «A»-Dafundo, Rio Seco-Musical 3 de Agosto e Lisbonense «B»-Alunos Apolo. Série C — Académica da Amadora-Talaíde, Bairro Janeiro-Mem Martins e Bairro Taxa - Progresso Clube, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.



Merckx

Campeonato de Lisboa de Juniores: S. L. Águias-Sporting, ás 2 e 30, no Armadorense.

Campeonato de Faro de Juniores: Náutico-Imortal, ás 21 e 30 horas.

TÉNIS — Torneio da Primavera, no Estoril, ás 18.

Acontecimentos DE ONTEM

FUTEBOL

A equipa inglesa do Folkestone venceu por (4-3) a turma do Portimonense. Os portugueses alinharam: Daniel; Lino, Miranda, Carlos e António Luís; Arquimínio, José Artínio e Ramos; Lecas, Paneco e Afonso.

Por seu turno a C.U.F. venceu, em Granada, a formação local. Resultado: 1-0, tento de Eduardo, aos 85 minutos de jogo. Os «onzes»:

C.U.F. — Guimarães; Esteves, Rodrigues, Vítor Marques e Castro; Arnaldo e Sério; Monteiro, Capitão-Mor, Fernando e Eduardo.

Depois: Palma Lopes, Bambo, Medeiros e Magalhães.

GRANADA — Nito; Lidio, Martos De la Cruz e Sain; José e Laza; Paco, Barrios, Jorge e Juarez

Alinharam ainda: José Luis, Fernandez, Ochoa, Tejada e Porta.

Em juniores, a equipa de futebol do Sport Lisboa e Benfica venceu o Loures por 7-0. Em S. Pedro do Sul, uma formação do V. Setubal foi derrotada (1-3) pelo Samfe-

*

TÉNIS DE MESA

Regional de infantis de ténis de mesa: A. Apolo-Belenenses, 2-5; Águias-Ateneu, 5-3; Mirantense-R. Apolo, 0-5.

AGOSTINHO: 45.° LUGAR ENTRE 73 CONCORRENTES

GENEBRA, 6 — (A. N. I. e F. P.) — O ciclista italiano Felice Gimondi foi o vencedor do contra-relógio com que abriu a Volta á Romandia, disputada nas ruas molhadas e escorregadias de Genebra. A prova de 4,2 quilómetros apresentou tais dificuldades que o juri decidiu não contar os tempos para as classificações individuais e por equipas. Não alinhou o português Joaquim Agostinho.

Melhores tempos: 1.°, Felice Gimondi, Itália, 6 m 4,4 s; 2.°, Juerg Schneider, Suiça, 6.4.6; 3.°, Joel Bernard, França, 6.5.9; 4.°, Frans Staes, Bélgica, 6.9,3; 5.°, Marcelo Bergamo, It., 6.11.2; 6.°, Walter Ricci, França, 6.11.4; 7.°, Gerard Rochat, França, 6.12; 8.°, Erich Spahn, Suíça, 6.12.5; 9.°, Mario Nicoletti, It. 6.15,7; 10.°, Roberto Sorlini, It., 6.15.8.

Franco Bitossi, da Itália, e Patrick Sercu, da Bélgica, venceram as duas etapas de hoje. Sercu venceu a etapa da manhã ao «sprint», mas, na da tarde, foi batido também ao «sprint», por Bitossi. Ambos gastaram 5 h 12.8 s para os 211 quilómetros. Seguiram-se: 3.°, Albert Fritz (Alemanha); 4.° Rinj Wagtmans (Holanda); 5.°, Italo Zilioli (Itália). Agostinho foi 45.°, com o tempo do vencedor, pois o pelotão englobou 71 corredores, chegando no fim: 72.°, Schaivon, 5.13.14; 73.°, Sanambroggio, 5.13.22.

A «VUELTA»

BARCELONA, 6 — (A. N. I., R. e F. P.) — O belga Eddy Peelman venceu a sétima etapa da Volta á Espanha em Bicicleta, com 3 h 28 m 9 s para os 149 quilómetros desde Salou, á média horária de 42,949 km. Cyrille Guimard, da França, foi o segundo e Walter Godefot, da Bélgica, o terceiro, ambos com o mesmo tempo do vencedor.

O holandês René Pijnen continua com a camisola amarela com 25 h 26 m 22 s, seguido por: 2.°, Eduardo Castellon, Espanha, 25.27.13; 3.°, Cyrille Guimard, França, 25.27.23; 4.°, Pierre Paranteau, Fr., 25,27.29; 5.°, Domingo Perurena, Espanha, 25.27,43; 6.°, Maria Lasa, Esp., 25.27.57; 7.°, Gonzalez Linares, Esp., 25.27.59; 8.°, Ferdiand Bracke, Bélgica, 25.28.1; 9.°, Luís Ocanada, Esp., m. t.; 10.°, Ramon Saez, Esp., 25.28.2.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.° 35 - 10.ª Época

Beira Baixa — 11X 111 111 11X1; Brados do Alentejo — 12X 111 212 X22X; Cardeal Saraiva — 121 1X1 212 1X12; Comércio de Portimão — 211 112 122 1111; Correio dos Açores — 212 111 2X2 1121; Correio de Coimbra — 21X 112 222 11X1; Distrito de Setubal — 122 1X1 2X1 112X; Ecos do Desporto — 212 X1X 2X2 1121; Estrela da Manhã — 222 11X 122 1X21; Eu Sei Tudo — 2X2 111 X22 X121; Folha do Domingo — 21X 111 11X 1121; Gazeta do Sul — 222 X11 222 X12X; Jornal do Barreiro — 211 212 222 122X; O Jornal de Felgueiras — 211 X11 1X1 1111; Jornal do Sul — X1X XX1 X12 1121; Jornal de Viseu — 112 111 XX2 212X; Linha de Elvas — X12 111 212 1X2X; Maria da Fonte — 2X2 211 2X2 2121; Notícias do Douro — 1X2 111 1X2 1X21; Notícias de Felgueiras—2XX 11X 22X 1X21; Notícias de Guimarães — 2X2 X12 122 1X21; Passatempo JJ. — XX2 1X2 X12 1121; Povo Algarvio — 222 X12 X22 1X21; A Rabeca — 2X2 111 X12 1121; Reconquista — 222 212 222 112X; Renovação — 22X 111 112 1121; Republica — 222 X1X 121 1221; O Telégrafo — 2X2 112 22X 1X2X; O Templário — 22X 111 2X1 1121; Terra Alta — 112 111 1X2 1121; Açores — 21X 11X 12X X221; Badaladas — X1X 12X 122 X121; Boletim Desportivo (ENR)— 111 111 111 1111; Cavalgada do Ritmo — 2XX 11X 1XX 11X1; Colina Sagrada — 2X2 X1X 2X2 1121; O Comércio de Leixões — XX2 11X 11X 1121; O Comércio do Porto — 2X2 111 1X2 1121; Correio do Vouga—221 111 211 1121; De Tudo Um Pouco — 212 111 X22 1121; Às 10 Espero Por Nós—21X 111 X22 1121; Diário de Coimbra — 2X2 111 212 1121; Diário do Minho — 2X1 112 222 11X1; Ecos de Cacia — 212 111 212 1X21; Dos Fracos Não Reza a História — 112 212 221 1121; A Ilha — 2XX 11X 22X 11X1; Imagens Piedenses — 122 11X 111 11X1; Jornal da Beira — 111 X12 2X2 11X1; Jornal da Lixa — 212 111 221 1122; Jornal de Sintra — 22X 111 222 1X21; Litoral — X12 111 XX2 1121; Momento do Totobola — X12 111 2X2 112X; Notícias de Chaves — 221 111 2X2 112X; Notícias d'Évora—X12 X11 2X2 1121; Novidades — 1X1 X12 X2X 11X1; A Ordem — 11X 221 1X2 12X2; Peça Que Não Maça — 211 11X 221 1222; Prog. Diário do Porto — 222 111 21X 1121; Auto Rádio — 222 212 122 1X21; Campeão Português — 222 21X 122 X121; Mundo Desportivo — 212 11X 222 X121; Repórter do Dia— 222 11X 122 1X21; Repórter do Dia (Angola) — 222 1X1 221 112X; Revista de Som — X22 212 122 1121; O Sorriso da hora do Almoço — 112 222 XX1 1XX2; Voz do Casa Pia — 2X2 111 XX2 1121; Mosaico — 212 112 212 1211; Primeiro de Janeiro — 222 212 X22 1121; Prog. Sem Nome — X22 122 11X 11X1; Rádio Clube do Norte — X21 X12 111 1X21; Rádio Placard — 222 11X 122 1221; Estudio 64 — 222 X11 122 X121; Placard Desportivo — 222 111 122 1221; Resenha Desportiva — 2XX 111 XX2 1121; O Porto — XX2 11X 121 1122; A Lição do Menino Quim — 112 11X XX2 1121; Manchete Desportiva — 222 111 212 1121; Rádio Sports — 112 X1X X1X XX2X; Penalti — X1X 111 XXX 1121; A Voz Desportiva — 222 111 222 1121; A Voz do Domingo — 211 X11 112 112X; A Voz de Palmela — XX2 112 X12 1X21; A Voz dos Ridículos — 212 X1X 111 1121; Diário de Lisboa — 2X2 212 222 XX21; O Apostolado — 212 11X 1XX X2X1; Diário de (Luanda) — 2X2 11X 122 112X; A Nossa Chave — 212 111 2X2 1121; Notícias do Totobola — 211 111 122 1121; Actualidades Desportivas — 111 111 2X2 1111; Bondiazinho — X12 2X2 112 X221; Brado Africano — 212 X12 X22 1X21; Cidade 71; X12 2X2 XX1 X111; Domingo Alegre—1X1 121 1X2 2X2X; Jornal Desportivo — 122 111 122 1221; Passatempo — 112 X2X 2X2 122X; Roteiro Sonoro — 1X1 X21 1X2 2121; Terceiro Programa — 21X X11 112 1221; Vamos Jogar no Totobola — 112 11X 1X2 1121; João Semana — 112 1X1 211 X111; Jornal das Aves — 212 121 X12 121X.

CONCURSO N.º 35

10.ª ÉPOCA

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Vizela-Famalicão	23	16	60	3	2	7
2. Braga-Varzim	46	24	29	6	3	3
3. Riopele-Guimarães	17	18	64	2	2	8
4. Penafiel-Espinho	66	20	13	9	2	1
5. Boavista-Tirsense	83	8	8	10	1	1
6. Sanjoanense-Lamas	51	24	24	6	3	3
7. Tramagal-U. Tomar	39	21	39	5	2	5
8. T. Novas-Marinhense	28	31	40	3	4	5
9. Oriental-Atlético	18	13	68	2	1	9
10. Sintrense-Torriense	81	14	4	10	1	1
11. Barreirense-CUF	65	19	15	8	2	2
12. Portimonense-Setubal	9	12	78	1	1	10
13. Sesimbra-Olhanense	76	17	6	9	2	1

E a chave lógica será: 212 111 1 ou 222 1121

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

VENCEDOR DO PRÉMIO SOMELOS/HELANCA

DAMAS

Vai receber 20.000$00 por ter sido o mais regular jogador que disputou o campeonato nacional de futebol da I divisão totalizando 69 pontos, o sportinguista Damas foi o digno vencedor deste prémio organizado pelo jornal A BOLA. Em 2.º lugar classificou-se Rui Rodrigues da Académica com 66 pontos.

Sindicato Nacional dos Caixeiros e Profissões Similares do Distrito de Lisboa

Avenida da República, 29 LISBOA — Telef 50473

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINARIA

CONVOCACÃO

Em conformidade com as disposições estatutárias convoco a Assembleia Geral a reunir extraordinàriamente no próximo dia 21 do corrente, na Sede deste Organismo, Avenida da República, 29, pelas 20.30 horas, em primeira convocação com a seguinte:

ORDEM DOS TRABALHOS

1 — Discussão e aprovação da orientação a seguir no futuro imediato no que se refere à Contratação Colectiva.

2 — Discussão e aprovação de bases gerais e oportunidade da revisão dos Estatutos do Sindicato, e eventual nomeação de uma Comissão para o efeito

Não havendo número legal de representantes presentes, desde já se convoca nova reunião, no mesmo local, para as 21.30 horas do mesmo dia, que funcionará com qualquer número de representantes, conforme determina o artigo 30.º dos Estatutos.

Lisboa, 6 de Maio de 1971.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) **Ezequiel de Sousa**

CONVITE

Convidam-se todos os oficiais do Quadro Permanente e do Quadro de Complemento que serviram em Aveiro no Regimento de Cavalaria n.º 5 a comparecerem num almoço de confraternização a realizar em 16 de Maio 1971 no Hotel Arcada em Aveiro.

Pede-se para fazerem a inscrição para Hotel Arcada — Telefone 23001 Aveiro até ao dia 12 do corrente.

AGRADECIMENTO

ANTÓNIO LOPES CANHÃO JUNIOR

Professor primário aposentado

A viúva e filhos em virtude do seu estado de consternação agradecem as manifestações de pesar, pedindo desculpa por só agora o fazerem e por este meio.

Igualmente agradecem a todas as pessoas que o acompanharam na sua doença de mais de uma dezena de anos.

Dr. António Manuel da Costa Quinta

Sua família participa o seu falecimento no passado dia 1 e que depois de amanhã, dia 8, será rezada missa do 7.º Dia, pelas 12.30 horas, na Capela do Hospital de Jesus.

APARTAMENTOS MOBILADOS

aluguer e venda

LOCAIS DAS PROPRIEDADES

Paço de Arcos — B.º Comendador Joaquim Matias ■ Cascais — Conjunto Turístico da Pampilheira ■ Reboleira — Edifício Oeiras Lisboa — Olivais ■ Parede ■ Alapraia ■ Venda Nova

Artesanato e Mobiliário Materiais de Construção Azulejos Nacionais e Estrangeiros Mosaicos Decorativos Japoneses

Consulte: J. PIMENTA

S. A. R. L.

LISBOA—Pr. Marquês de Pombal, 15—Tel 45843-47843

APARTAMENTOS TURISTICOS EM PAÇO DE ARCOS E CASCAIS

A SOLUÇÃO IDEAL PARA GRUPOS E FAMÍLIAS A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS

EMPREGADO

SERVIÇO DE EXPORTAÇÃO

Importante Empresa Industrial situada nos arredores de Lisboa, admite funcionário para a secção de exportação, dando-se preferência a Despachante devidamente encartado.

Entrada imediata, livre do serviço militar. Resposta com «Curriculum vitae» indicando idade e ordenado pretendido, a este jornal ao n.º 792.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS, S. A. R. L.

LINHA DOS E. U. A.

N/M «JOHANNES BOS»

Sai de Lisboa no dia 17 de Maio

para **NOVA YORK**
BOSTON (se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (se convier)

Próxima saída a 31 de Maio

N/M «AÇORES»

Novo serviço de contentores porta a porta

Recebemos também contentores em regime Cais/Cais Para todos os esclarecimentos contacte com os n/ agentes

LISBOA — Avenida D. Carlos I, 42-4.º — Tel. 690151/2/3/4

AGENTES EM LISBOA E PORTO

NAVEX — Empresa Portuguesa de Navegação, S. A. R. L. — Largo do Corpo Santo, 28-2.º Tel. 33123/5 — LISBOA-2 e R. Infante D. Henrique, 87,1.º — Tel. 28611/29101 — PORTO

PORTIMÃO — Alberto Cardoso Ribeiro Azevedo — R. Serpa Pinto, 19 — Tel. 43

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	488$
Consolidado 3 1/2%	604$	—	604$
Centenários 4%	—	—	400$
Obrigs Tesouro 5%	—	—	000$
Externo 1.ª Série	—	590$	620$
Externo 1.ª Série C	—	610$	—
Externo 3.ª Série	—	700$	750$
Externo 3.ª Série C	—	—	—
Cautelas 3.ª Série	—	50$	75$
OBRIGAÇÕES			
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A P T 5% 56	—	880$	885$
A P T 5% 58	880$	880$	—
C P 4 1/2% 65	—	—	—
C P 5 1/2% 67	—	—	930$
C U F 6%	—	900$	930$
C U F 6% 68	—	930$	—
Gás Elect 4% 48	—	—	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	855$	—
Gás Elect 5% 52	—	—	—
Gás Elect 5% 53	—	850$	—
Gás Elect 5% 59	—	850$	—
Gás Elect 5% 62	—	955$	—
Gás Elect 5% 63	—	950$	—
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 5% 67	975$	970$	980$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	760$	—
H E Cávado 6%	950$	930$	—
H E Douro 5%	760$	760$	770$
H E Douro 6%	—	930$	—
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	930$	—
H E Zêzere 5% 55	—	770$	—
H E Zêzere 5% 57	760$	760$	—
Lisnave 6%	—	935$	—
Metropolitano 4%	900$	895$	900$
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	680$	—
Nac Elect 5%	—	760$	780$
Nitratos 5%	—	740$	—
Nitratos 5% 60	—	740$	750$
Petroquímica 5%	—	850$	870$
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	—	890$
Sacor 5% 60	—	800$	855$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	720$	710$	—
Siderurgia 5% 4.ª	720$	715$	—
Sonefe 5%	—	790$	800$
T A P 4%	—	—	—
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	—	—
U E P 4%	—	87$	89$
U E P 4 1/2%	—	91$	—
U E P 5%	—	71$	72$
U E P 5% 60	—	720$	750$
U E P 5% 63	—	890$	900$

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

Rua do Ouro, 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7

Teleg. ALMEIRO ——— Telex 147 ALAPI P

AÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.775$	2.775$	2.780$
Alentejo	1.155$	1.150$	1.60$
Angola	4.090$	4.090$	4.100$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	—	7.500$	7.700$
E Santo	6.430$	6.430$	6.435$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas s p	—	24.100$	25.500$
Fomento	—	2.700$	2.800$
L G Açores p	—	—	—
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	6.290$	6.270$	6.300$
Portugal n	—	3.400$	3.500$
Portuga p	—	—	4.250$
Totta Aliança	6.700$	6.650$	6.740$
Ultramarino n	—	3.880$	3.920$
Ultramarino p	4.210$	4.210$	4.220$
Seguros			
Alentejo	150$	149$	51$
Douro	—	2.400$	—
Mundial	1.030$	1.025$	1.040$
Sagres	—	2.900$	3.500$
Tranquilidade	—	—	—
Ultramarina	—	—	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	770$	780$
Ag Cassequel	645$	641$	645$
Ag Incomati	—	—	1.900$
Ag Neves	—	—	410$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Ag S Tomé e Príncipe	—	200$	210$
Boror	122$	120$	124$
Buzi	—	67$	—
Cabinda	—	—	—
Diamantes Angola	2.000$	990$	1.020$
H E Revué	—	—	—
Ilha do Príncipe	—	—	—
Moçambique	193$	193$	195$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	—	—	—
Zambézia	66$5	66$	—
Diversas			
Cidla	—	—	6.800$
Cim Leiria	—	4.350$	4.500$
Cim Tejo	—	8.100$	8.200$
Co Navegação	1.510$	1.500$	1.520$
C U F	—	1.350$	390$
Ind Aliança	740$	—	—
Nac Navegação	3.870$	3.860$	3.900$
Petroquímica	—	1.230$	—
Port e Colónias	—	—	—
Port Celulose	3.970$	3.950$	4.000$
Port Pesca	—	—	—
Port Tabacos	603$	600$	605$
Sacor	3.950$	3.930$	3.970$
Siderurgia Nac	2.440$	2.430$	[illegible]
Socel	3.320$	3.300$	[illegible]
Tabacos de Portugal	—	1.420$	1.480$
Tabaqueira	6.080$	6.050$	6.100$
U F Azote	—	—	—
Agua, Elect e Gás			
Aguas Lisboa p	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	415$	—
Aguas Lisboa 36	—	405$	—
C P Electricidade	1.180$	1.180$	182$
C P Electricidade n	1.175$	176$	180$
C P Electricidade 1969	—	—	—
Eléct Beiras	1.685$	680$	690$
Gás Electr	381$	381$	382$
H E Alto Alentejo	185$5	184$	86$
H E Norte Portugal	—	223$	230$
H E S Estrela	—	—	—
Nac Electricidade	—	—	—
U E P	—	203$	205$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	201$2	207$2
F I D E S	—	126$6	130$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	29/4/71	5/5/71	6/5/71
GERAL	150,7	150,7	151,1
METROPOL.	146,6	147,5	147,7
ULTRAM.	181,0	174,0	175,8

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	35$50	38$00
Alemanha — Marco	—$—	—$—
America:		
— Dollars de 1 e 2	—$—	—$—
— » de 5 a 20	—$—	—$—
— » de 50 a 1000	—$—	—$—
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	1$10	1$16
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	[illegible]
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04 4	$04,7
Marrocos — Dirham	5$00	5$60
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	295$00	315$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino — Barra	36$00	38$00

J. BURNAY, L.DA

RUA DO OURO, 72

Papéis de crédito
Notas estrangeiras
Tel. 231278

CARTAZ DOS CINEMAS

SÃO JORGE

HOJE AS 15.15. 18.15 e 21.30
Dean Martin e Kim Novak
BEIJA-ME, IDIOTA
NOTAVEL COMEDIA DE BILLY WILDER
2.ª SEMANA
(Adultos)

BERNA

(Adultos) T. 77[illegible]098
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Às 18.30 e 21.45
Claudice Bergen e Peter Strauss no impolgnate e inesquecivel filme de Ralph Nelson, rodado nas padrarias do México
SOLDADO AZUL
(TRAGICA VITORIA)
Em Panavision e Technicolor
À Av. [illegible] de To[illegible]

ROMA

(Adultos) Tel. 72778
Às 21.45
3.ª SEMANA
Uma história de humor quase negro!
ELA NÃO BEBE, NÃO FUMA, MAS...
com Annie Girardot, Mireille Darc e Bernard Blier
Eastmancolor

ESTUDIO 444

(M. 12 anos) Tel. 779095
Todos os dias
Às 15.30 18.30 e 21.45
Cyril Lusack na excepcional interpretação de
GALILEU
Um dos processos mais dramáticos da História!
com David Janssen

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037
Às 21 horas
D. QUIXOTE SEM MANCHA
AS ESPINGARDAS DA DESFORRA

LIDO

(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um «western» explosivo!
OS ABUTRES TÊM FOME
com Shirley MacLaine e Clint Easwood

TIVOLI

5.ª SEMANA Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Tarde para maiores de 6 anos
Noites para maiores de 12 anos
Superpanavision 70 mm
Cor de Luxe
A CANÇÃO DA NORUEGA
com [illegible] Maurstad e Florence Henderson

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Colorido
VIDAS PROIBIDAS
com Mylene Demongeot e Alida Valli
Às 15.15 e 18.30 — Últimas exibições (M. 12 anos): «A CONFISSÃO»

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 426305
HOJE, às 15.15 (p. r.) e ás 21.30
2.ª SEMANA SENSACIONAL COM MONTGOMERY WOOD: A VIOLÊNCIA DE UM FURACÃO!
ANTES MORTO QUE VIVO
com Nino Bevenuti, Sidne Rome e Cris Huerta
UM FILME DE ACÇÃO «EXPLOSIVA!»
Eastmancolor
Hoje, ás 18.30 — Sessão clássica com «DIVÓRCIO À ITALIANA» — (Adultos)

ODEON

(Adultos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
4.ª SEMANA DO ÊXITO DE MAIS VIVA SENSAÇÃO DO ANO
AMORES PROIBIDOS
(Los Jovenes Amantes)
Amavam-se tanto que ambos esqueceram a vergonha da paixão que uniu as suas almas enamoradas
Eastmancolor

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.30
5.ª SEMANA TRIUNFAL PARA
MELINDA
Um superespectáculo com Barbra Streisando e Yves Montand
Panavision — Technicolor

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134/5
Às 15.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Omar Sharif, Michael Caine e Florinda Bolkan em
O VALE PERDIDO
70 mm — Color

ESTÚDIO

(M. 12 anos) Tel. 555134
Às 15.30. 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Patricial Neal e Jack Albertson (Oscar para actor secundário)
O ASSUNTO ERA ROSAS
Color

MUNDIAL

(M. 17 anos) Tel. 538743
Às 18.30 e 21.45 h.
2.ª SEMANA DE SENSAÇÃO!
Charles Bronson e Telly Savalas vivem uma extraordinária e emocionante aventura em
CIDADE VIOLENTA
Um primoroso filme colorido de Sergio Sollima
Metro: Estação Picoas

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15 e 21 h.
2.ª SEMANA
Peter O'Toole e Omar Sharif
LAWRENCE DA ARABIA
No «écran» gigante de 70 mm
ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido ás 15.15 e 21.15 h.

QUINZENA MESTRES DO CINEMA
Amanhã — Adultos — 18.45 h.
JULIETA DOS ESPÍRITOS
de Federico Fellini
com Giulieta Masina e Sandra Milo

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632
11.ª SEMANA
Às 15.30. 18.30 e 21.45
e 21.45 h.
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
com Michel Piccali e Romy Schneider
Situado no edifício do Monumental

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
CHARLIE BUBBLES
LADRAO ROUBADO

SÃO LUIZ

(M. 17 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
5.ª SEMANA
DESTINOS OPOSTOS
com Cyril Cusack

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480
ESTREIA HOJE, ÀS 21.45
Colorido
VIDAS PROIBIDAS
com Mylene Demongeot e Alida Valli
Às 15.45 — Últimas exibições (M. 12 anos)
«A CONFISSÃO»

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos Tel. 320917
As 21 horas
MUITO OBRIGADA A TODOS
«A ESTRELA DO SUL»

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923
Às 21 horas
UM BEATLE NO PARAÍSO
AQUELE DIA FRIO NO PARQUE

CONDES

(Adultos) Tel 322523-326710
As 14.15 18 e 21.45
Um filme de David Lean
A FILHA DE RYAN
com Robert Mitchum, Trevor Howard, John Mills e Sarah Miles

VOX

(Adultos) Tel. 720808
As 18.30 e 21.45
4.ª SEMANA
DE ENCHENTES!
Um filme onde a critica, a análise, o quotidiano e a malandrice, andam á solta... e de que maneira!
UM MARIDO INFIEL
Atrevida comédia colorida com
com Jean Yanne e Françoise Fabian
(Junto á Av. de Roma)

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264621
As 17 e 21.30
A MÃO
com Nathalie Delon, Michele Duchaussop, Henri Serre e Roger Hanin

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.00 e 21.00
O homem que apos a sua morte foi considerado uma lenda
PATTON
com George Scott e Karl Malden
7 OSCARS
70 mm — Color
Atenção ao horario das sessões
FILMES DE SEMPRE
Hoje, ás 18.30
(Adultos) — Color
10 prémios internacionais para um filme consagrado
UM HOMEM E UMA MULHER
de Claude Lellouch
com Anouk Aimée e Jean Louis Trintignant

LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 79593
Às 21 horas
A LEI DO ZORRO
A ÚLTIMA JORNADA

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
As 21.30
JUVENTUDE INQUIETA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Só as Borboletas são livres» (17 anos).
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23 h.: «Cala-te boca» (17 anos).
VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A Querida Mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Jogos de sociedade» (17 anos).
TEATRO MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quarenta quilates» (17 anos)

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «Coluna de Cinzas» (17 anos).
PARIS — Às 21: «O Diabo era outro» (12 anos).
OLIMPIA — Às 21: «King, homem secreto» (12 anos).
JARDIM-CINEMA — Às 21: «O magnífico estrangeiro» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Quero-te motor de frente» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «O Silêncio do Amor» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Nem sempre se pode ganhar» (17 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE —Às 21: «O 1.º super-homem» e «O marido é meu... mato-o quando me apetecer» (17 anos).
PAREDE — ROYAL-CINE —Às 21: «Mãos criminosas» e «A máquina do crime» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e ás 21 e 30: «A mão» (17 anos). PALÁCIO — Às 21 e 30: «O homem que matou Liberty Valance» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A minha noite em casa de Maud» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA —CINE PORTUGAL Às 21 e 15: «Django desafia Sartana» e «353 — Passaporte para o inferno» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A sorte viajou de barco» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «O vingador» (12 anos).
LARANJEIRO—INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Operação Aguia negra» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

RIVOLI — Às 21 e 30: «Tango» (12 anos)
ANTÓNIO PEDRO — As 21 e 45: «Bodas de Sangue» (17 anos).

CINEMAS

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Um tiro pela culatra» (17 anos)
COLISEU — As 21 e 30: «Doutor Jivago» (17 anos)
TRINDADE—As 21 e 30: «Quem» [illegible]
OLIMPIA — As 21 e 30: «Manequim desfigurado» (17 anos).
BATALHA — As 21 e 30: «O ninho das viboras» (17 anos)
CARLOS ALBERTO—As 21: «Uma mulher no cimento» e «Revolta em Batasi» (17 anos).
ESTUDIO — As 21 e 30: «A Colmeia» (17 anos)
ÁGUIA DE OURO — As 21 e 30: «O homem das pistolas de oiro» (17 anos.
JULIO DINIS — As 21 e 30: «A grande vigarice» (17 anos)
VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Vinte mil dólares por um Gringo!» (12 anos).
N U N'ALVARES — Às 21 e 30: «Cangaceiro e as viúvas» (12 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30. «Improviso» (12 anos).
AVENIDA — Às 21 e 30: «Melinda» (12 anos)
TIVOLI — Às 21 e 30: «O computador de sapatos de ténis» (12 anos).
SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «Arizona Colt» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Lopes, Rua do Cruzeiro, 117 (Telefone 633288) * **Boa Hora,** Rua dos Quartéis 25 (Telefone 637777)
ALFAMA — Arnall, R das Escolas Gerais, 88-A (Tel 863940)
ALTO DO PINA — Zional, Rua Morais Soares, 56-C (Tel 847708)
ALTO DE S. JOÃO—Nova Luz, Rua Domingos Jardo, 28-A (á Av. Afonso III) (Tel 843439).
ALVALADE — Alvalade, Avenida da Igreja, 18-A (Tel 712070) * **Neoterápia,** Campo Grande, 138 (Tel 774682) * **Paris,** R Reinaldo Ferreira, 5-A (ao Pote de Agua) (T 710131) * **Gasparinho,** Rua Dr Gama Barros, 54-A (Telefone 710465) * **Ideal,** Av Gago Coutinho 49-A (Telefone 712803) * **Onilda,** Avenida João XXI, 13-A (Tel 726848)
ANJOS — S. José, Rua dos Anjos, 41-A (Telefone 50730)
AREEIRO — Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (Tel 724991)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R de Arroios, 215 (Tel 45079)
AVENIDAS NOVAS — Cosmos, Avenida João Crisóstomo, 44-C (T 40592) * **Miranda,** Campo Pequeno, 36-B (Tel 770776) * **Cardeira,** Avenida Duque de Ávila, 32-C (á esquina da Avenida da Republica) (Tel 43495) * **Universal,** Rua Actor Taborda, 7 (Telefone 44158
BAIRRO ACTORES — Nobel Rua Actor Vale, 53 (á Fonte Monumental) (T 842152)
BAIRRO AMÉRICA — Martins, Rua Fernão Magalhães. 33 (Tel 849448)
BAIRRO DAS COLÓNIAS Colonial, Rua Forno do Tijolo 40 (Tel 841122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, Praça das Casas Novas, lote 66 (Tel 310172)
BAIXA — Centro Farmacêutico, Rua dos Portas de Santo Antão, 88 (Tel. 321211) * **Unifa,** Rua da Vitória. 2 (Tel 323793)
BENFICA —Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (Tel 702532) * **Sousa,** Estrada de Benfica 429 (T 780027)
CAMPOLIDE — Central, Rua General Taborda, 17 (Tel 680304)
CAMPO PEQUENO — Miranda, Campo Pequeno 36-B (á Av Sacadura Cabral) (Tel 770776)
CAMPO DE OURIQUE — Ivone, Rua Silva Carvalho 232-C (Tel 650760). * **Porfirio,** Rua Francisco Metrass, 59 (Tel 668349)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33 (Tel 780181) * **Benfica,** Estrada de Benfica 678 (Tel 702532)
CONDE REDONDO —Salutar Rua Conde Redondo, 9-A (a Gomes Freire) (Tel 533411)
ESTRELA — Paivas & Parente, Rua de Santo António, 96 (Tel 665196).
LAPA — Silva, Rua S João da Mata, 74 (Telefone 661010)
LUMIAR — Alameda, Alameda das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942) * **S Tomé,** Estrada do Desvio, lote 12-C (Telefone 790704)
MARVILA — Marvila, Rua Direita de Marvila, 25 (Tel 381612)
OLIVAIS — S Paulo, Rua 2 lote 823 (Olivais Sul) (Tel 310711) * **Higiene,** Rua Cidade Vila Cabral, lote 43 (Olivais Sul) (Tel 310026)
PICHELEIRA — Marluz, Calçado da Picheleira, 140-B (T 720703-728395
POÇO DO BISPO —Marvila, Rua Direita de Marvila. 25 (Tel 381612)
REGO —Prates & Mota, Rua da Beneficência 9 Tel 773728)
RESTELO — Ocidental, Rua Jerónimo Osório, 18-D (Tel 610256) * **Tanara,** Rua Rodrigues Reinel, 3-A (Tel 611814)
SANTO AMARO — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (Tel 637020)
S BENTO — S. Bento, Rua dos Poiais de S. Bento, 73 (Tel 679673)
S. MAMEDE —S. Mamede, Rua da Escola Politécnica. 82-B (Tel 660280)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — Sagres, Avenida Luís Bívar, 69 (Telefone 472[illegible]3)
SOCORRO —Tavares, R da Palma, 194 (Telefone 863350)
XABREGAS — Romana, Rua B 7 (á Rua Marquês de Olhão (Tel. 383800)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Branco, Aven Comb Grande Guerra, 29 (tel 212081).
CAXIAS — Nova — R Bernardim Ribeiro 1-A (Telef 242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel 2432034)
OEIRAS — Godinho — R Candido dos Reis. 98 (Telef 2430090)
PAREDE — Alsir — Bairro das Caixas de Previdência — Bloco A (Tel 2472948)
S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (T 263052).
ESTORIL — S. João, S João do Estoril (T 261186)
MONTE ESTORIL — Lopes — R Hangar, 3 (Tel 260008)
CASCAIS — Misericórdia — R. do Regimento 9, 41 (T 280141) * **Cascais** — R Conde de Monte Real — Bairro Caixas (Tel 282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Dias — Av. Marquês de Pombal, Lote 9 (tel. 934589) * **Campos** — R Elias Garcia, 185 (tel. 930072) * **Clabel** — Av. D Nuno Álvares Pereira, 15-A (t. 938551)
DAMAIA — Confiança —Est Militar, Lote D (Telefone 971023)
QUELUZ — Zeller, Rua Republica, 83 (Tel 950045) * **Correia,** L do Mercado, 3 (Tel 950905)
CACÉM — Garcia — Av dos Missionários, 2 (Telef 2942[illegible])
MEM MARTINS — Quimia — Est Mem Martins. 285 (Tel 291012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia. L Dr Gregório de Almeida (Tel 980391)
COLARES — Colares — Abreio (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro — L António dos Santos Jorge 5 (Tel 234100)
ALHOS VEDROS — Portugal — Av da Bela Rosa, 8 (tel 224250)
ALMADA — Castro Rodrigues — R Capitão Leitão, 21-A (Tel 270078)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima — Est Nacional, 221-B (Telefone 224141)
BARREIRO — Higiénica — Rua D Manuel I, 178 (Tel 2273012).
COVA DA PIEDADE — Império—R Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telefone 274356)
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga (Tel.239025)
MONTIJO — Diogo, Rua Almirante Reis. 42 (Tel 230032)
SESIMBRA — Lopes, R Candido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETÚBAL — Costa — L da Misericórdia (Telef 22760) * **Brasil** — P do Brasil (Tel 24788)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (Telef 228560).

PORTO

Alberto Ferreira, Rua da Estação [illegible]00 (Tel 51302) * **Antunes,** Rua do Bonjardim, 485 (Tel 27936) **Campo Alegre,** Rua do Campo Alegre, 123 (Telefone 62245 * **Fátima,** R. Oliveira Monteiro 475 (Tel 65406) * **Ferreira da Silva,** Rua Márt da Liberdade 50 (Tel 24023) * **Marques Mendonça,** Rua do Ameal, 25 (T 47[illegible]8) * **Pereiró,** Rua da Preciosa, 35 (Tel 681027) * **S. Jerónimo,** Rua de Santos Pousada. 622 (Telefone 54526 * **S. Lázaro,** Av. Rodrigues de Freitas, 297 (Tel 27043) * **Sarabanda,** L dos Lóios, 36 (Tel 2[illegible]70[illegible]) * **Saúde,** Av. Comb G Guerra, 689 (Telefone 40376) * **Sousa Soares,** Rua de Santa Catarina, 4 (Tel 22145) * **Vitória,** R. S. R da Lameira, 756 (Tel, 52225) * **Gondarém,** Rua de Gondarém 360-Foz

● COIMBRA

São Sebastião — Rua António Jardim (t. 28802) * **Silcar** — Rua Ferreira Borges (t 22923) * **Paiva** — Praça do Comércio (tel. 2323[illegible]).

Diário de Lisboa
DL
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 20°; mínima: Montalegre 1°.

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava de nebulosidade variável, o vento era fraco a moderado dos quadrantes de Sul, soprando com rajadas em alguns locais; caíam aguaceiros

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 12°; Penhas Douradas, 3°; Coimbra, 3°; Portalegre, 1°; Lisboa, 4°, Faro, 7° e Funchal 5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera: 15°,5; na água do mar: 15°,2.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Períodos de céu muito nublado; vento fraco a moderado de Sudoeste, podendo soprar com rajadas fortes; aguaceiros; possibilidade de trovoadas, em especial no Norte.

Amanhã
Nascer ás 6 e 53
Ocaso ás 20 e 33

Dia 10 Dia 17 Dia 24 Dia 1

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 1 e 45 (3,5 m), 14 e 14 (3,5 m). **Dia 7** — 2 e 29 (3,6 m); 14 e 53 (3,6 m)

BAIXA-MAR: **Hoje** — 7 e 25 (1,4 m); 19 e 42 (1,0 m). **Dia 7** — 8 (1,3 m); 20 e 16 (1,3 m). **Dia 8** — 8 e 31 (1,2 m); 20 e 48 (1,2 m).

PORTUGAL NO III FESTIVAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE NICE

Portugal estará mais uma vez representado, com um pavilhão próprio, no III Festival Internacional do Livro de Nice, que se realizará naquela cidade, de 26 a 31 do corrente.

A presença no nosso País terá este ano especial justificação, pois em 1970 foi atribuido ao escritor português Ferreira de Castro o mais alto galardão do certame — a «Águia de Ouro». Acresce que, no ano em curso, o mesmo escritor honrosamente presidirá ao juri internacional do Festival.

A nossa representação está a ser organizada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo, pelo Instituto da Alta Cultura, pela Câmara Municipal de Lisboa e pelo Grémio Nacional dos Editores e Livreiros.

NUMA RECEPÇÃO OFERECIDA PELO B. N. U.

Industriais e comerciantes portugueses estabeleceram estreitos contactos com a Missão Comercial Escandinava

A Missão Comercial Dinamarquesa e Norueguesa, que a convite da Delegação do Fundo do Fomento de Exportação na Escandinávia se encontra no nosso País, foi obsequiada, ontem ao fim da tarde, com uma recepção oferecida pelo Banco Nacional Ultramarino, nas instalações do restaurante privativo da sua Sede.

Aquela missão — que estará entre nós até ao dia 10, estabelecendo contactos com vários meios comerciais portugueses — é composta por quatro Chefes de Compras dinamarqueses e três noruegueses, dos principais grandes armazéns dos seus países e viaja acompanhada pelo sr. José Estrela Leão, director do Centro Português de Copenhaga e Delegado do Fundo de Fomento de Exportação para aqueles dois países.

Para a recepção foram convidados numerosos industriais e comerciantes portugueses ligados a ramos de produtos que muito podem interessar os membros de uma Missão tão especificamente comercial como esta.

Uma vez mais, o Banco Nacional Ultramarino promoveu, assim, o necessário e indispensável apoio aos seus clientes especialmente interessados na constante expansão do comércio externo português.

Convidados, ainda, para a reunião, membros das Embaixadas da Noruega, Dinamarca e do Consulado deste último país, além de representantes do Fundo de Fomento de Exportação.

Um aspecto da recepção oferecida pelo B. N. U. á Missão Comercial Escandinava

APARECEU NA RUA DESPIDA E MORREU POUCO DEPOIS

Esta manhã, cerca das 7 horas, foi encontrada caída, sem qualquer vestuário, na Rua Gualdim Pais, por um elemento da Guarda Fiscal, uma mulher que apenas disse chamar-se Carlota, aparentando ter 70 anos. Transportada ao Hospital de S. José numa ambulância do «115», faleceu pouco depois de ali ter dado entrada. Não apresentava quaisquer ferimentos.

UMA CORRIDA PARA AFICIONADOS!

De novo
DAMASO GONZÁLEZ
O DIESTRO QUE APAIXONOU LISBOA
JOSÉ JÚLIO
"Prémio da Imprensa" de 1970
Os cavaleiros do momento e da rivalidade
MESTRE BAPTISTA
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
Forcados AMADORES DE SANTARÉM
comandados por José Manuel Souto Barreiros
8 TOIROS de OLIVEIRA & IRMÃO
CAMPO PEQUENO
Domingo, 9 de Maio às 17.45 horas

M/6 anos

4 — QUATRO — 4
PRÉMIOS GRANDES
VENDIDOS ESTA SEMANA PELO
CAMPIÃO
365817 — 500 CONTOS
354758 — 500 CONTOS
217238 — 200 CONTOS
139862 — 200 CONTOS

A LOTARIA DE HOJE

PRÉMIOS DE 2 000 000$00 (1.º PRÉMIOS)

75982 138193
262914 360839

PRÉMIOS DE 500 000$00 (2.º PRÉMIOS)

92368 218229
354758 365817

PRÉMIOS DE 200 000$00 (3.º PRÉMIOS)

139862 217238
221052 369458

PRÉMIOS DE 2 900$00 (APROXIMAÇÕES)

75981 75983 138192 138194
262913 262915 360838 360840
92367 92369 218228 218230
354757 354759 365816 365818
139861 139863 217237 217239
221051 221053 369457 369459

PRÉMIOS DE 400$00 (Centenas)

75901 a 76000; 92301 a 92400; 138101 a 138200; 139801 a 139900; 217201 a 217300; 218201 a 218300; 221001 a 221100; 262901 a 263000; 354701 a 354800; 360801 a 360900; 365801 a 365900; 369401 a 369500.

PRÉMIOS DE 35 000$00

8174 17638 31463 58839
68315 81449 88079 91135
132032 132594 139565 143161
179969 181050 212605 224786
233741 241174 256154 275833
278221 281183 292353 299656
319928 358837 362067 387915

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os numeros cujos três ultimos algarismos sejam 083, são premiados com 600$00, em cada bilhete. Os terminados em 052, 862 ou 982, são premiados com 500$00. Terminados em 071, 198, 229, 238, 368, 458, 482, 494, 618, 634, 758, 817, 839 ou 914, são premiados com 400$00. Por sua vez os numeros cujos dois algarismos finais sejab 08, 57 ou 83, são contemplados com 200$00. Por ultimo, todos os restantes numeros cujo ultimo algarismo — terminação —, seja 2, têm direito ao prémio de 100$00, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

AUSTRÁLIA E OS MARES DO SUL
Viagem de volta ao mundo, acompanhada, de 5 de Agosto a 3 de Setembro
Visitando: a TAILÂNDIA — HONG KONG — MACAU — NOVA GUINÉ — NOVA ZELÂNDIA ILHAS FIDJI — O TAHITI — MÉXICO — NASSAU — ETC.
Europeia
A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
231, Av. da Liberdade, 235
Telef. 53 61 21
LISBOA-2

ACESSÓRIOS DE INDÚSTRIA
Casa Chaves Caminha
LISBOA: — Tel 725163
PORTO: — Tel 22556

MAIS 3 PRÉMIOS GRANDES
NUMA SÓ EXTRACÇÃO
2.º Prémio — 500 contos — 92368
3.º » — 200 » — 221052
3.º » — 200 » — 369458
Foram vendidos hoje aos balcões da
CASA DA SORTE
A CASA PREFERIDA PELA SORTE E PELO PÚBLICO

Teka
LAVA — LOUÇA INOX 18/8-304

FABRICADO POR Teka-Hergóm
Representante — ANSELMO SANTOS
AVEIRO - APART. 130 / LISBOA - R. COR. BENTO ROMA-12-A
REVENDEDORES EM TODO O PAÍS

viajar
Portugal e estrangeiro • Em férias ou negocios
passaportes+bilhetes+hoteis+aluguer automóveis+itinerários
confie na experiência de
Claras-Turismo
Av. Fontes Pereira de Melo, 33 Telefone 560015-563451

Stravinsky (1923); des. de Paul Klee

SUPLEMENTO LITERÁRIO

661 ■ 6 DE MAIO ■ 1971

Stravinsky

EPITÁFIO ALEGRE

Por José Alberto Gil

SE OLHARMOS para Stravinsky como um fabricante de semicolcheias, agora que ele morreu *«mas permanece em nós, vivo, hoje»*, como já tenho ouvido por aí dizer, a melhor maneira de festejarmos o acontecimento é entoar um panegírico, um inventário ou um necrológio. Todos nós podemos agora estar tranquilos e com a consciência bem engomada visto que o génio vai ser em breve lavado e bem vestido (o seu último primeiro fraque?) e com algodão na boca antes de entrar com o pé esquerdo no Olimpo onde compendiam Beethoven, Bach e os Outros, tal como Pedro Álvares Cabral entrou no Brasil: por engano.

É bastante exemplar a inefável aventura de Stravinsky através da História desonrando os antepassados dum pé para o outro.

Enquanto o dodecatonismo e a atonalidade surgiam após a subversão inexorável da tonalidade, Stravinsky, *out-side*, resumia a um nível de subversão formal toda a história da música ocidental e o seu determinismo progressivamente iludido.

Tentando fazer uma análise circunstancial, veremos como Stravinsky mesmo depois de morto resta inclassificável mercê da sua vida *não exemplar* que o ajudou a manter-se mais ou menos incorrupto às diversas explorações, mesmo as de bom coração

— a sua CIRCUNSPECÇÃO NÓMADA e as suas INTENÇÕES CORROSIVAS são certamente a sintomatologia do seu vírus maligno. Repare-se nas observações de Antoine Goléa in «Esthétique de La Musique Contemporaine»:

— *...Separou-se voluntàriamente das forças vivas da sua pátria, que tão admiràvelmente o tinham servido nas suas primeiras obras...*

— *...todas as obras citadas* (Pulcinella, Maura, Apollon Musagète, Sinfonia em Dó, Ragtime) *saem das mãos de um incomparável fabricante, de espantosa habilidade técnica, mas todas se comprazem em usar linguagens ultrapassadas, que nem sequer são utilizadas lealmente, segundo a pureza e a lógica originais...*

— *...chegou ao ponto de voltar as costas aos músicos que tinham saudado entusiàsticamente as suas primeiras obras como verdadeiras revelações e tinham decidido segui-lo com ardor...*

Estes elogios deveriam certamente agradar a Stravinsky, espírito saudàvelmente desorientado que declarava:

— *«Cerca de 1920, Schöenberg, Berg & Webern pareciam grandes iconoclastas nas suas obras dessa época; agora, apercebemo-nos que utilizaram formas musicais históricas; tal como eu. Mas enquanto eu fazia um uso franco, eles dissimulavam-nas sàbiamente ..»*

Nos princípios do século, com o afrouxamento do determinismo tonal, cada autor sentiu a necessidade de uma velocidade própria, e se Schöenberg tornou a sistematizar o espaço sonoro com a tomada de consciência dos plurívocos (Schöenberg: «a música procura exprimir tudo o que existe no subconsciente em

Cont. da pág. 7

Stravinsky vivo, hoje; à direita, no lápis de Picasso

DUAS JORNADAS COM

JOSÉ MONLEÓN

O Teatro: Seu futuro. Sua crítica. O «Primer Acto»/Por Carlos Porto

C. P. — Como sabes Peter Brook e Antoine Bourseiller manifesturam pessimismo em relação ao futuro do teatro. Estás de acordo com eles?

J. M. — Não, não estou de maneira nenhuma de acordo com uma visão pessimista do teatro. Aqui, no entanto, teríamos que debater os problemas do nosso futuro sociológico, quer dizer, do futuro da nossa sociedade.

O teatro não interessa se funcionar sòmente como uma expressão convencional. As possibilidades do teatro estão íntimamente ligadas às necessidades de expressão e á possibilidade ou interesse de toda uma comunidade por essa expressão. Pessoalmente (há pontos em que só assim se pode responder) creio cada vez mais no teatro, na medida em que, depois de o encarar como uma história da cultura, como algo que me era transmitido do passado, de onde vinham uma série de fórmulas, uma série de linhas, uma série de movimentos que se encadeavam, etc., a mim o teatro interessá-me cada vez mais na medida em que encontro nele respostas para a minha própria existência e para a minha própria relação com os outros. Não receio que o futuro do teatro seja pessimista. O que penso que terá um futuro verdadeiramente pessimista será a concepção de um teatro que ande ligada á concepção de uma sociedade

C. P. — Não te parece que o futuro do teatro dependerá principalmente da possibilidade de conseguir trazer até ele outras camadas de público, hoje integradas naquilo a que os franceses chamam «não-público»?

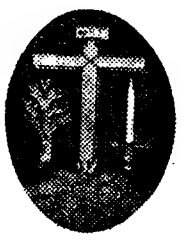
J. M. — É claro que para o futuro do teatro será importante a incorporação dos elementos que neste momento não formam parte do público, mas sem considerarmos o problema de uma perspectiva didáctica ou populista. Não se trata do dever de fazer um teatro que interesse a toda a gente; devemos meditar é sobre se vamos atingir uma sociedade em que os homens se interessem uns pelos outros, tempo e espaço em que entra a perspectiva de um teatro dirigido ou de um teatro para toda a gente.

Nesse problema do teatro para o «não-público» jogam, creio eu, uma série de elementos que, querendo ser renovadores, se apoiam ainda em conservadorismos actuais. Não devemos pensar num teatro para aqueles que agora não vão ao teatro. Teremos que pensar num

Cont. na pág. 2

LER NAS CENTRAIS

POLÉMICA ACERCA DE «INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS» DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA



DUAS JORNADAS COM JOSÉ MONLEÓN

Cont da pág. 1

teatro integrado numa sociedade onde caibamos todos, que é outro problema.

C. P. — Peter Brook fundou um Instituto destinado á investigação e aperfeiçoamento dos meios de expressão do actor. Não te parece que essas investigações e aperfeiçoamentos deveriam ser feitos em função de todos os meios de criação do teatro: texto, encenação, técnica do som e da iluminação, cenografia arquitectura?

J. M — Não creio que devamos especificar os caminhos da investigação. Se dizemos como investigar, de algum modo, na minha opinião, o processo se falseia. Peter Brook tem certamente determinadas necessidades em função da sua trajectória profissional. Fez Shakespeare de um modo rigoroso, incorporou nas suas montagens shakesperianas ideias de Antonin Artaud, o trabalho com Grotowski e bem como experiências integradas nas correntes ou linhas de um teatro contemporâneo que quer romper com a submissão ao texto Por isso, parece-me lógico que parta para as suas investigações do nível em que se encontra. O importante é que todos possamos aceder ao resultado dessas investigações e entendamos dialécticamente o seu processo como tentamos compreender dialécticamente os processos seguidos, no seu tempo, por um Stanislawski, por Meyherhold ou por um Brecht ou por um Grotowski ou por um Artaud os quais também de certo modo, procederam a investigações sobre a expressão do actor. Como já disse, não se deve decidir como investigar. A investigação nasce de uma necesidade, e parece-me que Peter Brook será um homem com necessidades fundamentais. Por

isso me interesso absolutamente pelas suas investigações.

Evidentemente que haverá outros aspectos a incorporar naquilo que ele faça. Pensemos que Apia e Groppius são fundamentais na história do teatro e no entanto problematizaram coisas que os Meyherhold e os Stanislawski não problematizaram, o que não significa que se excluam uns aos outros.

C. P. — Parece-te que se está a caminhar para uma conciliação das teorias e das práticas brechtianas sobre o trabalho do actor e da técnica utilizada e teorizada por Stanislawski?

J M — De Stanislawski nasce um caminho que seria um pouco a rebelião da carne contra o texto. De Stanislawski nasceu, sobretudo, a ideia de que, para que haja um acto de criação no facto teatral, para que este não seja a cruel ilustração de um texto, é necessário integrar um novo caudal poético, uma nova fonte de emoções, de lembranças, de ideias que recreiem, iluminem e encarnem o que era texto

De Brecht recebemos esta ideia fundamental: além do actor, há um público e esse público pertence a uma história, esse público está relacionado com uma história da qual faz parte e que pode transformar.

Sou de opinião que estas ideias são perfeitamente compatíveis e no fundo penso também que, superando uma série de dicotomias que participam dos vícios da cultura ocidental, penso que no dia em que o homem for livre esse dia proporá um teatro que, de um modo natural, de um modo lógico, unirá a necessidade da exploração pessoal com a necessidade da exploração sociológica.

C. P. — Parece-te que as experiências de Grotowski tenham interesse para além do puramente laboratorial, de investigação sobre a técnica de expressão do actor?

J. M. — Não, não penso que o trabalho de Grotowski seja apenas um problema de laboratório. Se provocou uma tal influência uma tão grande ressonância, entre tanta gente que nem sequer o estudou, é porque Grotowski significa, na visão de um mundo doutrinadizado onde até a revolução nos parece um catecismo através das imagens dos seus actores nus, dos seus pequenos públicos da sua procura da autenticidade, a recordação ou a redescoberta que uma dimensão do teatro não pode esquecer nunca.

O teatro é convenção como dizia Meyherhold; no teatro há um publico, como pedia Brecht, cuja transformação se deverá ter em conta; no teatro existem dimensões literárias; o teatro é uma dimensão literária, como dizia também Planchou porém, nada disto serve se em determinado momento servir apenas para encobrir a entidade humana a entidade indivíduo, e a mim parece-me que Grotowski, para além das suas propostas concretas, da sua técnica concreta, está a recordar ao homem do teatro a necessidade de contar com o homem

É curioso, também, saber que todos os grandes criadores do teatro contemporâneo não o foram nunca devido ás suas propostas técnicas, que muitas vezes são medíocres e fácilmente ultrapassáveis, mas porque no seu ponto de partida há uma espécie de intuição que satisfaz uma necessidade do momento cultural. Penso que Grotowski de algum modo se opôs a certos doutrinarismos e que o seu êxito se deve a essa oposição, ainda que, de acordo com o que tenho vindo a dizer-te, entenda que o futuro do teatro não pode ser artaudiano, grotowskiano ou brechtiano pela mesma razão por que o homem não pode ser erótico ou espiritual, pois no fundo, há só um caminho possível: ser eróticos e espirituais, como ser artaudianos, grotowsúianos e brechtianos na unidade e na claridade do indivíduo integrado numa sociedade de pessoas em relação e não de pessoas em competência.

C. P — Qual o papel da crítica no actual contexto teatral? a crítica terá ainda justificação?

J.M — Creio que, neste contexto, a crítica não tem muito que fazer porque a crítica funciona quase sempre aplicando uma hierarquia de valores pré-estabelecidos. A crítica conservadora, por exemplo, ainda se justifica porque perante cada espectáculo decide se aquele se harmoniza ou não com determinados pressupostos ou determinada tradição. Quando o homem pensa que atravessa na sociedade

uma situação de crise, de dinâmica absoluta, é evidente que a crítica tem que transformar-se em algo de diferente. Para mim, a crítica só se justifica como compromisso do seu autor para com uma obra. O crítico procura, a partir das suas visões dinâmicas, a partir das suas visões dos processos gerais, situar a obra integrada nesses processos e propor as suas ideias e as suas reacções sensoriais no sentido de dizer se pensa que essa obra procura essa progressão e em que dimensão trabalha dentro dessa progressão.

O trabalho do crítico é, definitivamente um trabalho poético, um trabalho de iluminação e não um trabalho de classificação ou de pura análise como, aliás, o é ainda no campo da crítica conservadora.

C. P — Em face de um espectáculo de teatro tradicional como poderá o crítico distinguir, e criticar, a linguagem utilizada pelos seus criadores? Em que medida, um texto, nesse espectáculo, se inscreve no todo que deve ser o espectáculo? Poderá fazer-se a crítica da ideologia de um espectáculo a partir únicamente do texto? Falar separadamente do texto, da encenação, da interpretação não será introduzir fracturas no espectáculo e, consequentemente, mutilá-lo? O que é em teatro — fundo e forma? Por exemplo, a marcação poderá ter uma carga ideológica? Como analisar a articulação do discurso do encenador com o discurso do autor? Deverá a crítica teatral ser

primordialmente uma crítica ideológica? ou estética? Uma crítica de estruturas? ou de linguagem?

J. M — Terei que repetir-me pois com esta pergunta voltas a problemas em que falámos anteriormente A análise separada dos diferentes elementos que compõem o espectáculo, a análise da interpretação, do texto, da encenação, da cenografia, como elementos separados, reintroduzimos, creio eu, numa espécie de catálogo dos elementos que compõem o facto teatral.

Parece-me que há uma unidade (como, aliás, já o dizia Meyherhold) e que o problema da crítica consiste exactamente em procurar essa unidade.

A relação entre fundo e forma, como muito bem dizes na tua pergunta, é uma relação escolástica, pois no facto artístico fundo e forma são uma e a mesma coisa, e, consequentemente, não existem possibilidades de distinguir a crítica ideológica que pertenceria ao fundo, e a crítica estética, que pertenceria á forma. Se fundo e forma são uma e a mesma coisa, a percepção ideológica e a percepção estética acontecem simultâneamente. Pela minha parte, estou cada vez mais interessado numa concepção do teatro como facto unitário.

É possível que, secundáriamente a fim de explicar o fenómeno, uma vez entendido o espectáculo como uma unidade, a crítica possa fazer a análise separada dos elementos respectivos todavia referindo sempre o sentido e o valor desses elementos no seu papel, na sua função dentro dessa unidade que é o objectivo e a razão de ser do facto teatral.

C. P — Deverá a crítica ser contestatária, ou deverá ter em conta as circunstâncias em que o espectáculo se insere?

J. M — Creio que é muito importante o problema das circunstâncias em que se insere o espectáculo. Simplesmente, trata-se de um conceito que de maneira nenhuma se deve manejar paternalísticamente ou marginalísticamente. Se, por exemplo, vejo um espectáculo português não vou dizer que não gosto mas ao pensar que é português vou dizer que gosto ou se vejo um espectáculo espanhol débilmente crítico tirarei imediatamente a conclusão de que é um espectáculo formidávelmente crítico porque nas circunstâncias espanholas as possibilidades de fazer crítica são muito escassas Julgo que não é esta argumentação, algo didáctica a que deve conduzir-nos á análise ou ao exame do facto teatral, do facto artístico Quando vejo, por exemplo, uma obra como «A Relíquia», coloco-me, desde primeiro momento, perante o facto de se tratar dum espectáculo português, compreendo perfeitamente ou penso compreender perfeitamente, como espectador, os elementos que condicionam o espectáculo. Recebo o espectáculo como um facto cultural português e é a partir dessa realidade que o espectáculo me interessa e me transmite uma série de elementos fundamentais, é a partir dessa realidade que chego a esta comunicação ideológica e estética com o espectáculo, e não porque, ao terminar, ou enquanto a ele assisto, repito a todo o momento para mim mesmo: isto não me interessa, ou não gosto disto, mas tendo em conta as circunstâncias em que foi feito... Não creio que seja este o tipo de argumentação que se deva estabelecer. Para que eu possa ter em conta as circunstâncias que condicionam um espectáculo é necessário que, como espectador assuma essas circunstâncias e, além disso, e este é outro aspecto, julgo que sou obrigado a assumi-las. Só assim, parece-me, poderá falar-se com clareza de um espectáculo e das suas circunstâncias sem cair em nenhum tipo de paternalismo que é o contrário da liberdade da arte.

«Primer Acto»

C. P. — Qual a aceitação, por parte do público espa-

nhol, do Primer Acto? Quais os públicos que abrange? Qual a importância que atingiu na actividade do teatro em Espanha?

J M — Primer Acto tem em Espanha uma audiência muito pequena e, no entanto talvez bastante considerável se tivermos em conta a realidade teatral espanhola Temos de cinco a seis mil leitores mensais que correspondem em geral a sectores que não estão de acordo como teatro profissional quotidiano. Muitos destes leitores são por sua vez pessoas que fazem parte de grupos independentes e que pensam que através do

Primer Acto, encontram reflexos dos processos treatrais que acontecem por toda a parte.

A importância do Primer Acto na actividade teatral espanhola não serei o mais indicado para o dizer mas penso que temos contribuído de uma maneira digna de registo para que se levantem uma série de fenómenos, que se conheçam uma série de autores, e principalmente para que se estudem os aspectos digamos não literários do facto teatral. Primer Acto contribuiu para o rompimento da submissão literária tradicional no teatro espanhol para que as pessoas se proponham o estudo de uma série de movimentos de tendências que encontrem a sua concretização, digamos mais brilhante, na linguagem cénica. Suponho que a nossa luta para sermos ao mesmo tempo comprometidos, para dar ao mesmo tempo uma visão ideológica do teatro sem deixar de atender os termos estéticos de um espectáculo, sem a necessidade de parcelar nem dividir, penso que teria sido esta a contribuição mais interessante da revista, na nossa absoluta modéstia e falta de meios.

C. P. — Primer Acto tem feito a promoção do autor espanhol, sobretudo jovem? Pode considerar-se um lugar de polémica?

J. M — No que diz respeito á promoção de jovens autores espanhóis a única coisa que temos feito é dar testemunho da sua existência, opormo-nos ao silêncio geral que limita a estreia das suas obras, ou o seu conhecimento, para que através da sua publicação se possa libertar esses textos do aspecto mágico que tem tudo o que é ignorado, para que se saiba exactamente

GRANDE EXCURSÃO DA CP

em 9 de Maio

«UM DIA NO RIBATEJO»

A CP promove, no próximo dia 9 de Maio, de colaboração com a Agência de Viagens da Empresa Geral de Transportes, uma grande excursão ao Ribatejo, em comboio especial, com partida de Lisboa-Rossio, às 9.45 horas. O programa é extraordinàriamente aliciante, reunindo uma série de «quadros» castiços da vida ribatejana, do seu folclore e das suas tradições.

O itinerário de Azambuja até Santarém é feito por autocarros, e compõe-se de visitas a várias propriedades e adegas, passagens de gado a vau e um aperitivo de chouriço assado, azeitonas, pão caseiro e vinho do bom.

Em Santarém será servido o almoço (ementa típica) e durante o qual decorrerá um festival de folclore ribatejano.

À tarde haverá ainda garraiada facultativa na Praça de Touros.

Preço por pessoa (tudo incluído):

— viagem, 2.ª classe, no comboio ..... 210$00
— viagem, 1.ª classe, no comboio ..... 230$00
— garraiada (sombra) ..... 30$00

Informações telefónicas (Telefone 36 75 29).

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia); Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa; E. G. T., Rua do Arsenal, 124; e demais Agências de Viagens.

PEREGRINAÇÃO de fernão mendes pinto COMPLETA! 2º volume à venda

edições afrodite dist. quadrante

como são, quem são e o que querem os jovens autores por estrear. Penso que contribuímos para dar consciência de que existem esses autores esperando, mas o que ainda não conseguimos foi converter essa esperança em realidade teatral

C. P. — Não haverá uma certa resistência, por parte de escritores jovens, ao trabalho (e não sei se à teorização) do Primer Acto?

J. M. — Não creio que exista resistência dos escritores jovens ao Primer Acto. De uma maneira geral, os nossos escritores com mais interesse estão absolutamente de acordo com a orientação do Primer Acto, colaboram e mantém para connosco uma atitude, a meu ver, muito compreensiva e muito positiva. Há, de facto, dois autores jovens que, ou seja pela sua doutrinação ou seja porque os seus textos não nos interessam, que adoptam talvez uma atitude mais depreciativa. Contudo, se fizermos uma lista dos quinze autores que estão, neste momento, a escrever as coisas mais vivas do teatro espanhol, verificaremos que todos eles estão mais ou menos directamente vinculados ao trabalho quotidiano do Primer Acto. Precisamente agora iniciamos uma série de números em que, depois de termos já publicado muitas coisas de autores novos, pretendemos fazer um estudo, uma recapitulação desses catorze ou quinze autores. Todos figurarão na revista, todos poderão publicar as suas opiniões sobre o seu próprio e sobre o teatro espanhol sobre todos eles daremos — a pequena equipa que se responsabiliza pela marcha do Primier Acto — a nossa opinião. Finalmente, poderei dizer que não são esses os problemas do Primer Acto; são problemas de outro tipo.

C. P. — Sei que se pensa em ter novamente à venda em algumas livrarias portuguesas não só o Primier Acto como o Nuestro Cine O que podes dizer sobre isto? Não teria interesse dar um lugar maior nas páginas da revista ao teatro e ao cinema que se fazem (ou não) em Portugal?

J. M. — Sim, temos procurado muitas vezes ocupar-nos do teatro português. Luís Francisco Rebello foi durante muitos anos um colaborador sem preço da nossa revista. Fizemos, inclusive, alguns números dedicados ao teatro português. O problema reside em que, por razões de distribuição, de idioma, e também pela situação da cultura portuguesa, teatral e não, não conseguimos o que durante uma época foi um dos motores do Primer Acto: fazer uma revista que integrasse de facto problemas do teatro português e do

teatro latino-americano. Por falta de meios, por limitações económicas, com os problemas da censura, trabalhando sem assistência, Primer Acto vê-se muitas vezes obrigado a refugiar-se em si próprio e a abandonar o que culturalmente seria bem necessário e bem útil como seria o caso, digo-te, de integrar os problemas do teatro português juntamente com os nossos.

Com o Nuestro Cine aconteceu a mesma coisa. Também em certos períodos ou etapas conseguimos ocupar-nos do cinema português — tive oportunidade de participar na Semana do Cinema Português, no Porto, de que guardo a melhor lembrança —, mas logo a absurda realidade se nos impôs: tratando-se de culturas peninsulares afectadas, ainda por cima, por problemas comuns, com idiomas que embora diferentes são, em geral, acessíveis ás duas comunidades, apesar de todas estas circunstâncias que deviam tornar possível a integração dos temas hispano-portugueses na mesma revista, a verdade é que tal não tem sido possível.

Penso que, tal como aconteceu no caso da América Latina, talvez o que aconteça é que a realidade dos interesses comuns está mais ou menos encoberta por certa retórica, a retórica da unidade ibérica, a retórica da mãe-pátria e os povos latino-americanos ou hispano-americanos, e essa retórica faz com que surja uma espécie de desconfiança instintiva em pessoas que naturalmente lutam contra a retórica e que não acabam por aceitar a que possa existir a um nível de autêntica realidade e de seriedade uma série de propostas que são geralmente deformadas e desfasadas por um lirismo puramente superficial.

C. P. — Qual o futuro do Primer Acto?

J. M. — Não sei qual venha a ser o futuro do Primer Acto. Penso muitas vezes que atingimos um número que dá testemunho de muitos sacrifícios pessoais; penso muitas vezes que chegou já a hora do cansaço e outras vezes penso que há muitas coisas para fazer e que Primer Acto deve continuar.

Ultrapasso o problema do cansaço pessoal; o problema da existência ou não no futuro da revista. O que é evidente é que a revista que no futuro venha a existir, chame-se Primer Acto e seja feita por nós, ou tenha qualquer outro nome e façam-na outros, para levantar um discurso crítico, um discurso criador sobre a vida teatral espanhola, terá de contar, de alguma maneira, com o trabalho feito por Primer Acto ao longo destes últimos dez anos.

Obrigado, José Monléon.

CARLOS PORTO

Prontuário das Letras

Comunicar, explorar

Não está nos limites do Prontuário fazer uma recensão crítica, por breve que seja, a um livro como *Real e realidade — I*, de Alberto Ferreira, que a Editorial Inova acaba de incluir numa das séries da sua colecção As Palavras e as Coisas, mas tão-sòmente assinalar o regresso ao nosso convívio do autor dos *Ensaios da Filosofia para a História*, do *Diário de Édipo*, enfim do recente caderno *Quatro semanas em Outubro*. E dizemos «convívio» não por mero recurso de apresentação: a força da linguagem imagética de Alberto Ferreira, que já um crítico sublinhou (Augusto da Costa Dias, in «Seara Nova», nº 1439, Setembro de 1965), atraiu-nos mais uma vez vivamente, ao mesmo tempo que sentíamos o seu caloroso humanismo de raiz reinventando a cada passo um tenso e desgarrador diálogo.

Organizado em duas partes — «Diálogos com a realidade» e «Fundamentos críticos para uma filosofia da necessidade» —, *Real e realidade* pareceu-nos mais acessível na primeira a um tipo de leitor médio como quer ser o Prontuário, mal armado, por definição, para a especulação filosófica — e pretender o contrário seria puro impudor.

Se bem nos apercebemos da trave-mestra desta obra complexa, e para além da confessada «necessidade de comunicar perplexidades, de explorar espaços conceptuais», cremos vê-la arrancar de um propósito de combate ao irracionalismo e cimentar-se na exigência da «liberdade de o homem se pensar como tal». Seguindo o autor, precisaríamos que «o homem é um ser privilegiado: pensa e sabe optar. Para que o direito natural de opção se verifique no trânsito do conceito para o juízo fundamentado, torna-se indispensável a garantia do seu exercício externo. Cumpre que a sociedade dos homens ofereça a cada homem livre o que a liberdade exige: as condições necessárias e suficientes para o exercício da opção».

Dizer a própria vida

A semana foi, de resto, pródiga em novidades. Marquemos com uma bola branca, porque a merece, o I volume da *Peregrinação Interior* de António

Alçada: singular confissão

Alçada Baptista, subintitulada *Reflexões sobre Deus*, onde se dizem coisas importantes (aqui e agora, para usar o consabido bordão) com um estilo admirável pelo desenfastio e pelo humor. Aliás, sobre essas coisas escreve em certo ponto Alçada: *«Triste é saber no Outono que era o Verão a única estação.* É isso, Ruy Belo. Triste é ter quarenta e três anos e só agora pressentir o que são opções que vão efectivamente ao fundo das coisas e que, até aqui, andámos na contracorrente do mundo, autodidactas da própria personalidade. Agora, prisioneiro de coisas importantes, fiquei indisponível para coisas importantes». Ou ainda, em tempo: uma singular confissão que consegue não descer de tom ao longo de 300 páginas.

Dizer a própria vida foi esse também o impulso de Michel Leiris em 1939 com *L'âge d'homme*, que a Estampa agora verteu para português (*Idade de homem*, boa tradução de Maria Helena e Manuel Gusmão). Poeta, ensaísta e etnógrafo, Leiris nasceu com este século, fez parte do Grupo Surrealista, desligou-se dele e forjou uma obra importante, aproximadamente desde 1934 (*L'Afrique fantome*) banhando num clima alucinado e erótico para dar a maior violência possível à suprema coragem — a da confissão. Um clássico, dizem os franceses.

Os poetas

Falemos de poetas. Primeiro para revelar que está à venda nas livrarias do Chiado o volume de estreia de Fernando António Almeida, *O dia a noite o dia*, edição do autor distribuída a partir de Coimbra (Almedina). É o original posteriormente modificado, que a Sociedade Portuguesa de Escritores distinguiu há sete anos para publicação, e desde logo constitui — como nos casos de Luísa Ducla Soares e Fernando J. B. Martinho — um exemplo de que boa parte da gente dos anos sessenta se não deu a conhecer, pelo menos suficientemente, durante a *sua* década. Um exemplo: «Agora outono não, / flecha de pasmo / já moído // Agora leva e deixa / o coração de pinho // // Agora outono traz / adaga de ouro e vermelhão, / a rima fácil: Paz / a rima clara: Coração». Para os que gostam de anotar estas coisas: F. A. Almeida foi contemporâneo em Coimbra dos jovens dos «Poemas Livres» e de outros poetas.

Falemos de poetas. M. S. Lourenço (*O desequilibrista, O doge*) reapareceu com *Arte combinatória*, de novo no Círculo da poesia da Moraes e reatando o «exercício original da linguagem» a que aludiu António Ramos Rosa. Por sua vez a Ática reeditou *Pelo sonho é que vamos*, de Sebastião da Gama, com prefácio de Ruy Belo. Prefácio inteligente, desmistificador e justo, doravante peça fundamental no «processo Gama».

O teatro que arde

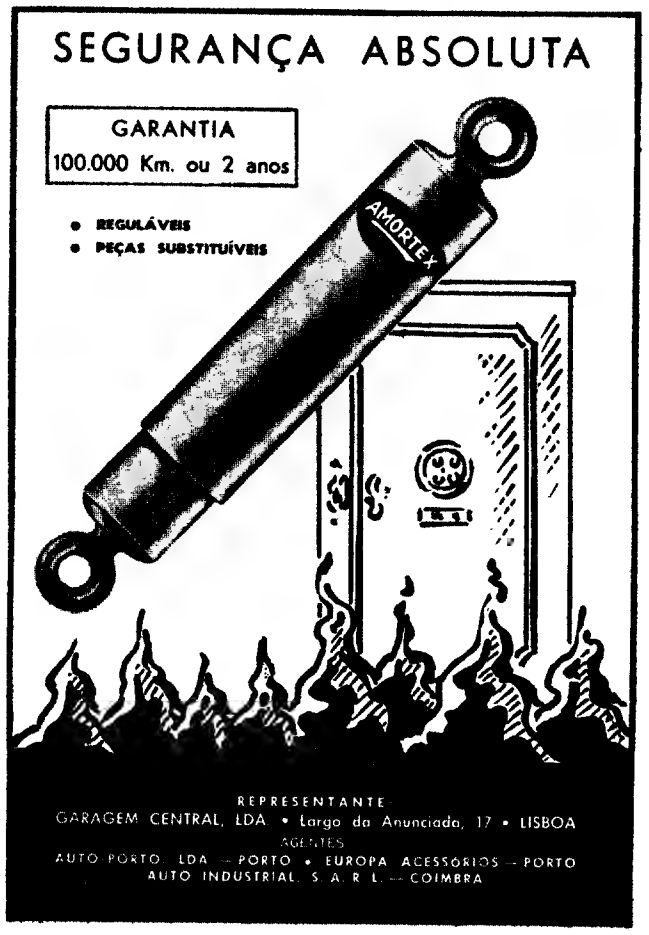
«O Teatro de Paris está a arder?», perguntava há dois anos Claude Roy escrevendo as reacções dos tartufos da crítica à encenação de *O concílio do amor*, do alemão Oscar Panizza, por Jorge Lavelli. E tinha razão para isso, já que esta peça de finais do século passado mereceu de J. J. Gautier os seguintes adjectivos: «tola, aborrecida, incongruente, obscena, repugnante, abjecta, ignóbil, imunda, ultrajante, ofensiva, excrementícia, vil, escandalosa e aflitiva». Muito se admiraria hoje o alemão, cuja farsa aparentemente anticlerical (tema: a invenção duma terrível doença por Deus para castigar o deboche dos mortais) é afinal um grito de revolta metafísica. Edição da Estampa e provável «best-seller».

Pronto para ler

EUROPA-AMÉRICA — Mais um volume da colecção de bolso (*A Oeste nada de novo*, de Remarque) e a 4.ª edição de *As finas madrugadas*, de Fernando Namora.

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Um romance de Françoise Mallet-Joris, *A casa de papel*, e as extraordinárias *Conversas com Picasso* anotadas pelo seu amigo Brassaï, fotógrafo.

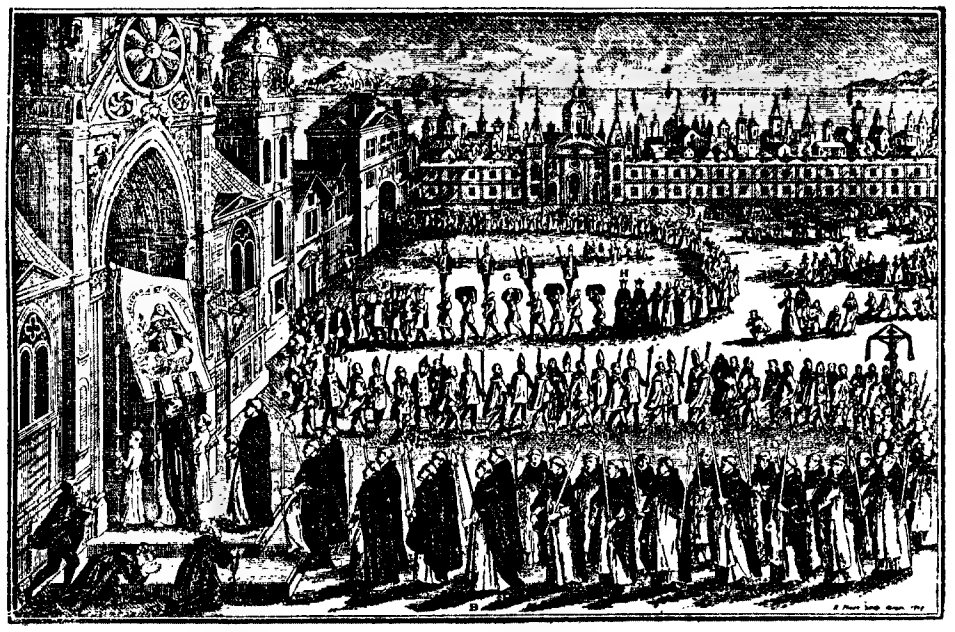
ESTAMPA — Na colecção Praxis um estudo de grande fôlego: *O Trotskismo*, de Léo Figuères, originalmente publicado nas Editions Sociales. A incluir numa biblioteca que se preze.



ÁTICA
EDITORES LIVREIROS
Rua Alexandre Herculano, 17-A — Lisboa

PELO SONHO É QUE VAMOS
Sebastião da Gama
«...é o seu melhor livro» (do prefácio de Ruy Belo para esta 2.ª edição)
Colecção Poesia
Obras Completas de Sebastião da Gama
25$00

DISTRIBUIÇÃO EXCLUSIVA:
LIVRARIA BERTRAND
APARTADO 37
AMADORA



Procissão de um auto-de-fé em Goa

POLÉMICA A «INQUISIÇÃO E CR DE ANTÓNIO JO

Entrevista com o Prof. I. S. RÉVAH, con

EM 1968, indicava António José Saraiva no Prefácio de **Inquisição e Cristãos Novos:** «O nosso propósito (...) é **problematizar** a Inquisição, problematizando do mesmo passo o conceito de Cristãos Novos. Na copiosa literatura publicada sobre ambos os temas raramente se ouvem as perguntas: o que é a Inquisição? O que são os Cristãos Novos? Dão-se os problemas como prèviamente resolvidos.

Pôr a pergunta e propor uma resposta — tal é a nossa intenção. E que o leitor não se deixe impressionar se o tom das páginas que vai ler lhe parecer demasiado afirmativo ou entusiàsticamente polémico. É uma questão de estilo. Que a pergunta fique, que provoque outros a novas respostas, isso nos basta».

Infelizmente a pergunta ficou... sem resposta. Aliás é quase sempre assim em Portugal. E no entanto interessa a todos nós portugueses e não apenas a uma camada de eruditos, a questão de saber claramente o que foi a Inquisição, qual o seu papel na repressão religiosa, ideológica e política durante três longos séculos, que meios utilizou, quem foram os perseguidos e porque o foram, enfim que cicatrizes deixou na sociedade portuguesa

Foi para provocar uma resposta, contraditória, claro, que decidimos entrevistar o Professor I. S. Révah, do Collège de France e da École Pratique des Hautes Etudes da Sorbonne, que à matéria tem dedicado grande parte do seu ensino e do seu trabalho de investigação, pesquisando nomeadamente nos Arquivos Inquisitoriais de Lisboa, nos Arquivos do Porto e de Braga, de Madrid, Simancas Saragossa, Bordéus, Rião Paris, Amsterdão, etc.

Esta entrevista assume um tom polémico. Ora toda a polémica pressupõe um estilo pessoal, uma vivacidade senão mesmo uma certa agressividade. São devidas aqui ao carácter da matéria, à personalidade do entrevistado, e ao calor da controvérsia.

A António José Saraiva, que, no início deste ano lectivo, foi eleito, através de um concurso internacional, Professor da Cadeira de Português da Universidade de Amsterdão, é devida a estima e a consideração que se devem ter por todos aqueles que no estrangeiro lutam, por vezes isoladamente, e com as únicas armas do esforço pessoal, pela elevação e dignificação da cultura portuguesa. «Cá dentro» são-lhe devidas algumas das mais raras e lúcidas sínteses sobre a cultura portuguesa. Este ponto bem assente, não se deixe o leitor impressionar pelo tom das páginas que vai ler... E que surja a réplica para esclarecimento de todos nós.

***A. D. S.** — Qual foi a sua reacção perante o livro* Inquisição e Cristãos Novos, *e a que causas atribui o êxito de livraria por ele obtido?*

I. S. R. — A minha reacção perante o livro foi e continua a ser uma reacção de indignação. Trata-se de um libelo demagógico contra a Inquisição. Entre todos os que conhecem as minhas origens e os meus domínios preferidos de investigação, poucos estarão inclinados a atribuir-me uma qualquer simpatia pelo Santo Ofício; no entanto, devo indicar que nas minhas investigações historiográficas procurei sempre aplicar, de maneira mais estricta que o próprio autor, a máxima de Alexandre Herculano: «As instituições mais absurdas, os maiores criminosos têm direito de exigir a imparcialidade da história.» O respeito desta máxima é para mim relativamente fácil, porque, no fundo, a unica questão que me interessa verdadeiramente é esta: «De que maneira e até que ponto os arquivos da Inquisição podem ser utilizados na reconstituição da história das suas vítimas?»

A radical incompetência na matéria de A. J. Saralva aparecerá claramente quando dissermos que ele não compulsou um único processo dos arquivos inquisitoriais ibéricos, cuja fabulosa abundância é capaz de fazer desanimar o mais corajoso dos investigadores. O nosso autor preocupa-se mais com dogmatismo ideológico — o qual aliás varia com o tempo — do que com investigação e interpretação dos documentos históricos. Ora acontece que quando A. J. Saraiva abordou, em 1955-1956, o tema da Inquisição e dos Cristãos-Novos, ele estava então persuadido que tudo, na história da humanidade se explica pela luta de classes.

A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

— Pensa que uma teoria influenciada pela concepção materialista da história encontra dificuldades ao tentar explicar o fenómeno dos cristãos-novos e das várias reacções que ele provocou em Portugal?

— As dificuldades que encontra a aplicação simplista desse esquema ao problema da existência de uma etnia neo-cristã e de uma religião cripto-judia *que agrupou durante séculos pessoas pertencentes a classes muito diferentes da sociedade portuguesa* posterior a 1497, constituem realmente um obstáculo de grande peso. Mas este obstáculo não impressionou o A. J. Saraiva de 1955-1956: para o vencer, bastava supor que a etnia neo-cristã e a religião cripto-judia eram mitos abomináveis inventados pelos Inquisidores portugueses (instrumentos da classe dirigente senhorial) e que a denominação de «Cristãos-Novos» era uma designação demagógica inventada pela classe dirigente e pelos seus agentes inquisitoriais para afastar do poder (até aos tardios decretos de Pombal) a burguesia mercantil e os seus aliados. Estas hipóteses tinham ainda uma grande vantagem, para um ensaista apressado, que não sente atracção especial pela poeira dos arquivos: a incompetência pessoal podia ser erigida em método historiográfico na medida em que estas hipóteses davam claramente a entender que a imensa documentação inquisitorial era, *pela sua inautenticidade original e radical*, desprovida de menor valor para o historiador.

— Acha que A. J. Saraiva mudou de esquema ideológico ao abordar, no seu livro de 1969, o problema dos Cristãos-Novos e da Inquisição?

— *Inquisição e Cristãos-Novos*, de 1969, não faz senão transformar, graças a um estilo horrìvelmente polémico e pretencioso, as *hipóteses* totalmente falsas de 1955-1956 em *teses* absurdas e demagógicas. Ora aquelas hipóteses foram objecto de críticas que, em 1969, A. J. Saraiva tenta escamotear ao transformá-las em objecções anónimas. Os leitores de *Inquisição e Cristãos-Novos* ignoram assim que:

1.º — a brochura de José Alcambar, *O Estatismo e a Inquisição* (Régua, 1956) citada em nota da pág. 228 (sem que o seu conteúdo real seja revelado) tem um subtítulo significativo: *Notas críticas ao livro «A Inquisição portuguesa» de António José Saraiva;*

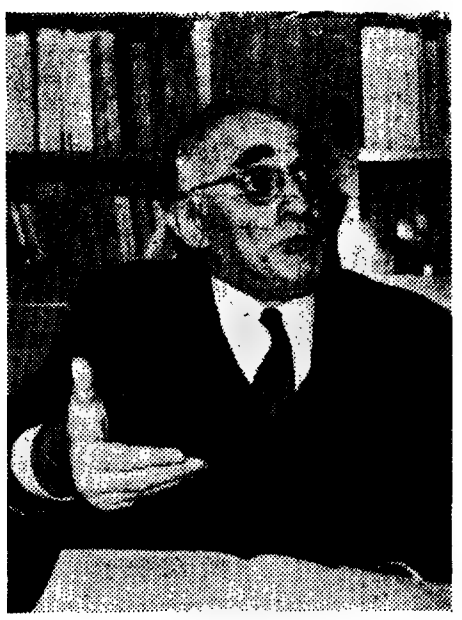
2.º — eu próprio critiquei aquelas hipóteses aliás sem nenhuma acrimonia, numa conferência *Qu'est-ce que les Marranes?* publicada em *Les Cahiers de l'Alliance Israélite Universelle*, n.º 120, 1958, e num artigo *Les Marranes*, publicado na *Revue des Etudes Juives*, tomo CXVIII, 1959-60.

— Permita-me no entanto insistir na minha pergunta de há pouco: como explica então o êxito obtido pelo livro?

— Eu creio que o próprio A. J. Saraiva já respondeu parcialmente à pergunta na entrevista que lhe concedeu (*Diário de Lisboa*, 24 de Julho 1969). Com efeito a sua pergunta sobre o significado da procura de temas históricos ou ensaísticos, por parte do publico português, revelada pelo êxito do livro, A. J. Saraiva respondeu enunciando a sua concepção da historiografia e evocando uma possível interpretação pessimista do referido êxito: «Por outro lado, pode haver um aspecto negativo nesta tendência, porque a história é um campo muito propício ás ideologias assim como ás utopias relativas ao futuro. Em geral, os livros de história são uma ordenação dos factos passados segundo uma ideologia que se formou posteriormente a eles. São portanto formas de dar ás ideologias aparências científicas. Neste aspecto, a procura da historiografia pode não ser uma manifestação de progresso e de desenvolvimento da capacidade de atenção.»

Direi sómente que o êxito do livro — que se explica em grande parte pelo seu feitio demagógico e pelas suas implicações ideológicas — me entristeceu profundamente, tratando-se dum tema essencial da história portuguesa. Além disso, surpreendeu-me a falta de reacções no campo dos historiadores profissionais: talvez tivessem ficado impressionados pelo alto patrocínio que certas personalidades francesas concederam ao livro. Este patrocínio reforçou o efeito extremamente pernicioso que terá o livro sobre o desenvolvimento indispensável da investigação no domínio dos Cristãos-Novos e da Inquisição.

— Para melhor situar o debate, e antes de iniciar propriamente a análise do livro referido, gostaria de lhe perguntar que importância reveste para a compreensão da civilização portuguesa a história espiritual e material dos cristãos novos? Por outro lado, António José Saraiva indica (pág. 24) que I. S. Révah emprega a expressão «Judeus» e «Criptojudeus» para designar «os Cristãos



Prof. I. S. Révah

-Novos espanhóis». Poderia dizer-me se para si estas duas realidades se confundem?

— Respondo imediatamente á segunda parte da sua pergunta. Para apreciar a boa fé do polemista A. J. Saraiva, basta citar um trecho de um livro meu de 1950 que ele leu e até citou: a minha introdução á edição dum manuscrito inédito do grande clássico João de Barros, o *Diálogo evangélico sobre os artigos da Fé contra o Talmude dos Judeus*. Neste trecho, sublinhava eu «a profunda diferença entre a situação espiritual dos cristãos-novos na Espanha e em Portugal»: «Na Espanha, as conversões violentas «verificam-se desde 1391, e durante todo o «século XV a polémica religiosa antijudaica «não abranda um instante. A invenção da «imprensa vem decuplicar o esforço dos «controversistas. A expulsão dos judeus elimina «a possibilidade de contágio dos convertidos «pelos judeus que professam a lei de Moi«sés. Os cristãos-novos formarão no seio do «catolicismo espanhol uma massa inquieta, «muito sensível ás novidades religiosas, mas «movendo-se afinal no interior do credo cristão.»

NÃO CONFUNDIR CRISTÃO-NOVO E MARRANO

Em Portugal, a situação é completamente diferente; no entanto, mesmo neste país, tenho o maior cuidado em não confundir o conceito de *cristão-novo*, que se refere ao domínio étnico (pois se aplica a todos os descendentes dos judeus portugueses e espanhóis convertidos pela violência ao catolicismo em 1497) e o conceito de *Cripto-Judeu* ou *Marrano*, que se refere ao domínio religioso (pois designa os Portugueses que, de 1497 até aos nossos dias, embora aparentemente católicos, aderiram clandestinamente aos dogmas essenciais e observaram algumas práticas da religião judia). O conceito étnico de *Cristão-Novo* era suscepti'vel de uma avaliação aritmética, dado que os Inquisidores podiam referir-se a alguém dizendo que ele era cristão-novo, meio cristão-novo, quarto de cristão-novo, ou até... «meio oitavo de cristão-novo». Ora, nem todos os Judaizantes e Judeus portugueses eram «puros» cristãos-novos, sob o ponto de vista étnico.

O que constitui, a meu ver a razão da extrema importância dos Cristãos-Novos na história da sociedade e da cultura portuguesas, sobretudo entre o fim do séc. XV e o fim do séc. XVII, é a massa enorme de pessoas ás quais se aplicou a conversão forçada de 1497. Todos os numeros que se possam avançar serão naturalmente aproximativos e discutíveis, mas não será grande exagero se dissermos que em 1497 os Cristão-Novos constituiam aproximadamente a décima parte da população total de Portugal, proporção absolutamente extraordinária na história dos Estados cristãos do Ocidente.

— Um ponto importante a esclarecer é o de saber qual o destino histórico dessa comunidade neocristã, no seio da sociedade portuguesa, após a conversão forçada. Assimilou-se inteiramente ao resto da população, ou manteve uma individualidade e personalidade próprias?

— É necessário ser dotado de um dogmatismo ideológico excepcional para supor que esta enorme massa de Judeus, convertidos através de meios abomináveis, e cujo nível cultural médio era bastante elevado, se fundisse no espaço de uma geração com uma sociedade de Cristãos-Velhos dominada pelo analfabetismo. Para mais, nenhum esforço particular de catequização católica foi tentado em relação a esta população profundamente judia, a qual, até 1531, pôde ter a

ACERCA DE «CRISTÃOS NOVOS» JOSÉ SARAIVA

conduzida por **ABÍLIO DINIZ SILVA**

I. S. Révah: uma certa agressividade

impressão de judaizar em segurança, contanto que respeitasse as regras elementares de prudência.

A GRANDE COMPLEXIDADE DA HISTÓRIA DOS CRISTÃOS-NOVOS

Eu nunca neguei que, desde 1497, certos Cristãos-Novos tentassem assimilar-se totalmente ao resto dos Portugueses. Mas em 1531, o processo de assimilação não devia ter atingido senão uma fracção bastante fraca dos Cristãos-Novos: é evidente que ele foi gravemente contrariado quando se desencadeou a repressão inquisitorial que obteve muitas vezes resultados exactamente contrários aos que se esperava do Santo Ofício. Daí a grande complexidade da história do grupo etnico-religioso, inicialmente homogénio, dos Cristãos-Novos, complexidade de que se não podem aperceber os ideólogos dogmáticos e que resulta da interacção de quatro factores diferentes, cuja influência sobre o destino de cada indivíduo foi, na realidade, muito variada:

1.º — a sinceridade da adesão a uma fé religiosa (católica ou criptojudia);

2.º — a reacção perante os efeitos da repressão inquisitorial do criptojudaismo;

3.º — a força do apego á terra natal;

4.º — o grau de submissão ás condições económicas e sociais.

Ao seguir, através dos documentos, a história bissecular de numerosas famílias neocristãs, pude constatar a integração progressiva, por vezes dolorosa, de muitos dos seus membros na sociedade católica. Mas pude também verificar a perpetuação da fé criptojudia entre muitos outros membros dessas mesmas famílias e a sua adesão, depois de expatriados, ás comunidades judias oficiais ou aos agrupamentos marrânicos semiclandestinos do estrangeiro.

A HISTÓRIA DOS CRISTÃOS-NOVOS ULTRAPASSA LARGAMENTE O QUADRO PORTUGUÊS

Assim, para responder completamente á sua pergunta de há pouco, eu diria que a importancia da história material e espiritual dos Cristãos-Novos ultrapassa largamente o quadro português e se refere também a numerosas nações que acolheram esses Portugueses fugitivos.

— No entanto, uma das teses essenciais de A. J. Saraiva é que os grupos de Cristãos-Novos da Península Ibérica nos séculos XVI, XVII e XVIII não tinham, nem «personalidade étnica» nem «realidade religiosa», antes, a sua personalidade «resultava sobretudo das suas actividades económicas predominantes e da consciência particular que dentro dele[s] tendia a criar-se em resultado da sua situação relativamente aos outros grupos sociais» (pág. 26).-Como encara esta tese, e como definirá os pressupostos que ela implica?

Eu já respondi, por, para o ideólogo A. J. Saraiva dos anos 1955-56 (as datas têm a sua importância), uma aplicação simplista do esquema das lutas de classes ao nosso problema não se podia acomodar com a existência multissecular, em Portugal, de uma etnia neocristã e de uma religião marranica criptojudia: o mais simples era negar esta existência e sacrificar assim a massa enorme dos factos históricos perfeitamente estabelecidos ao esplendor imaculado do dogmatismo ideológico.

O que é profundamente entristecedor, é que salvo raríssimas excepções, não se tem visto que o carácter ridículo das suas teses negadoras se podia comprovar por duas constatações históricas bastante simples.

1.º — dos fins do séc. XV aos fins do séc. XVIII, dezenas de milhares de Cristãos-Novos deixaram a sua pátria para reunir-se ás comunidades judias ou criptojudias, ou para fundar e manter novas comunidades, apesar da hostilidade mais ou menos tenaz que lhes manifestaram a Igreja Católica ou as Igrejas protestantes, segundo os lugares, e apesar do «handicap» social, e por vezes económico, que acarretava para estes fugitivos a filiação numa comunidade judaica;

2.º — grupos cripto-judeus, de uma homogeneidade étnica e religiosa notável foram descobertos *no séc. XX* em várias localidades portuguesas nas [illegible] interior do país.

A hipótese de 1955-56 era inteiramente falsa, mas a tese de 1969, que a retoma, agravando-a, é totalmente absurda. Podemos perguntar até que ponto A. J. Saraiva, que leu as objecções de José Alcambar e as minhas, acredita realmente nela. Aliás, o autor contradiz-se a si próprio, por vezes a algumas páginas de distância. Quando, por exemplo, quer demonstrar que nunca existiu em Portugal nem uma etnia neo-cristã nem uma religião cripto-judia, A. J. Saraiva baseia-se em documentos redigidos por autores que acreditavam firmemente na existência daquelas etnia e religião, e que procuravam que elas desaparecessem pacífica e gradualmente, como o Padre António Vieira, D. Luís da Cunha, o dr. António Ribeiro Sanches, etc. Daqui resulta que, no decurso da equívoca demonstração do autor, a palavra «Cristãos-Novos» designa: ora burgueses sem relação étnica nem religiosa com o judaismo (afastados do poder pela aristocracia senhorial e pelos seus agentes inquisitoriais), ora autênticos descendentes dos judeus convertidos pela força em 1497 (dos quais muitos aderiram ao cripto-judaismo).

CRISTÃO-NOVO IGUAL A ALTA GURGUESIA?

A aplicação simplista ao nosso problema do esquema da luta de classes exige:

1.º — que todos os «pseudo-Cristãos-Novos» tenham pertencido á alta burguesia mercantil e financeira; infelizmente para esta ideologia a maior parte dos Cristãos-Novos, e até a maior parte daqueles que foram perseguidos por cripto-judaismo, não eram ricos: o Santo Ofício, que sequestrava imediatamente todos os bens dos detidos, devia tomar a seu cargo, durante os processos, a subsistência de muitos *presos pobres* (foram conservados até hoje numerosos livros de contas para esta categoria de presos), entre os Cristãos-Novos encontramos homens da alta e da pequena burguesia, membros das profissões liberais, artesãos, trabalhadores eclesiásticos, muita *gente pobre*.

2.º — que os «pseudo-Cristãos-Novos» tenham constituído a alta burguesia mercantil e financeira desde o séc. XVI até ao «seu triunfo» na época de Pombal; infelizmente para esta ideologia, os documentos provam, e D. Luís da Cunha e o dr. António Nunes Ribeiro Sanches confirmam) que a alta burguesia mercantil e financeira autênticamente neo-cristã, a qual, quando existia, era apenas uma parte mínima da população neo-cristã total, só foi realmente poderosa de D. João III a D. Pedro II, que era praticamente já não existia no tempo de Pombal.

3.º — que os «pseudo-Cristãos-Novos» que aderiram no estrangeiro a comunidades judias não tivessem sido, antes da sua expatriação, judaizantes em Portugal, não faziam senão agregar-se, para benefício próprio, aos «nucleos de portugueses ricos e poderosos»; infelizmente para esta ideologia, as comunidades judeo-portuguesas de Amsterdão e Baiona sustentavam, no séc. XVIII, um numero considerável de pobres, cuja condição económico-social teria sido muito superior na sua pátria, não fosse o obstáculo da religião.

VALOR DOS PROCESSOS DA INQUISIÇÃO

— O problema essencial, posto pelas teses defendidas no livro, parece-me ser o do valor dos processos do Tribunal da Inquisição como fonte histórica fidedigna. Para A. J. Saraiva, toda a documentação é de fabrico inquisitorial e foi elaborada com vista a justificar a existência do Tribunal do Santo Ofício». Assim «o historiador escrupuloso, que toma á letra os documentos emanados da Inquisição, se arrisca a transviar-se num sábio labirinto» (págs. 11-12). Qual é a sua posição perante este problema e perante a tese de A. J. Saraiva?

— Tem razão ao dizer que este problema é essencial. O livro de A. J. Saraiva constitui uma constante agressão contra os historiadores que ousaram utilizar, ao lado de muitas outras fontes, os documentos conservados nos arquivos inquisitoriais. Estes historiadores, ora são colectivamente acusados de se deixarem iludir (a vários seculos de distância) pelos Inquisidores, ora individualmente ridiculizados (João Lucio de Azevedo

Cont. na pág.

UMA CARTA DE ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Do dr. António José Saraiva — a quem enviámos provas da entrevista com o dr. I. S. Révah para que pudesse desde logo tomar conhecimento dela e preparar, se de seu interesse e em legítimo direito, a respectiva resposta — recebemos a seguinte carta:

Senhor Director

Sinto-me sempre embaraçado com os contraditores obtusos.

A longa entrevista fornecida pelo Sr. I. S. Révah a um colaborador do seu jornal é um emaranhado confuso numa prosa repetitiva, repisada, sem cabeça, tronco e membros, mas com erros de Gramática (coisa muito para estranhar num professor que ensina Língua e Literatura Portuguesas no Collège de France). Para dar um pouco de unidade e animação a esta mexerufada, o Sr. Révah repete monòtonamente três ou quatro palavras à guisa de insultos (ideólogo, demagogo, dogmático, ridículo) *e nisso revela, ao mesmo tempo que a sua pobreza de imaginação, o rancor estrangulado que se esconde debaixo do seu pretenso ardor pela verdade científica. E é o autor desta brilhante prosa que se mete a apreciar o meu estilo, qualificando-o de «horrível»...*

É provável que o estado emocional patente nesta entrevista tenha afectado a inteligência do Sr. Révah, que noutros tempos, sob o impulso de um livro meu publicado em 1942, fez alguns trabalhos limitados mas meritórios sobre Gil Vicente.

O sr. Révah repete coisas que eu já disse como se fossem argumentos contra mim. Investe furiosamente contra portas que já estão abertas.

Aponta contradições que só ele vê porque não percebeu o que escrevi. Dá sentenças sobre a luta de classes que só conhece de ouvir falar.

Mas fala com a autoridade de um Prof. francês e prevalece-se de ter estudado mil processos inquisitoriais. Se bem percebi o que ele escreve, só pode falar da Inquisição quem conhece os processos da Torre do Tombo e outros arquivos; como eu não frequentei os arquivos, o meu livro não presta.

Eu poderia responder que havendo na Torre do Tombo 30 000 processos, o sr. Révah para ser coerente com o seu critério, ainda precisa de estudar 29 000 antes de se pôr a discutir ideias gerais sobre a Inquisição.

O meu critério é outro. Não faço investigação arquivística porque não é essa a minha especialidade. Só conheço os processos publicados, mas nem por isso desisto de tentar compreender o que se passou. Relacionando os processos conhecidos (incluindo os que o sr. Révah publicou ou resumiu) com outros documentos e com elementos do conjunto cultural, político, social e económico a que pertence a Inquisição, procuro uma hipótese em que eles caibam e se expliquem mùtuamente. O essencial para mim é estabelecer relações inteligíveis, com o material disponível.

Os paleontólogos que reconstituiram o esqueleto do dinossáurio também não dispunham de todos os ossinhos que o constituem. Imaginaram-no a partir de alguns fragmentos. O sr. Révah faz-me pensar num sábio que tivesse coleccionado mil ossinhos de um animal desaparecido que tinha 30 000; mas que, por não saber ligá-los, os tivesse acumulado em monte, sem ordem nem método. Até hoje os mil processos que juntou não lhe inspiraram uma única ideia.

A meu ver, o sr. Révah devia confinar-se ao seu papel de coleccionador e documentalista, em que é muito útil. Continue a estudar processos, já que os seus pulmões se dão tão bem com a «poeira dos arquivos». Mas não faça cenas públicas de ciúmes, quando outros, que têm uma vocação diferente, realizam um trabalho para que a natureza o não dotou. Ainda lhe faltam 29 000 processos para estudar: não perca tempo, homem!

Estas considerações, senhor Director, talvez me dispensassem de responder á miuda prosa do sr. Révah, que teve a bondade de me comunicar em provas. Dada a extensão da entrevista e a inevitável fadiga dos leitores que a lerem até ao fim, agradeceria que publicasse esta carta no mesmo número em que sair a primeira parte da dita entrevista. Mas reservo-me o direito de a comentar em pormenor depois da sua publicação integral. Vou relê-la com toda a atenção e paciência necessárias. Até pode ser que lá encontre alguma informação útil para completar ou melhorar uma futura edição do meu livro.

Com os meus agradecimentos antecipados, subscrevo-me com toda a consideração

ANTÓNIO JOSÉ SARAIVA

Condenado ao fogo com sambenito

POLÉMICA ACERCA DE «INQUISIÇÃO E CRISTÃOS NOVOS»

Cont. da pág. 5

I. S. Révah, Julio Caro Baroja) através dos seus próprios trabalhos. A. J. Saraiva está tão persuadido da estupidez destes autores, que nem sequer pensou em consultar pessoalmente os documentos sobre os quais se fundamentaram os historiadores que ele julga ridicularizar.

Com uma audácia inerível, A. J. Saraiva legisla soberanamente sobre uma documentação enorme *da qual ele ignora tudo*, aliás, como já afirmei, não tem receio em refutar-se a si próprio, por vezes a algumas páginas de distância.

«O MÉTODO DA PESCA À LINHA»

No Prefácio enuncia uma tese cuja grandiloquência dissimula mal um perfeito absurdo: «A respeito desta documentação, que aliás ainda só foi explorada pelo método da pesca á linha, importa lembrar que toda ela é de fabrico inquisitorial e foi elaborada com vista a justificar a existência do Santo Ofício. Os Inquisidores eram juízes e parte, não só de cada processo que moviam, mas ainda de grande causa que se processava no que podemos, sem retórica, chamar aqui o Tribunal da História» (pág. 11). Mas, nas págs. 119-120, A. J. Saraiva embora a má vontade que puseram os inquisidores portugueses, no fim do séc. XVII, em comunicar ao Papa — teòricamente o seu chefe supremo — alguns processos para ele os examinar: processos cuja escolha era deixada à discreção dos inquisidores. Esquecendo o que tinha dito no Prefácio, o autor não hesita em escrever: «Entre os milhares de processos existentes nos arquivos, os inquisidores como se vê, tinham dificuldade em encontrar dois que pudessem ser lidos por estranhos».

A propósito de um artigo do *Regimento* inquisitorial de 1640 no qual se ordena aos inquisidores: «Falarão com tal advertência na gente da nação que nunca deles [inquisidores] se possa cuidar que o ódio que todos devem ter ao delito se estende também às pessoas, antes se compadecerão quanto é justo da fraqueza daqueles que cometem culpas contra a nossa Santa Fé», A. J. Saraiva dá-nos um comentário cujo absurdo ele próprio já tinha demonstrado: «Este texto precioso é um *flash* revelador do espírito profundo da Inquisição, da vontade que a anima. A mesma advertência intencional que o *Regimento* impõe às falas orais dos membros da Inquisição é evidentemente respeitada — pelas mesmas razões, pelos redactores do próprio *Regimento* e de todo o formulário do Santo Ofício. Esta atenção prestada às fórmulas e á linguagem tem uma razão: é que os inquisidores atribuíam grande importância à opinião pública e procuravam influenciá-la através de uma *mise-en scène* que voltaremos a encontrar, especialmente a propósito dos autos-de-fé. Conseguiram assim criar um efeito de ilusão que sugestionava fortemente o povo miúdo e a gente simples. O mais curioso é que esta *mise-en-scène* influenciou também eruditos nossos contemporâneos, o que certamente não estava nas previsões dos inquisidores, mas não deixa de ser para eles um êxito impressionante». (Págs. 105-106).

Para demonstrar de maneira peremptória o singular absurdo da tese segundo a qual, no *Regimento do Santo Ofício*, se ostenteia uma *mise-en-scène* destinada a influenciar a opinião pública, poderemos limitar-nos a indicar que o autor tinha escrito anteriormente: «O próprio *Regimento* que estamos seguindo, apesar de impresso, era secreto. O exemplar que hoje podemos consultar na Biblioteca Nacional de Lisboa estava então reservado aos juízes (e provàvelmente ao promotor) da Inquisição e fora do alcance não só do público, como dos réus, dos advogados, e até da maior parte dos funcionários» (pág. 100). Assim, segundo A. J. Saraiva, os inquisidores pretendiam influenciar fortemente o público graças a um *Regimento* cuja existência eles escondiam rigorosamente.

— *Exposto o seu desacordo, que concepção opõe a estas teses de A. J. Saraiva?*

— Teses tão absurdas só puderam germinar no espírito de um publicista que não tem o menor conhecimento da documentação inquisitorial. Para esclarecimento dos infelizes leitores de *Inquisição e Cristãos-Novos*, é bom lembrar que aquilo que se designa por «documentação inquisitorial» é constituído pelos arquivos *secretos* de um tribunal *secreto*, regido por um regulamento *secreto*, utilizando uma prática *secreta*, segundo um formulário *secreto*. De tôda esta imensa documentação, subtraída à curiosidade das pessoas estranhas ao Santo Ofício, fossem elas o Rei de Portugal ou o Papa, só chegavam ao conhecimento do público as sentenças lidas nos autos de fé: e mesmo estas sentenças lidas publicamente eram precedidas de decisões *secretas* que fornecem muitas vezes ao historiador a verdadeira justificação da escolha, feita pelos juízes da fé, entre os diversos tipos de sentenças que estavam ao seu alcance. A documentação inquisitorial destinava-se *inteiramente a um uso interno;* ao participar á sua elaboração, cada funcionário do Santo Ofício só tinha um objectivo: convencer o funcionário seu superior, seja na hierarquia da instituição seja no mecanismo do processo.

Os arquivos eram de tal maneira secretos e os chefes do Santo Ofício estavam de tal maneira persuadidos que assim permaneceriam perpètuamente, que deixaram neles peças que lhes seriam prejudiciais se alguma vez tivessem a peregrina ideia de se justificar de antemão perante o «Tribunal da História»

1.º — documentos que provam que em certas ocasiões a Inquisição tinha condenado inocentes os quais tinham sido presos em virtude de testemunhos e de denúncias que foram finalmente reconhecidos como falsos;

2.º — documentos que provam que se encorajava a mútua vigilância e a delação dentro do próprio corpo inquisitorial;

3.º — documentos que provam que certos funcionários (principalmente notários) se deixaram comprar pelas vítimas potenciais da Inquisição;

4.º — documentos que provam que em certas ocasiões os funcionários, mesmo os que ocupavam os mais altos cargos, se comportaram como vulgares ladrões, apropriando-se indevidamente de uma parte dos bens confiscados aos condenados;

5.º — documentos que provam que em certas ocasiões os juízes das duas instâncias (Inquisições locais e Conselho Geral) infringiram leve ou gravemente, no seu espírito ou na sua letra, o direito que regia a instituição.

É escusado dizer que a apreciação destes fenómenos era, em grande parte, subjectiva, e por conseguinte arbitrária. Na prática, os inquisidores foram obrigados a procurar critérios mais objectivos, que nem sempre são claramente explicitados no *Regimento* (razão pela qual os ideólogos apressados os desconhecem muitas vezes), mas que se podem deduzir do estudo dos processos e de outras peças da documentação inquisitorial.

O PROCESSO

1.º — quando o preso negava e quando os indícios de culpabilidade eram fracos, submetiam-no a uma tortura graduada segundo o número das acusações; se ele resistia à tortura (o que não era raro), tinha «purgado» no suplício as presunções de culpabilidade, e abjurava *de levi* ou *de vehementi* (uma ligeira ou uma veemente suspeita de heresia), segundo o valor finalmente reconhecido ás acusações. Autênticos culpados (à face do código inquisitorial) resistiam à tortura e não podiam ser convencidos de heresia; autênticos inocentes, caluniosamente denunciados, podiam, debaixo da tortura confessar culpas inexistentes.

2.º — quando o preso negava, era geralmente colocado num «cárcere de vigia», onde o seu comportamento era vigiado, através de orifícios imperceptíveis, pelos carcereiros e pelos familiares do Santo Ofício. Quando ele se abstinha de realizar as práticas religiosas católicas e praticava os ritos judaicos ou marrânicos (jejuns judaicos, maneira de orar tipicamente judaica, declarações judaizantes a um companheiro de cárcere) a sua culpabilidade encontrava-se extraordinàriamente agravada. Mesmo quando ele se decidia finalmente a confessar, se não confessava o seu comportamento herético no cárcere, considerava-se a não-sinceridade da sua confissão como demonstrada e era entregue ao braço secular. O sistema dos «cárceres de vigia» era certamente uma invenção diabólica, mas do ponto de vista da repressão da heresia, os seus resultados devem ser considerados como autênticos. No decorrer da controvérsia de 1673-1681, a comissão pontifícia romana, informada *oralmente* deste sistema pelo delegado dos inquisidores portugueses, não cpôs nenhuma objecção contra ele; tampouco insistiu sobre este assunto o procurador dos Cristãos-Novos;

3.º — quando o preso confessava, mas não indicava os nomes do seu iniciador na heresia e de alguns dos seus cumplices (sobretudo quando se tratava de parentes chegados), era considerado como *diminuto*, autor de uma confissão incompleta, logo não sincera, e podia ser relaxado ao braço secular, se a tortura não lhe refrescava a memória ou não lhe permitia «purgar *diminuições*» pouco importantes, que não se relacionavam com os seus parentes. Ora os esquecimentos podiam ser voluntários (e portanto maliciosos), mas podiam também representar, sobretudo tratando-se de pessoas idosas, falhas da memória. Alguns Cristãos-Novos podiam ter aderido de sua própria vontade, mesmo sem persuasão exterior à heresia judaizante; mas isto era uma possibilidade que o Santo Ofício se recusava a admitir.

Por outro lado, não se tem insistido suficientemente sobre:

1.º — o carácter arbitrário da apreciação das denúncias formuladas contra os acusados. Numerosos suspeitos foram presos (mas nunca condenados) com base numa *única* denúncia. Muitos outros, que só tinham sido denunciados uma vez, foram deixados em liberdade; em relação a alguns destes, o historiador moderno consegue demonstrar que eram realmente judaizantes;

2.º — o carácter arbitrário da apreciação da concordância entre as confissões do acusado e os testemunhos da acusação — concordância que, por si só, segundo o direito inquisitorial, provava a sinceridade das confissões; nem todos os *confitentes* que não identificavam uma parte dos seus denunciadores recebiam o mesmo tratamento;

3.º — o carácter arbitrário segundo o qual os inquisidores decidiam que um preso confessando *in extremis* (depois de lhe ser comunicada a sentença condenando-o à fogueira) tinha voltado sinceramente á fé católica (e neste caso era «reconciliado» e libertado) ou que tentava simplesmente escapar ao suplício (e neste caso era relaxado ao braço secular e queimado).

— *Mas justamente todos estes argumentos não comprovam mais uma vez o carácter arbitrário dos processos e das sentenças proferidas pelo Tribunal da Inquisição?*

— Não faz sentido negar a omnipotência institucional dos Inquisidores, mas o que é preciso é comprovar nos documentos o uso que fizeram dos seus poderes os juízes da fé.

Através do *Regimento* inquisitorial de 1640, tendenciosamente citado, do panfleto anti inquisitorial *Notícias recônditas* e de alguns processos conhecidos em segunda mão e arbitràriamente interpretados A. J. Saraiva adquiriu a certeza da iniquidade das 30 000 sentenças que, aproximadamente, pronunciaram os inquisidores metropolitanos portugueses contra «supostos» judaizantes. Esta atitude exprime-se em três teses cujo carácter demagógico devia inevitàvelmente assegurar um grande êxito ao seu livro:

1.º — «as regras do processo inquisitorial eram incompatíveis com uma verdadeira imparcialidade de juízo e levavam automàticamente à condenação de inocentes» (págs. 75-76);

2.º — «o dispositivo dos jejuns no cárcere era posto em andamento quando o Santo Ofício queria assassinar legalmente um réu, tirando-lhe toda a possibilidade de defesa, de modo que os réus com quem isso se passava eram quase sempre relaxados. O segredo morria com eles» (pág. 142);

3.º — «não é talvez abusivo supor que haveria, da parte dos inquisidores uma propensão a condenar o maior número possível de presos a penas que implicassem confiscação de bens. Daí resultaria a vantagem de não haver que restituir os bens confiscados» (pág. 202).

Mas A. J. Saraiva não revelou em parte nenhuma aos seus leitores segundo que critérios os inquisidores escolhiam, dentro de uma totalidade de presos inànimemente inocentes:

a) os que eles absoviam;

b) os que eles condenavam á abjuração *de levi* ou *de vehementi* (sem confiscação de bens);

c) os que eles «reconciliavam», confiscando os seus bens, a partir de 1568;

d) os que eles tinham decidido assassinar legalmente através do dispositivo dos jejuns pretensamente realizados no cárcere.

«O modo de proceder da Inquisição com os seus presos» encerrava, com certeza, várias possibilidades de condenação de inocentes, mas dizer que «as regras do processo inquisitorial... levavam automàticamente à condenação de inocentes», *sem ter estudado pessoalmente um único processo*, é uma afirmação que sempre se recusará a propagar um historiador consciente das obrigações do seu ofício.

O historiador responsável, não tentado pelas facilidades da demagogia, se se der ao trabalho de estudar um milhar de processos dos séculos XVI e XVII, deve efectivamente reconhecer que, em numerosos casos:

1.º — os juízes locais consideraram que os promotores dos tribunais não tinham justificado em matéria de direito, quer os seus pedidos de prisão, quer os seus pedidos de condenação;

2.º — os deputados do Conselho Geral modificaram, quer no sentido de uma maior severidade, quer no sentido da indulgência, as decisões (intermediárias ou definitivas) dos juízes locais;

3.º — os juízes locais, por um lado, e os deputados do Conselho Geral, por outro, divergiram por vezes *profundamente* acerca da decisão a tomar, expondo cada um *longamente* as suas motivações nas sentenças secretas definitivamente adoptadas pela maioria dos votos;

4.º — os juízes das duas instâncias reconheceram *pùblicamente* que inocentes tinham sido falsamente acusados e até condenados, e em geral castigaram *pùblicamente* os falsários.

Auto-de-fé em Lisboa (grav. da História das Inquisições).

A «JUSTIÇA INQUISITORIAL»

— *O documento* Notícias recônditas do modo de proceder da Inquisição com os seus presos (*que A. J. Saraiva atribui à colaboração dum antigo notário da Inquisição, Pedro Lupina Freire, e do jesuíta P.e António Vieira) e o próprio* Regimento do Santo Ofício da Inquisição dos Reinos de Portugal, *de 1640 (muitas vezes citado por A. J. Saraiva) não justificarão de maneira definitiva a parcialidade, a falta de isenção e a injustiça das acusações que constam das sentenças? Não deixava este* Regimento *«nas mãos dos inquisidores o poder pràticamente absoluto e arbitrário de condenar ou absolver», anulando assim o valor de prova histórica dos processos?*

— Apesar de toda a sua demagogia, A. J. Saraiva não conseguiu pôr em relevo os aspectos mais escandalosos da «justiça inquisitorial». A explicação disto é simples: a responsabilidade não incumbe de maneira nenhuma a uma dada classe social *portuguesa* (daqui a impossibilidade de aplicar de maneira simplista o esquema da luta de classes), mas esses aspectos são a aplicação normal do direito canónico válido para todas as nações.

O direito canónico reconhecia aos inquisidores o poder de apreciar soberanamente a sinceridade ou a não-sinceridade das confissões feitas pelos hereges que confessavam as suas heresias passadas e pediam para ser reintegrados no seio da Igreja: era a sinceridade que justificava «a misericórdia da Santa Madre Igreja» e a «reconciliação» dos hereges. Quer dizer que o direito canónico reconhecia aos juízes da fé um poder quase sobre-humano: o de detectar infalìvelmente os mais íntimos fenómenos espirituais da alma dos presos.

ABÍLIO DINIZ SILVA
Leitor de Português na Sorbonne

CONCLUI NO PRÓXIMO NÚMERO

Folhetim-artístico de José-Augusto França

UM PROGRAMA NACIONAL PARA DAR USO AOS MUSEUS

HÁ CERCA de dois anos citei e comentei longamente num destes artigos o relatório Rioux — lúcido documento de importância bastante para ser considerado, ao pensar-se, depois, em reformas do ensino de ex-belas artes, porque de tal ensino nela se trata

Devo acrescentar, algo maliciosamente, que o relatório Rioux não parece ter interessado ninguém, pois, não dando eu a origem do documento, ninguém me perguntou donde ele vinha...

O Canadá donde veio interessa, porém, e, por exemplo, a França, onde o C. R. A. (Centre de Recherches Artistiques do Museu Municipal de Arte Moderna de Paris) procurou informar-se sobre a acção artística desenvolvida naquele país, ali enviando um estudioso (Suzanne Pagé) cujo relatório constitui, ele próprio, um interessante documento de informação e análise.

Do Canadá ainda, vieram-me agora notícias públicas que importa transmitir — dentro do quadro em que estes folhetins se empenham, clamando no deserto embora. E dentro de uma acção artística que tem de ser considerada como parte integrante da falada reforma do ensino (não só) artístico — pois sem ela este ensino fica socialmente amputado e vê reduzida a sua eficiência. Ou seria (será) um logro.

Trata-se de uma acção artística desenvolvida pelos museus canadenses — ou a desenvolver por eles É um programa ministerial proposto pelo secretário de Estado Gérard Pelletier em Ottawa, em Fevereiro passado — e diz assim:

«ESTABELECEMOS um certo número de prioridades que deveriam inspirar-nos na elaboração de programas precisos de actividades culturais no que diz respeito a museus e ao património nacional. Ei-las, em pormenor:

1 — estabelecimento dum plano geral de utilização das colecções dos Museus Nacionais; *a)* apresentações em Ottawa; *b)* exposições itinerantes; *c)* empréstimos prolongados a museus capazes de receber com segurança e de utilizar com eficácia uma parte destas colecções (...);

2 — estabelecimento duma lista dos museus em questão que poderiam chamar-se «museus filiados» — conforme a distribuição da população do Canadá. Poder-se-ia ter assim uma vintena de museus repartidos através do território e apresentando as populações servidas o que, nas colecções, não deve essencialmente permanecer imobilizado;

3 — elaboração das condições nas quais estes museus poderiam ter estatuto de museu filiados e receber subvenções de imobilização de operação permitindo assegurar às colecções ao mesmo tempo as condições físicas e o pessoal qualificado necessários à sua plena e segura utilização;

4 — estudo das necessidades suplementares dos museus nacionais quanto às aquisições a fazer para assegurar às colecções a qualidade e a quantidade necessitadas por este alargamento do seu uso;

5 — estudo de necessidades de espaços dos museus nacionais;

6 — constituição duma rede de «centros nacionais de exposição» completando a trama dos museus filiados, por via de acordos subvenções - apresentações; estes Centros alcançariam o grande público por intermédio de *animadores;*

7 — formação duma «Colecção nacional de empréstimo que possa, por intermédio de circuitos regionais, atingir o mais vasto público que for possível;

8 — em ligação com a Information Canadá, a Société Radio Canada, o Office National du Film e o Conseil des Arts, realização dum «Programa nacional de vulgarização»;

9 — paralelamente, estudo científico do público dos museus nacionais e dos museus filiados;

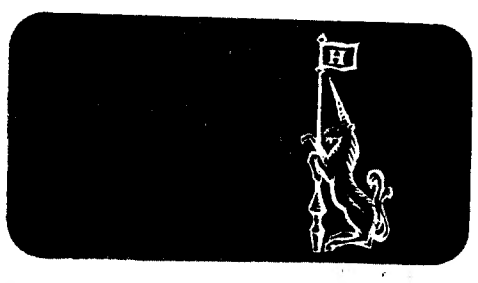
10 — princípio do inventário das grandes colecções do país;

11 — controle da exportação das obras de arte e dos objectos que fazem parte do património nacional»

PORTUGAL não é o Canadá; fàcilmente se poderá saber quantas vezes a sua área é menor. Fàcilmente também se poderá saber o que nela falta e que o Canadá tem.

Um programa destes, para começar...

Estamos aqui ao nível da acção estritamente atribuível aos museus — que já, porém, através dela, se definem como locais vivos. Mais vivos ainda eles seriam



se a parte das exposições (que os museus portugueses ignoram, itinerantes ou não — que sempre por incapacidade de as organizar) fosse tomada como elemento dum todo cultural — um sistema de *Casas de Cultura.*

NESTE SISTEMA há que insistir — procurando uma nova situação para os museus. Templos ainda de musas, armazéns sinistros, latas de conservas de obras de arte — que se pode fazer com eles senão negar-lhes a existência que aliás não têm, a favor de outra, *moderna e necessária?*

Aqui e agora — que não no Canadá.

Stravinsky

Cont. da pág 1

estado de sonho») Stravinsky preferiu precipitar os plurívocos através da (in)utilização lúdica e dialética das fórmulas e formas musicais adquiridas. Assim viciou *visivelmente* as funções tonais e desflorou a arte de S. Cecília, com a qual estará certamente a estas horas a fazer uma sonata evidente para harpa e cravo (não temperado).

Mudemos de parágrafo. Lukács: «*A extensão, a profundidade, a amplitude de toda a expressão na vida e na arte dependem da extensão, profundidade e amplitude do mundo apreendido pelo sujeito como material a reflectir, o qual determina a expressão de modo imediato e mediato*» (Estética). Stravinsky, espírito viajado e sem trabalho certo, escolheu como

modo de apreensão do real um tipo especial de extensão que não aquela que permitia medir superficialmente o real. A *extensão* stravinskiana é um resultado da decomposição do cadáver de Descartes e é um modo de medir as fórmulas musicais com todas as dimensões (parâmetros sonoros) implícitas nelas.

A fórmula musical com os seus antibióticos à tona da água é a causa da expressividade não pasteurizada de Stravinsky. Daí a *evidência* com que as ideias são transmitidas e derivam de conflitos estruturais. Repare-se na génese do PETRUSKA. Durante a composição do Sacre, Stravinsky quis-se divertir escrevendo um concerto para piano e foi então que teve «*a visão dum boneco sùbitamente desenfreado que pelas suas cascatas de arpejos diabólicos exaspera a orquestra que lhe replica com fanfarras ameaçadoras*». Isto é algo diferente da expressão acerca da qual há a frase célebre de Stravinsky: «*considero a música, pela sua essência incapaz de exprimir seja o que for*» e que tem feito baralhar por completo os apreciadores de adjectivos.

Em torno desta frase criou-se um falso problema resultante duma leitura literária da música e reveladora da nacional propensão para o sentimento pretabricado. Fez-se no Domingo passado uma sessão de homenagem que teve lugar no Teatro Maria Matos num Concerto em Monólogo Ali tornou-se evidente a estupidez pacata da nossa boa gente, e as elocubrações estrábicas das autoridades. João de Freitas Branco (maduro) liofilizou, enquanto alguns sopros da Guarda Nacional Republicana executavam. Sem bafo

Foi descerrada uma lápida onde Stravinsky tinha evacuado a primeira nota. A Juventude (1) Portuguesa mostrou mais uma vez o respeito aos mestres, o que só lhe fica bem. Cada país tem a juventude que merece. Os críticos desabotoaram as calças e mostraram as boas intenções. No fim todos se congratularam numa sentida homenagem enquanto estregavam as mãos e diziam: mais 1 que já lá está.

A Madalena, que é a minha doce fita azul de Tournesol, arrefece impassível no frigorífico enquanto caracoleia o penteado sem fé, esperança nem caridade, apesar de eu gostar cada vez mais dela

JOSÉ ALBERTO GIL

(1) Musical.

INSTITUTO DE LÍNGUAS

Sede: **Rua Sociedade Farmacêutica, 30-1.º**
Tel. 5 45 30

ANEXOS: Largo do Chiado, n.º 15, 3.º — Telefone 367002
Avenida Manuel da Maia, n.º 46, 1.º — Telef. 721498

INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

PORTUGUÊS (para Estrangeiros)

CURSOS PARA PRINCIPIANTES E DE TODOS OS GRAUS
ABERTO TODO O ANO

PRÉMIO DE ENSAIO MÁRIO SACRAMENTO 1970

Realizou-se no passado dia 26 de Abril a reunião do júri para a atribuição do PRÉMIO DE ENSAIO MÁRIO SACRAMENTO — 1970, instituído pela **Editorial Inova.** Dirigiu a reunião, na qualidade de presidente, o Dr. Óscar Lopes, tendo participado os restantes membros: Dr. Fernando Guimarães e Dr. Jofre Amaral Nogueira, Prof. Jorge Constante Pereira e o Dr. Zeferino Coelho, que secretariou, em nome da Editorial Inova. Por decisão maioritária, foi distinguido com o Prémio o ensaio

PARA UMA INTERPRETAÇÃO DE FERNANDO PESSOA

de

Maria da Glória Padrão Costa Carvalho

A atribuição do Prémio vem coroar o empenho da **Editorial Inova,** sua instituidora, no sentido de estimular o trabalho de investigação e análise da cultura nacional, e deste modo contribuir para a revivescência das tradições culturais portuenses. A obra premiada será publicada na **Colecção Civilização Portuguesa.**

A CANOA

o jornal das crianças

Agora c/ 16 páginas

A venda em Lisboa:

Livrarias **Quadrante** e **Itau**

Pedidos de assinatura:
Rua 31 de Janeiro, 80 — FUNCHAL

ÁLVARO LAPA: OBRA OU RECUSA?

Por Rocha de Sousa

DO QUE EU VIVO e dou a ver é da recusa. Sugiro um exemplo, o da interrogação acessível a qualquer homem. Mas também traduzo a resposta em forma de solução prática, e aqui me quereria ver mais acompanhado. Por exemplo: supôs-se, finalmente, que eu sugeria atitude avessa ao século. Por falta de empenho em viver dele? Por desinteresse óbvio para com os várias manhas que o absolvem? Por não lhe pertencer, de algum modo o aborrecer? Sim, é patente na minha obra a função de recusa. Mas tem-se mais para ver, se se aceitar a recusa ao fundo nível, em que o que há não são os nomes e os pleonasmos, e as coisas encorpadas do luxo mole, mas a permanente retirada do ser ante os olhos, e a sua recriação imponente, que é o efémero destacar-se em fundo de vazio, há o Tempo, oh prováveis testemunhas, há a minha morte a desmascarar os exageros do langor animal. Qual é a solução prática?, respondereis. E eu pergunto-vos, provàvelmente em pintura: todas as soluções são práticas. Por exemplo? A criação de um acto. Outro exemplo? A sua aceitação sem culpa. Outro ainda? A sua comunicação. Sabeis somar: o optimismo incurável de dever morrer (1).

ÁLVARO LAPA

ÁLVARO LAPA
Galeria Buchholz

ALVARO LAPA, expondo de novo e fielmente na Galeria Buchholz, com uma certa indiferença ou como se tal galeria fosse o seu unico «editor» possível, apresenta-se na linha extrema da negação da pintura como

A. Lapa: auto-retrato

dádiva de consumo ou produto de *enganos* estéticos. A sua técnica de romper o silêncio, para o degradar, ajusta-se a uma espécie de crueldade ao mesmo tempo cínica e lassa. Quer dizer: a sua técnica é efectivamente uma forma de recusa, o que torna a obra afirmativa e, como tal, saturada de um destino particular. A técnica é um «primeiro grau, operatório», diz o artista ao se interrogar para se retratar. Auto-retrato, comportamento, reflexão ou doutrina, nessa posição só se estranha que ainda seja possível falar de obra, afinal referência a uma relação que neste caso já não parece ter sentido. A obra de Álvaro Lapa não se mede na dimensão física dos seus meios, na sua proposição meramente plástica porque nesse domínio ela não passa de presença transitória, brove como o ser, mortal e tosca, anti-artística e anti-estética, se se quiser. Onde essa obra se significa é como atitude, discurso de uma ausência, confirmação ética de um destino que se cumpre fora dela e, apesar de tudo, com ela. «Uma obra é um procedimento imaginário, imaginado, que explicita técnicamente uma função ética».

Para Alvaro Lapa, a vida é mais importante do que a instauração do rigor na obra que o acto constrói. O acto é mais importante como prolongamento do viver, ou como forma do viver, do que como agente da estética negociável. Os quadros do autor, momentos de uma lassidão que é reflexiva e denuncia de um sistema de relações, desistem de qualquer brilhantismo artesanal, da própria experimentação plástica, para subsistirem como fragmentos perecíveis de uma viagem interior. Sim, decorrem do silêncio mas não são o silêncio. Diríamos: decorrem de um silêncio habitado, poluído pelas vozes da solidão, resumo e sequência da «aprendizagem da morte». O porquê da pintura, neste caso, importa muito mais do que o como. O como é a exigência mínima de explicitar o objecto na sua imediatidade ou na sua flagrante brutalidade — um facto, de subito presente e depressa inutilizado. «Pinto mais «exposições» que obras, o que não é bom nem mau, é um método». Um facto, força instantânea, presença da voz momentâneamente realizada ou corporizada, estas «exposições» tecem-se á ordem didáctica do que propõem, a quase negação do visível, o desmentido das aparências, a renuncia ao artifício do luxo estético. «Homem sem esforço, sem propósito, sem utilidade», poderíamos relembrar em relação a 1969. Tais obras, já o disse António Areal, «não lisonjeiam os finos estetas, não se promovem á aclamação e á intriga, condensam um silêncio de rigor algo solene». As «exposições» de Álvaro Lapa corrompem a própria utilização dos meios plásticos, como se não realizassem esse esforço, ou esse propósito, alheias á utilidade do rigor formal e da sua lógica permanência. Os objectos definem-se como degradação sistemática e inevitável desses meios — por isso os meditam, os negam, os submetem á imposição majestosa do ser. A breve trecho, são detritos, resíduos de uma vivência mais pressuposta do que declarada, lixo típico da civilização reduzida á banalidade e ao silêncio. A fealdade e absurdidade destes detritos, revelação de um mundo anteriormente assumido, acusam o nosso olhar e os seus vícios, avisam-nos com estridência de um *não-propósito* e de uma *não-utilidade* que são o próprio cenário do nosso lugar.

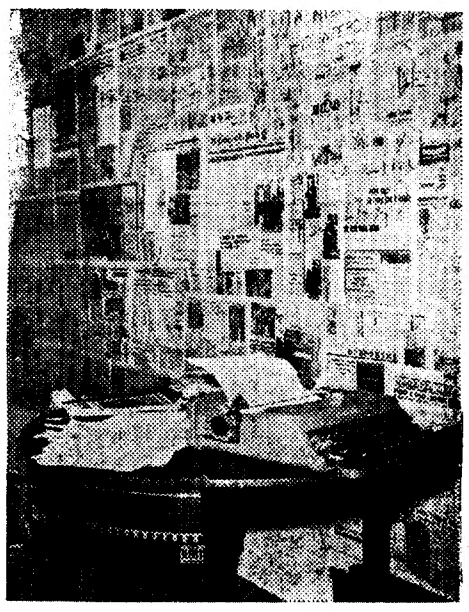
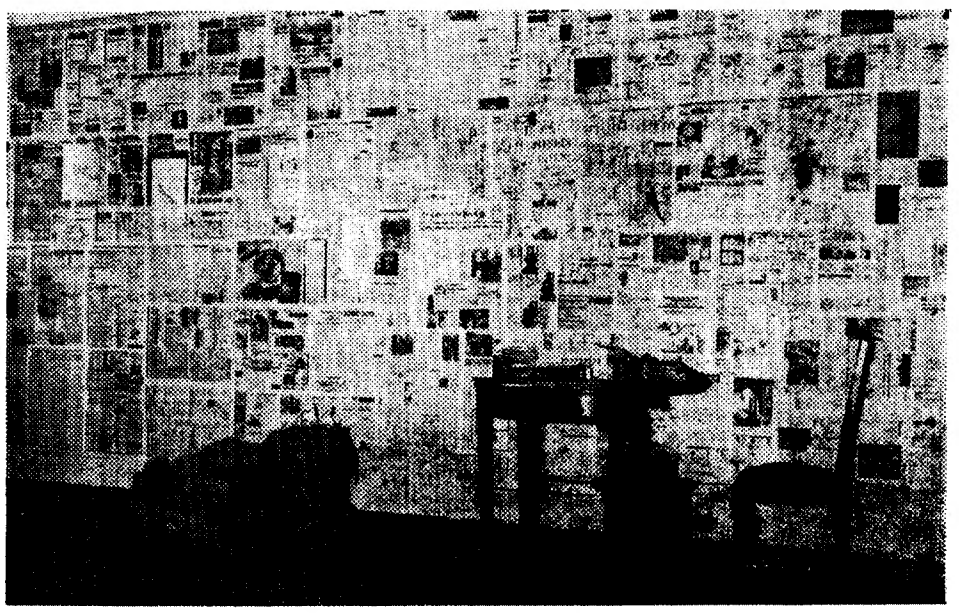
ALBERTO CARNEIRO,
JOÃO MACHADO,
ZULMIRO
Galeria Quadrante

A «INTERVENÇÃO» levada a cabo na Galeria Quadrante pelos artistas Alberto Carneiro, João Machado e Zulmiro suscita-nos as seguintes considerações:

É simpática a ocorrência de comportamentos libérrimos no horizonte dos nossos medos e das nossas imprecisões éticas. É interessante saber-se da presença, na *floresta*, de consciências lavadas e iluminadas que escapam ás obscuridades locais. E é importante pensar-se que a perfuração do silêncio, quando dirigida *aos outros*, implica inevitàvelmente uma responsabilidade social.

Carneiro-Machado-Zulmiro, «cavaleiro andante» de três cabeças, descido do norte com a lança flamejante da verdade em riste, aportou á Galeria Quadrante para organizar, com os *detritos do consumo*, uma campanha libertadora — não apenas da visão, é claro, mas também e consequentemente da consciência dos factos sociais, ou dos factos políticos, se se quiser. Fê-lo, no entanto, como se se estivesse dirigindo a surdos e a cegos com os meios que em geral se utilizam para pessoas normais. Para dizer coisas muito sérias, com algum humor, apesar de tudo, e um folclorismo urbano de circunstâncias, o «cavaleiro» quis-se provocador, incisivo e lucido, mas permaneceu sobretudo caricato e provinciano. Toda a sua rábula interventora, perante os moinhos-gigantes-da-opressão, com ou sem Dulcineias na perturbada memória, resumiu-se á agitação gratuita dos problemas, á imitação de processos semelhantes, á demagógia dos gestos bizarros sem verdadeiro suporte ideológico.

Acção colectiva, a «exposição» na Galeria Quadrante, equivocamente ligada a um circuito institucionalizado de distribuição da arte, reveste ainda identificações de tipo individual — Carneiro, o n.º 1, Machado, o n.º 2, Zulmiro, o n.º 3 — e afirma-se com uma agressividade que, para conter algum sentido e alguma moral, teria de envolver um comportamento mais profundo (uma verdadeira coragem, afinal) propondo-se crítica e ideológicamente de forma mais caracterizada. As «cabeças» do «cavaleiro» instauram a graça brejeira no contexto de uma problemática apenas aflorada, o que poderia estar certo se os planos não se misturassem até á ambiguidade e o discurso resultante não se constituísse como mistificação condenável. Plásticos, jornais colados pela parede, frases de banal impacto panfletário, detritos, insultos, lixo, etc., nada disso resulta sólido naquele pseudo-programa de provocação, que só ingénuamente se pode considerar chocante ou de algum modo eficaz. Espectáculo escorregadio e demagógico, oportunista e inconsequente, tal improviso em nada contribui para denunciar os lixos da civilização, a contaminação das vias informativas pela atmosfera tóxica do mundo contemporâneo, a esclerose dos meios e das pessoas. Em si mesma, não pela sua *forma* mas pela vacuidade do seu *tom*, esta «exposição» resume-se a um produto deletério, funcionando ao mesmo tempo como processo de iludir as questões fundamentais que os artistas *também* devem reflectir e denunciar.

(1) Os artistas por eles próprios, em «A Capital», 2-4-71.

A «intervenção» de A. Carneiro, João Machado e Zulmiro na «Quadrante» (ver abaixo): demagogia dos gestos bizarros sem verdadeiro suporte ideológico